



SAÚDE DO TRABALHADOR

PB tem 1,3 mil notificações por doenças ocupacionais neste ano

Casos estão relacionados a acidentes, exposição a materiais biológicos, LER e transtornos mentais. **Página 18**

Foto: Rosa Aguiar/Arquivo pessoal



Ruínas guardam histórias de escravizados

Localizada no Brejo, a Fazenda Tanques abrigava uma maternidade para mulheres negras no século 19. Passados 200 anos, o local foi aberto à visitação. **Página 25**

■ “Existem duas ladeiras escarpadas desaguando para a Rua da Areia das quais nunca me senti livre: a Feliciano Coelho e a Peregrino de Carvalho, que exigiam o máximo de nosso fôlego para se chegar ao cume, que era a Rua Nova”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “As noites juninas de sua infância, durante a adolescência, sempre deram lugar às responsabilidades com uma atividade cinematográfica, herança cultural que o tem influenciado tanto. Quiçá, por isso, seu apego às coisas da imagem e do cinema”.

Alex Santos

Página 11

■ “Investir tempo e recursos na avaliação precisa do valor da empresa não é apenas uma prática recomendável, mas uma estratégia inteligente para maximizar o potencial de crescimento e sustentabilidade a longo prazo”.

Amadeu Fonseca

Página 17

Deputados se lançam nas pré-campanhas

Cinco deles são candidatos a prefeito, enquanto outros fortalecem suas bases, nesse recesso parlamentar, para empinar nomes de familiares nas disputas municipais.

Página 13

Areia é a primeira cidade a receber a Rota Cultural Caminhos do Frio 2024

Foto: Evandro Pereira



Evento começa amanhã e faz homenagem ao Movimento Armorial. Roteiro turístico percorrerá, até setembro, outras oito cidades do Brejo paraibano.

Página 8

Correio das Artes

Nesta edição, o suplemento literário traz uma reportagem especial sobre os 10 anos de “encantamento” do escritor e dramaturgo paraibano Ariano Suassuna, dono de uma obra universal e atemporal. Também oferece uma análise sobre um dos mais importantes romances de Graciliano Ramos, *S. Bernardo*.

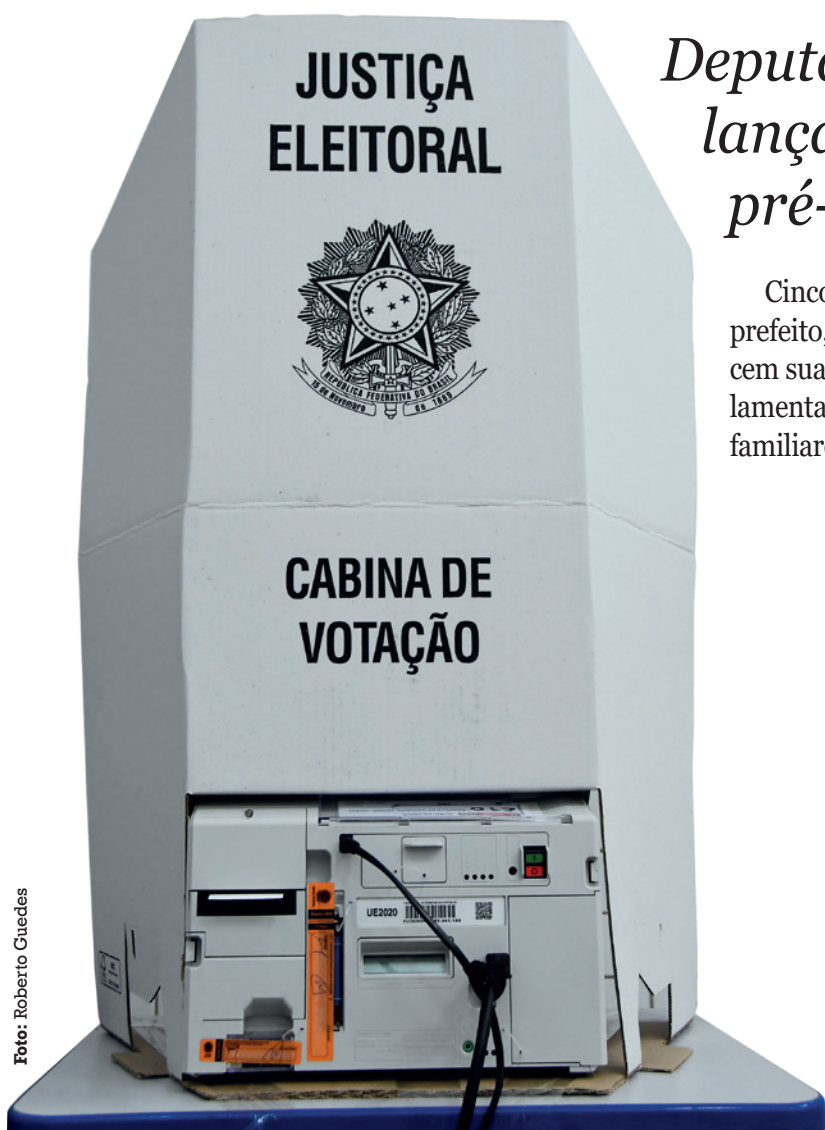


Projeto oferece nova chance a homens autores de violência

Iniciativa da Defensoria Pública do Estado promove a recuperação de agressores de mulheres.

Página 7

Foto: Roberto Guedes



Editorial

Escudo da democracia

Quem acompanha o cenário político internacional já percebeu a fragilidade física do presidente dos Estados Unidos da América, Joe Biden, do partido Democrata. Há cerca de um ano, o líder da talvez ainda maior potência econômica e militar do planeta chegou, inclusive, a tropeçar e cair, por ocasião de uma cerimônia de formatura na Academia da Força Aérea, no Colorado, estado localizado no oeste do país.

Mas o quadro de saúde de Biden, ao que parece, piorou. Ao menos foi o que ficou evidente, na quinta-feira (27), durante debate do atual presidente com o ex-presidente Donald Trump, do partido Republicano, promovido pelo canal de notícias CNN em Atlanta, na Geórgia. Biden deu claras demonstrações de que, além do físico, também está com a mente bastante afetada, provavelmente por algum tipo de enfermidade.

Embora nem todo mundo goste dos Estados Unidos da América, o fato é que o que acontece naquele país, no plano político, afeta o mundo inteiro, de uma maneira ou de outra. O governo de Biden não deu respostas adequadas à invasão da Ucrânia pela Rússia, nem ao genocídio praticado por Israel contra os palestinos, na Faixa de Gaza. Muito pelo contrário, deu apoio político e forneceu armas aos aliados dos EUA.

Uma vitória de Trump, porém, coloca as democracias planetárias em estado de alerta vermelho. Típico representante da extrema direita estadunidense, o republicano com toda certeza tentará tocar fogo novamente no teatro da política internacional, incentivando partidários do seu radicalismo ideológico a destruírem as instituições representativas do Estado Democrático de Direito. Um risco enorme à segurança global.

Quem tem apreço por um mundo pacífico, no qual a destruição da natureza e a manutenção das desigualdades sociais não tenham vez, deve ficar de olhos bem abertos e, de alguma maneira, dentro dos limites de cada um, posicionar-se contrariamente à subida ao poder de políticos da (mã) estirpe de Trump. Basta lembrar a invasão do Capitólio, nos EUA, em janeiro de 2022, ato reproduzido, no Brasil, em janeiro do ano passado.

O que o mundo mais precisa — hoje talvez mais do que nunca — é de lideranças políticas sensatas, de fato e de direito interessadas em resolver os problemas urgentes do planeta, como a fome, o desemprego, as pandemias e o aquecimento global. Políticos comprometidos com um “estado de ódio”, com um unilateralismo acostado a preconceitos de raça, de gênero etc., devem ser retaliados pelo voto, escudo da democracia.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

Golbery: “Criamos um monstro”

O Serviço Nacional de Inteligência (SNI) foi criado pela lei nº 4.341, em 13 de junho de 1964, com o objetivo de supervisionar e coordenar as atividades de informações e contrainformações no Brasil e exterior. Seu idealizador e primeiro chefe, cargo que ocupou até março de 1967, o general Golbery do Couto e Silva afirmou anos mais tarde: “criamos um monstro”. Durante todo o tempo em que o país viveu sob o regime de exceção instalado após o golpe de 64, o SNI atuou como um órgão de espionagem. Para que se tenha ideia da sua importância, dois dos seus chefes ocuparam a Presidência da República: Garrastazu Médici e João Batista Figueiredo.

Tinha como foco principal o monitoramento de inteligência voltado para os inimigos políticos, aqueles que eram considerados “subversivos” ou “comunistas”. Na agência central, em Brasília, eram coletadas, processadas e catalogadas as informações obtidas por meio de grampos telefônicos e censura postal. Relatório elaborado por especialistas do Arquivo Nacional, em 2008, aponta que mais de 300 mil brasileiros foram fichados pelo SNI durante a ditadura, muitos dos quais presos, torturados e assassinados. Agentes do SNI monitoravam as propagações de ideologias de esquerda nas universidades, empresas públicas, repartições públicas, igrejas, escolas e sindicatos, além de vigiarem as atividades financeiras dos bancos e empresas privadas. O Arquivo Nacional mostra mais de 2.250 documentos do SNI com menções à Assembleia Constituinte, procurando influenciar na elaboração da nova Carta Magna, além de críticas ao então presidente José Sarney, o primeiro civil a ocupar o cargo após duas décadas de governo militar.

Sua extinção se deu pelo presidente Fernando Collor, logo após sua eleição, substituindo-o pelo Departamento de Inteligência da Secretaria de Assuntos Estratégicos (DI/SAE) da Presidência da República. No governo de Itamar Franco, o Departamento foi elevado à condição de Subsecretaria de Inteligência (SSI). Em 1999, o governo Fernando Henrique Cardoso criou a Agência Brasileira de Investigação (Abin). Porém nunca deixou de ser um órgão influenciado pela Doutrina de Segurança Nacional da ditadura. O seu passado tenebroso tem se mantido no serviço de inteligência brasileiro. É uma herança da ditadura que não conseguimos apagar.

Mesmo com a redemocratização, o gover-

no civil que sucedeu os militares encontrou dificuldades para se adequar aos parâmetros do novo regime, mantendo suas atividades de arapongagem. Por isso é natural o questionamento se há razões para a existência de um órgão no modelo do SNI no Estado Democrático de Direito, considerando que suas atividades estimulam violações do direito individual e a prática de atos abusivos. Governos continuam utilizando sua estrutura para monitorar opositores e até aliados. Há indícios de que no governo passado funcionou o que passaram a chamar de “Abin paralela”, que está sob investigação da Polícia Federal.

A historiadora Priscila Brandão, autora do livro “SNI e Abin: uma leitura dos serviços secretos brasileiros ao longo do século XX”, registra que, após sua criação, o órgão se expandiu rapidamente, tornando-se uma rede altamente capilarizada e autônoma de arapongagem. “O SNI vai, igual a um polvo, se espalhando pelo Estado. Onde ele acha que precisa, ele cria uma agência nova”, ressalta a historiadora. Esse poderoso serviço secreto armazenou informações sobre parlamentares, estudantes, religiosos, intelectuais e líderes sindicais. Sua imagem, sem dúvida alguma, nunca deixou de ser a de um “entulho autoritário”.

“

O seu passado tenebroso tem se mantido no serviço de inteligência brasileiro. É uma herança da ditadura que não conseguimos apagar

Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Corredor da morte

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

De Viana pai a Viana Filho

Existem duas ladeiras escarpadas desaguando para a Rua da Areia das quais nunca me senti livre: a Feliciano Coelho e a Peregrino de Carvalho, que exigiam o máximo de nosso fôlego para se chegar ao cume, que era a Rua Nova com o belo portal de sua biblioteca universal e, do outro lado, a Rua Direita, o sonho do meu primeiro emprego, base e mirante ansioso de quase tudo a que pude chegar na vida.

Não há um gol, ainda que ajudado pela trave, desde os idos de 1952, quando passei a revisor remunerado de *A União* e de *O Norte*, que não tenha sido armado no cenário dessa antiga plataforma. Café Alvear, Filipeia e outras saudades em livro ou nas muitas centenas de escritos deixam ver ou entrever a peleja tímida desses sonhos desde uma véspera de 21 de abril de 1947.

Por que a data? Cria-me você, Chico Viana, que é sempre onde me vejo ao ter premiações como a de suas palavras nesse solstício de junho de agora, a mim trazidas pelo celular de um dos meus filhos. Como consta de crônica antiga, seu pai, o professor João Viana Correia, surge-me invariavelmente a cada uma dessas distinções ao chamar a atenção da classe para a pequena dissertação de um ginásiano iniciante que não era o nota 10 em gramática. A distinção tão remota ressurgiu a cada apontamento generoso, seja a do venerando Celso Mariz impressa em *Figuras e Fatos* de 1976, ou as de mestres atuais do seu porte humanista de crítico-literário. Seja o dos atuais formadores de opinião cultural e política como as notas recentes de Rui Leitão, Germano Romero, José Nunes, Alberto Arcela, Abelardinho Jurema, Flavinho Sátiro, Luiz Carlos de Souza, Afra Soares, só para citar os que cheguei a ler nesta última semana, além das felicitações amigas ou de registro como a do Pleno do TJ a dividir tais honras com o presidente também aniversariante, iniciativa, no meu caso, do desembargador José Ricardo Porto, continuador das amizades do pai Sylvio, jurista, político e, sobretudo, homem de espírito.

Tudo tão distante, sumido no tempo! Mesmo assim o velho coração ainda pulsa essa emoção seminal (e aqui recorro sem remédio à lingua-

“

Cenas que sempre surgem casadas, a subida penosa até a colina tangida por aquela voz forte que a sirene da fábrica não logrou abafar de todo

Gonzaga Rodrigues

gem de mestre Hildeberto) da fala propulsora do professor Viana perturbada pelo apito da fábrica quase vizinha ao Pio XI. No mesmo elenco de cenas, entram as duas ladeiras que abrem esta pobre recherche. Cenas que sempre surgem casadas, a subida penosa até a colina tangida por aquela voz forte que a sirene da fábrica não logrou abafar de todo.

Como gravou o velho Celso Mariz, “o moreno pálido vinha de Alagoa Nova, passando por Campina onde não sei se foi estudante ou vagabundo. Sei que trazia de lá bolsos vazios e poucas roupas, uns sonetos que nunca ninguém viu e a aspiração de debutar na imprensa, aqui na capital”. É essa aspiração espiritual que nunca deixa de se associar à exigida pelas duas ladeiras que me trouxeram da nota do Viana pai para a do Viana filho. Como isto é possível? Indago à imagem da Conceição que a mãe adotiva de minha mãe deu-lhe de presente de casamento em 1914. Outro materialista como eu e que muito me ajudou literária e ideologicamente, o inesquecível Geraldo Sobral, não fez por menos quando se viu agredido à faca na porta da Misericórdia por encomenda política: “Valha-me Nossa Senhora!” foi o que ouvi ao me juntar ao lavador de carro que o socorreu.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

PARA CABEDELO

Iniciativa leva educação, saúde e sustentabilidade

Programa Porto Cidade oferta serviços médicos, cursos e ações de conscientização

João Pedro Ramalho
 joaoprimalho@gmail.com

Sob a necessidade de ofertar uma contrapartida social ao município onde está instalado, o Porto de Cabedelo desenvolve o programa Porto Cidade, iniciado em setembro de 2023, cujas metas são a promoção de uma vida saudável, a capacitação de jovens e o incentivo a práticas sustentáveis. A iniciativa é dividida em quatro pilares, denominados Porto que Cuida, Porto que Educa, Porto que Toca e Porto Sustentabilidade. Desde o ano passado, foram realizados mais de dois mil serviços médicos, entre atendimentos e exames, e ofertadas mais de 450 vagas para cursos profissionais e aulas de música.

No Porto que Cuida, conduzido em parceria com a Secretaria de Estado da Saúde, a população cabedelense tem acesso a atendimentos de Clínica Geral, Ginecologia, Pediatria e Odontologia. As consultas são quinzenais. Também é possível fazer exame de ultrassonografia e coleta de sangue para hemograma, além de conseguir o encaminhamento para exames de alta complexidade. Para ter direito às ações, é necessário apresentar uma cópia do documento de identidade, o cartão do Sistema Único de Saúde (SUS) e um comprovante de residência com endereço em Cabedelo.

Já os pilares voltados à educação e à música viabilizam o desenvolvimento profissional e artístico. O Porto que Educa é fruto de uma cooperação com a Secretaria de Estado da Educação, por meio do programa ParaíbaTec, e já formou 250 alu-

nos, em cursos de Auxiliar de Fiscalização Ambiental, Logística Portuária, Assistente Administrativo, Inglês e Espanhol. Já o Porto que Toca alcançou cerca de 200 jovens, com aulas de canto, cavaquinho, bandolim, bateria, flauta doce, flauta transversal, violão e violino, ministradas por professores da Escola Estadual de Música Anthoner Navarro (Eeman). Segundo a coordenadora do Porto Cidade, Jéssica Guimarães, a oferta foi ampliada para o próximo semestre, com o preenchimento de 270 vagas e a inclusão da guitarra entre os instrumentos ensinados.

O quarto braço do programa, Porto Sustentabilidade, consiste em ações de sensibilização e capacitação para a população de Cabedelo, como detalha a coordenadora do projeto. "A gente promove palestras e vai até

as escolas, abordando desde a preservação dos nossos mares, flora e fauna, até a reutilização e reciclagem de materiais e a conscientização quanto ao uso de bens materiais não duráveis. A gente também já realizou oficinas, por exemplo, de sabão ecológico, que trata da reutilização do óleo para construir um sabão que pode ser utilizado tanto em casa como para venda", explica Jéssica. As ações são realizadas em parceria com empresas privadas e instituições públicas, como a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Para o presidente da Companhia Docas da Paraíba, Ricardo Barbosa, o Porto Cidade é responsável por transformar a realidade do município. "Ele não só propicia acesso à educação e ca-

pacitação profissional, mas também fortalece, significativamente, a cultura, a saúde e a sustentabilidade na nossa querida Cabedelo. Fico honrado e feliz em ver como estamos investindo no futuro dos cabedelenses, oferecendo amplas oportunidades para que possam alcançar seus sonhos e contribuir de maneira substancial para o desenvolvimento da nossa cidade", declara.



Acesse o Instagram do Porto Cidade para conhecer mais do projeto



Programa do Porto de Cabedelo já ofertou mais de 450 vagas para cursos profissionais

Foto: Ascom/Docas-PB

UN Informe

DA REDAÇÃO

SUDENE E CONSÓRCIO NORDESTE LANÇAM REDE ICT PARA ESTIMULAR O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO

A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), junto com instituições de ciência e tecnologia e o Consórcio Nordeste, lançou, na última semana, a Rede ICT Nordeste (Redicne). Em evento realizado em Recife, líderes regionais assinaram uma carta de intenções visando transformar o desenvolvimento do Nordeste. O objetivo é ambicioso: tornar a região competitiva por meio da neointustrialização, fortalecendo cadeias agroindustriais e digitais, investindo na bioeconomia, e promovendo a descarbonização e a transformação digital. Danilo Cabral, superintendente da Sudene, destacou a importância da união entre conhecimento e planejamento para melhorar a vida da população nordestina. Já o reitor Josealdo Tonholo, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), enfatizou o papel das universidades no pacto pelo desenvolvimento regional. Essa articulação busca acelerar a inovação e o empreendedorismo, com as universidades oferecendo sua expertise técnico-científica para além dos currículos acadêmicos. A expectativa é que, em dois meses, seja assinado um acordo de cooperação técnica, mapeando pesquisas e definindo metas alinhadas com a nova política industrial brasileira.



Foto: Divulgação

PROJETO RECOMEÇO

O Hospital do Servidor General Edson Ramalho (HSGER) e a Secretaria da Administração Penitenciária da Paraíba (Seap) lançaram o Projeto Recomeço. Essa iniciativa pioneira levará planejamento familiar para mulheres encarceradas, oferecendo-lhes não apenas controle sobre sua fecundidade, mas também uma chance de recomeçar suas vidas de forma mais equilibrada e esperançosa.

SAÚDE REPRODUTIVA

O projeto, que começará na Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa, reflete um compromisso sério com a ressocialização das reeducandas. Com treinamentos especializados e suporte médico completo, o HSGER se prepara para ser a base desse processo, mostrando que o cuidado com a saúde reprodutiva é um passo fundamental para a reintegração social e melhoria da qualidade de vida.

RETORNO À ASSEMBLEIA

Servidora do Tribunal de Justiça da Paraíba há 25 anos, a deputada Sílvia Benjamin foi a relatora especial dos Projetos de Lei Complementar nºs 23/2024 e 24/2024, que tratam, respectivamente, da criação da Contadoria Estadualizada e do reajuste de gratificações de quatro cargos no TJPB. "Fiquei extremamente feliz de, na minha primeira sessão após o retorno à Assembleia, assumir a relatoria de matérias tão significativas", disse.

MÊS DO ORGULHO

A Prefeitura de João Pessoa, por meio da Coordenadoria de Promoção à Cidadania LGBT+ e de Igualdade Racial, realizou, na sexta-feira, uma roda de diálogo para celebrar o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+. O encontro contou com a participação dos advogados e professores universitários Michelle Agnoleti e Zé Neto.

CIDADE EM OBRAS

O prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena, chegou à marca de 623 ruas calçadas em sua gestão. Apenas na última sexta-feira, foram entregues mais de 100 novas vias com calçamento em paralelepípedos, em 28 bairros. De acordo com a Secretaria de Infraestrutura, ainda há 550 ruas com obras em andamento. A Prefeitura já investiu R\$ 125 milhões nas ruas já entregues.

PROMOTOR DO MPPB APRESENTA TRABALHO EM SALAMANCA

O promotor de Justiça que atua na área de defesa da criança e do adolescente em João Pessoa, Alley Scorel, foi um dos palestrantes do 3º Congresso Internacional de Direitos Humanos e Sociais, que aconteceu em Salamanca, na Espanha. Ele apresentou trabalhos com foco no papel do Ministério Público da Paraíba como indutor de políticas públicas, mais especificamente no atendimento de crianças e adolescentes na modalidade de acolhimento familiar.

A transformação na vida de uma jovem instrumentista após ingressar no programa

A estudante Emilly Lima, de 15 anos, é exemplo de uma pessoa que descobriu novos horizontes após ingressar no Porto Cidade. Até 2021, ela morava em Lucena e era aluna de um projeto de música, no qual teve os primeiros contatos com o violino.

Em 2022, porém, mudou-se para Cabedelo e precisou

afastar-se das aulas. Até que, no ano passado, descobriu o Porto que Toca por intermédio de seu antigo professor. Foi a oportunidade para retomar a prática do instrumento e desenvolver novas habilidades. "Eu conheci professores excelentes e descobri uma nova educação através da música. Também aprendi

di muitas coisas no lado profissional, desde a postura do violino a como começar, se apresentar e terminar uma apresentação", relata.

Com o aprendizado, vieram os primeiros trabalhos como violinista. Neste ano, Emilly já tocou em um aniversário e em um casamento coletivo, sem contar as apre-

sentações com a equipe do Porto que Toca, no Teatro Santa Catarina, em Cabedelo. O novo estágio em sua relação com a música foi, para a estudante, uma surpresa. "Eu achava que sempre ia ficar parada, mas meu professor, Paulo Barreto, descobriu que eu tinha capacidade, que posso chegar aonde eu quiser, só depende de mim. E, no primeiro aniversário em que eu toquei, saí feliz. Parecia que eu tinha tocado na China", relembra.

A jovem instrumentista reconhece que sua trajetória está apenas começando, mas não se vê distante nem do violino nem do programa do Porto de Cabedelo. "Eu vou focar muito, muito nesse projeto, que me abraçou e me acolheu, como se dissessem que eu tenho a oportunidade de aprender mais e de viajar através da música. E vejo meu futuro com a agenda cheia, participando do Porto Cidade, até onde eles forem. Não vou abandoná-los nem tão fácil", garante Emilly.



Foto: Giana Lima/Arquivo pessoal

Emilly Lima, 15 anos, em uma de suas apresentações no Teatro Santa Catarina

Foto: Carlos Rodrigo



Márcia Peixoto

Psicóloga especialista em Gestão Estratégica de Pessoas e Análise Comportamental

“O etarismo é uma visão muito ultrapassada”

Em entrevista, especialista fala sobre a conscientização social, o preconceito etário e seu impacto no mundo corporativo

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

No cenário contemporâneo do mercado de trabalho, em meio às rápidas mudanças e competição acirrada, surge uma preocupação constante: o etarismo. O assunto tem ficado cada vez mais evidente, especialmente agora, momento em que as empresas estão lidando com o início da carreira da geração Z, nativa digital. Em entrevista ao Jornal **A União**, a psicóloga especialista em Gestão Estratégica de Pessoas, Psicologia Positiva e Análise Comportamental, Márcia Peixoto, fala sobre a conscientização social sobre o preconceito etário e seu impacto no mundo corporativo. Com 28 anos de atuação na área de recursos humanos, ela destaca a importância da diversidade para agregar valor às companhias. Confira, na íntegra:

A entrevista

■ O que seria etarismo?

A gente fala que o etarismo seria uma dificuldade, uma discriminação de mercado sobre pessoas mais velhas. Quando um jovem discrimina e acha que o mais velho não sabe de nada ou coisa parecida. Ele não é absorvido porque ele não oferece mais, ele não emprega mais. O que na verdade não é. A gente vê pessoas competitíssimas que estão buscando, e que seriam uma excelente aquisição para a empresa, mas existe essa discriminação com relação à idade.

■ Como acontece, na prática?

Você descobre isso na hora que a empresa delimita o perfil. Todo selecionador precisa ter um perfil do contratante. Quando o contratante manda, ele diz a faixa etária que ele quer. Então, ele diz exatamente o perfil e, muitas vezes, limita a faixa de idade. Quando eu lidero o processo de recrutamento e seleção, consigo identificar o etarismo no momento em que eu pergunto para a empresa se aceitaria um profissional mais velho, mas com perfil para a função, e a empresa não aceita.

■ E qual seria o motivo desse etarismo, na sua opinião?

Tenho observado que o primeiro motivo está na crença de que, quanto mais velhas, mais adoecem e perdem a coragem e a força, e não são mais produtivos e sem habilidade para tecnologia. Habitualmente, os mais novos pegam a tecnologia com mais rapidez do que o mais velho, mas não significa dizer que o mais velho não pega. É o que eu sempre deixo claro. O que a gente tem que entender são as pessoas e os perfis delas e não discriminá-las. Porque independentemente de raça, de orientação sexual, de idade, do que você imaginar, independentemente disso, o resultado assertivo de uma seleção está na capacidade da pessoa, está no movimento que aquela pessoa tem de vida e de trabalho. Por isso, eu acredito que essa discriminação não faz sentido nenhum.

■ Ao falar em etarismo no mercado de trabalho, pensamos nas pessoas com mais de 60 anos, que estão perto

ela ainda está acima da idade. Então, é um conjunto. Nunca aconteceu de uma empresa dizer exatamente assim, “olha, mulher nessa idade não”. Mas, quando você observa o mercado, existe, sim, a questão feminina. De forma velada, mas existe.

■ Hoje, uma pessoa de 40 anos está em plena atividade profissional. Por que as empresas estão caminhando em sentido oposto e discriminando esses profissionais?

O etarismo é uma visão muito ultrapassada. Eu lhe digo que as pessoas de 80 anos, hoje, não são as mesmas de 80 anos no passado. Elas têm hoje uma dinâmica e uma necessidade de longevidade tão grande que elas se tornam produtivas. Estão lendo, viajando, passeando... Essa capacidade produtiva da gente não tem limite. Então, quando você fala dos 40 anos, os 40 anos estão na melhor idade, numa maturidade excelente, porque têm uma vivência de mercado, um conhecimento melhor e, principalmente, um compromisso maior. Porque, habitualmente, ela já tem família ou já tem estrutura que ela mantém. Então, permanecem ainda mais na empresa, diferente dos mais novos, que não têm essa fidelidade.

■ Além de todas as características que você citou agora, você acredita que as pessoas acima de 40 anos (que estão sofrendo etarismo) são mais ou menos flexíveis?

Você percebe que os profissionais mais antigos continuam o trabalho, mesmo quando há algum imprevisto no ambiente de trabalho, enquanto os mais jovens têm mais dificuldades. Quando a internet cai, por exemplo, o jovem tende a acreditar que não há outra forma de desenvolver seu trabalho naquele dia e não consegue pensar em outras maneiras de resolver a situação.

■ O etarismo pode ser a causa de muitas pessoas decidirem mudar de área, então?

O que eu tenho visto, cada vez mais, são pessoas virando autônomas ou se dedicando a concursos, porque são as duas áreas que não têm limite para nada. Está sendo muito mais fácil virar autônomo, porque você oferece o seu negócio, e ninguém está perguntando qual é a idade que você tem. A mesma coisa acontece quando você passa em um concurso, porque não há limite de idade. Então, existem, de fato, essas mudanças e as pessoas estão conseguindo se virar para o lado que elas entendem que dá para ser feito, com o que elas têm de conhecimento.

■ Dentro das empresas, há etarismo entre os profissionais da equipe ou isso só acontece antes do recrutamento?

Existe, mas de forma diferente. São comportamentos do tipo “eita, você faz isso?”, “dessa idade e ainda consegue desenvolver

isso?”. Você vê que são posicionamentos questionando e julgando a capacidade do outro. Então, existe sim. Infelizmente, existe.

■ Além do prejuízo financeiro e profissional também, o etarismo acaba impactando na vida das pessoas, né?

De uma família inteira, talvez. Eu fiz uma entrevista nesse ano, de uma candidata, ela tinha 40 anos, o esposo tinha 47. Ela tinha acabado de sair do emprego e estava ansiosa, com uma angústia grande, porque o marido tinha sofrido para se recolocar no mercado. Então, na cabeça dela, já havia a certeza de que iria acontecer a mesma coisa com ela. Só para você ver o quanto impacta na vida das pessoas. Gera pânico, ansiedade, depressão, baixa autoestima. A pessoa fica comprometida, porque tudo isso é em cima de algo que não é verdadeiro, e ela passa a acreditar como seu destino. E isso acaba mexendo com a família toda, em todos os aspectos.

■ O etarismo também impacta nos negócios das empresas?

Com certeza. Tem a perda do profissional com uma competência muito maior para aquela entrega, de produtividade, que está comprometido e com toda energia ativa. Agora, imagine o que é uma empresa que coloca no seu quadro pessoas novas, que estão buscando trilhar sua própria carreira e melhores oportunidades. Essa empresa, ela vai ter uma rotatividade absurda, além de ter custos com rescisões, com capacitação e repasse de conhecimento, que são coisas que também entram no contexto. O que se tem que pensar hoje é no perfil de competências de profissionais e deixar desses pontos discriminatórios que não levam a nada.

■ Não seria benéfico para as empresas juntar profissionais de várias gerações?

Se houvesse uma análise e uma percepção do comportamento humano, o preconceito de idade cairia por terra. Uma pessoa mais velha tem mais experiência e tem vivências de situações que consegue resolver no dia a dia que o mais novo não vai ter. Assim como uma pessoa mais nova tem conhecimentos que foram mais fáceis para ela porque foi da época delas que o mais velho não vai ter. Se mesclassem essas duas realidades, ia ser um boom, uma maravilha. Por isso que eu digo, as tendências estão equivocadas, porque não está sendo feita uma análise correta do comportamento humano, uma análise correta de posicionamento profissional. A questão do etarismo está funcionando como uma desculpa desnecessária. É incoerente. Se eu tenho, hoje, uma idade de aposentadoria a partir de 65 anos, por que eu estou retirando do mercado antes disso? Não faz sentido. E se essas pessoas têm idade produtiva do

mesmo jeito? Sou totalmente contra esse tipo de bandeira, porque entendo que, quando a gente trabalha com seleção, a gente trabalha com profissionais, e o que eu tenho que olhar é a competência, é a habilidade e a entrega do profissional, e nada mais. O que a gente precisa buscar são profissionais competentes e comprometidos e que sabem executar o que está se propondo para isso. Independente da idade. Eu abro idade, porque é o tema daqui, mas eu penso em tudo. Eu penso em orientação sexual, cor, gênero... porque isso não contribui. Se a gente pensar como profissionais, como empresa que precisa de processos e que precisa de resultados, a gente, com certeza, vai, primeiro, deixar essa discriminação e, segundo, ter mais mão de obra qualificada, que está cada vez mais escassa, por causa de critérios desnecessários no momento de seleção.

■ Como as empresas podem agir para acabar com o etarismo?

É aí que entra o Recursos Humanos e trabalha em cima disso. A primeira coisa que deveria existir era a mescla na hora da definição dos critérios. É isso que tem que ser cultivado. A gente tem que avaliar comportamento. Ou seja, essa cultura de diversidade, ela tem que ser implantada já dos líderes. Então, o RH, ele tem que trabalhar a cabeça da liderança para que a liderança venha com outra percepção sobre isso. Isso é um ponto. Internamente falando, o ideal é criar situações onde haja troca de conhecimento. O mais velho capacita o mais novo, o mais novo capacita o mais velho e há uma interação entre eles, criando uma cultura de respeito e de complementaridade.

■ E, no caso dos profissionais que estão com dificuldade em voltar ou se manter no mercado de trabalho por causa do etarismo, o que pode ser feito para reverter essa realidade?

A primeira coisa é acreditar nelas, entender sua própria potencialidade. E se ela não consegue entrar no mercado por empresas privadas, pode procurar empreender, por exemplo. Então, o mais importante é ela não desistir e não entrar nessa de “ah, eu não valho nada”. Precisa entender sua própria importância, suas habilidades e colocar em prática. Já vi casos de pessoas que se formaram em Arquitetura, Engenharia ou alguma coisa parecida, e desistiram de tudo para fazer bolo e desenvolver essa parte manual, que é muito boa nelas. Eu estou lhe dando um exemplo, mas existem vários outros tipos de carreiras, com profissionais formados e especializados, que fizeram suas trocas porque entendiam que davam conta. Isso é para qualquer um, não é exclusividade de ninguém, não. Qualquer um de nós, sabendo exatamente do que a gente gosta, pode ser bom naquilo e ali ser rentável para a gente.

Capacidade

Independente de raça, de orientação sexual, de idade, do que você imaginar, o resultado assertivo de uma seleção está na capacidade da pessoa, está no movimento que aquela pessoa tem de vida e de trabalho

de se aposentar. Mas esse preconceito tem começado cada vez mais cedo, não é verdade?

Vim para João Pessoa, há 13 anos, para implantar uma empresa grande que estava chegando. Ali, no momento em que iniciei o processo de recrutamento, eu comeci a detectar fortemente, aqui, que existia uma restrição aos profissionais já a partir dos 40 anos, 20 anos a menos do que a aposentadoria. Foram os primeiros sinais que apareceram. No ano passado, fiz um processo em um hotel, em Maceió, e senti a mesma coisa. Claro que há muitas empresas que já conseguem perceber que o etarismo não faz sentido e tem uma prática completamente diferente. Recentemente, em um processo de seleção de um hotel daqui de João Pessoa, havia muitos profissionais de diferentes idades e, em vez de tensos, eles estavam se sentindo acolhidos, porque estavam sendo selecionados e incluídos de forma natural, dentro da cultura da própria empresa.

■ Levando em consideração a pressão da beleza que a mulher sofre, o etarismo tende a ser ainda pior para esse público?

Hoje em dia, as empresas não detalham mais vagas exclusivamente masculinas. Mas a gente sabe que para a mulher, como consequência de tudo o que ela já passou, a idade é mais um ponto negativo. Ela engravida, ela adocece, ela menstrua e, além de tudo isso,

CULTURA DIVERSIFICADA

Campina além do Parque do Povo

“Rainha da Borborema” recebe artistas de variados gêneros durante o ano inteiro, até mesmo no mês de junho

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Há anos que não é só de xote, xaxado e baião que sobrevivem os festejos juninos na Serra da Borborema. Em mais de um mês de festa, Campina Grande incorporou diversos ritmos e formas diferentes de vivenciar a cultura, de modo que o tradicional e o contemporâneo se encontrassem e conversassem — muito embora esse diálogo nem sempre seja amigável, ressalte-se.

Há quem defenda que, no palco principal do Parque do Povo, deveriam entrar apenas cantores das matrizes tradicionais do forró, hoje reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Mas há quem acredite que as atrações deveriam ser plurais e abarcar diversos públicos, independentemente do estilo musical.

De fato, Campina Grande é uma cidade com potencial para festas que vão além do forró. No entanto, durante o período junino, muito se fala sobre a descaracterização e a perda de espaço desse gênero para ritmos que já dominam as paradas e as pro-

Foto: Arquivo pessoal



Show da banda Zepelim e o Sopro do Cão, uma das atrações do São João Alternativo, evento fora do circuito forrozeiro

gramações festivas de norte a sul do país — como o sertanejo, por exemplo. Não foi à toa que, no intuito de evitar situações como essa, o estado de Pernambuco criou uma lei específica (Lei nº 14.679/2012), para proteger expressões artísticas genuinamente pernambucanas. De acordo com essa lei, 60% das apresenta-

ções fomentadas pelo estado e pelos municípios devem ser destinadas a artistas e grupos artísticos que se encaixam nessa acepção.

Esse processo cultural, que envolve o diálogo intenso entre formas de cultura popular, culturas marginalizadas e cultura de massa, tem um nome, para os estudiosos da

comunicação: chama-se folkcomunicação. Assim o definiu Luiz Beltrão, professor e estudioso que inaugurou esse campo no Brasil.

Para além de teorias, Campina Grande também vive, na prática, uma grande mistura de cantores, que incluem nomes como Elba Ramalho, Flávio José, Belo, Matuê e Alok,

entre outras tendências musicais que têm cabido no palco principal d'O Maior São João do Mundo.

Há quem concorde e há quem discorde do que é ou não forró. Mas o ritmo acabou incorporando batidas eletrônicas, de funk, de sertanejo e de piseiro. São sonoridades que compõem os versos

diários da tradicional festa nordestina — e geram discussões que ultrapassam as festas juninas. O modo como a festa cresceu e se expandiu foi tal que, neste ano, Campina Grande recebeu a ministra da Cultura, Margareth Menezes, junto com o governador do estado, João Azevêdo, na véspera do São João.

Diálogo

Em mais de um mês de festa, a cidade incorporou ritmos e formas diferentes de vivenciar a cultura, de modo que o tradicional e o contemporâneo se encontrassem

Museu Vivo: forró no relicário de memórias nordestinas

Na Paraíba, as discussões sobre a preservação da cultura paraibana sempre dão o tom do São João, que, apesar de tudo, conta com festas tradicionais em todos os cantos da cidade, como a que ocorre há mais de 30 anos no Museu Vivo do Nordeste, todo dia 23 de junho. No museu, montado na casa do professor Adonhiran Ribeiro dos

Santos, a festa é organizada pelo filho dele, Thiago Mentor, auxiliado por sua esposa, Cynthia Menezes. “Neste ano, inovamos com as pulseirinhas, para ter um controle maior dos convidados do evento. Nossa prioridade é exaltar o forró. O São João é forró, baião e xaxado. São elementos indissociáveis da nossa cultura”, disse Cynthia.

Neste ano, participaram da festa mais de 200 pessoas. Segundo Thiago, ele passou a ajudar na produção da festa assim que ela tomou outra dimensão. “Era apenas uma festa de família, mas cresceu de forma orgânica, junto com o museu, que também é a casa do meu pai. A coisa foi aumentando até se tornar essa coisa enorme”, contou.

O Museu Vivo do Nordeste, onde ocorre a festa e outras manifestações ao longo do ano, é também residência de seu Adon, como é popularmente conhecido o professor Adonhiran.

O museu é resultado de um projeto de extensão da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), instituição onde o professor, hoje aposenta-

do, deu aulas de História. Ele adotou o conceito de “museu casa” para a sua residência, que abriga, mensalmente, festas voltadas para manifestações de cultura popular. “A ideia é reproduzir, na medida do possível, um ambiente do semiárido nordestino. Então, a festa foi adquirindo uma verdade cultural cada vez mais profunda”, disse ele.

O museu, que existe desde 2010, conta com um vasto acervo de peças antigas que retratam, ambientam e também participam ativamente da festa, como é o caso das comidas que são cozinhadas no fogão a lenha, durante os eventos. Caldos, milho-verde e feijoada fazem parte do cardápio que é oferecido a quem prestigia a música.

Evento reúne estilos que agradam a variadas “tribos” culturais da urbe

A festa campinense não se resume ao Parque do Povo. Durante o mês de junho, a cidade conta com atividades que demonstram a grandeza cultural do que ela ainda tem a oferecer. Tem espaço, por exemplo, para punk rock, hardcore, coco e batuque. É o que será demonstrado a partir das 15h de hoje, no Polo Baixinho do Pandeiro (na AABB): o São João Alternativo de Campina Grande.

Com incentivo do Governo da Paraíba, por meio da Lei Paulo Gustavo, o evento será gratuito e terá, como atrações musicais, a banda Devotos (PE), Zepelim e o Sopro do Cão (PB), Batuque Nagô (PB), Coco de Seu Vira (PE), DJ Gleydson (PB) e DJ Herbíssimo (PB), além das participações especiais de Arthur (banda Cabruêra), Pablo Ramires e Felipe França.

Tanto o polo quanto o

■ **Evento é homenagem a Baixinho do Pandeiro, com apresentações de punk rock, hardcore, coco e batuque**

evento foram pensados como uma proposta alternativa à programação tradicional do São João. “A gente nunca vê espaço para o alternativo ou para os artistas locais, uma movimentação que ajude a suprir a demanda do público e dos artistas de uma cadeia produtiva que faz evento o ano inteiro, mas acaba ficando de fora”, comentou Babu, vocalista do Zepelim e o Sopro do Cão, banda campinense

que tem seis anos e lançou o primeiro disco, Caranguejo do Açude Velho, no ano passado.

De acordo com ele, a articulação para organizar uma programação alternativa e dar oportunidade ao artista que gostaria de estar no São João de Campina Grande, mesmo sem ser forrozeiro, começou no ano passado. “É por meio desse evento que a gente está conseguindo participar”, disse, ao ressaltar que a ideia da festa é pluralizar e diversificar, criando possibilidades para os artistas locais.

Por essa razão, a produtora do evento, Mola Produz, resolveu homenagear o artista Baixinho do Pandeiro, músico que sempre circulou entre as várias cenas de Campina Grande — de Elba Ramalho ao meio underground. Ele simbolizaria, portanto, o encontro de dois universos do meio cultural.

Chorinho, coro em canto e pé de serra: de tudo um pouco no Maap

Outro evento que ocorreu fora do circuito do Parque do Povo foi o Projeto Palco do Choro, com o grupo Chorata. A apresentação aconteceu na sexta-feira passada, no Museu de Arte Popular (Maap) de Campina Grande, localizado às margens do Açude Velho.

Nesta edição junina, o grupo se reuniu com convidados e homenageou o Forró do Nó, liderado por Noaldo,

cantor e compositor campinense. “Nó atua há décadas, tocando e cantando forró de muitíssima qualidade. Então, a gente pensou que seria uma parceria excelente, neste mês de São João”, disse Victor Herbert, bandolinista do Chorata.

A apresentação de chorinho acontece toda última sexta-feira do mês, é gratuita e aberta ao público. É um evento que faz parte do

Projeto Palco do Choro, que acontece em Campina Grande desde 2016, sempre com o grupo Chorata como anfitrião. “O principal objetivo é manter o choro vivo, pois é o primeiro gênero genuinamente brasileiro, respeitadíssimo em todo o mundo. Mas é também um meio de trazer artistas de Campina Grande e da região para mostrar as suas artes”, explicou Victor.



Na edição junina, o grupo Chorata homenageou o Forró do Nó, liderado por Noaldo

AMOR AO PRÓXIMO

Quando o “tutano” salva vidas

Tecido gelatinoso que ocupa o interior dos ossos é responsável pela produção dos componentes do sangue

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com



“Salvar uma vida é o mesmo que gerar. É como a sensação de um pai ou de uma mãe, quando concebe um filho. Eu não tenho como explicar essa sensação. Mas acredito que, para quem recebeu e nasceu de novo, deve ser um sentimento muito maior do que o meu”. É com essas palavras que Arinaldo Azevedo, paraibano de Catolé do Rocha, descreve o ato de doar um órgão ou tecido. Ele tem propriedade sobre o que diz, pois já realizou duas doações de medula óssea, entre 2015 e 2019.

Arinaldo se tornou doador depois do diagnóstico de leucemia de um primo, em 2012. Infelizmente, ele não teve compatibilidade com esse parente, mas, dois anos depois, o paraibano foi contatado pelo Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (Redome) para realizar outros exames, pois havia sido encontrado um possível receptor da sua medula, na Espanha.

Segundo Thais Benevides, hematologista e cirurgiã, o transplante de medula óssea é indicado para pacientes com doenças de sangue. “Enfermidades como leucemias, linfomas, mieloma múltiplo, além de algumas doenças da medula, como aplasia medular, que é benigna, e algumas do sistema imunológico e hematológicas, também benignas — como, por exemplo, a anemia falciforme — são tratadas dessa forma”, explica.

O transplante consiste na substituição da medula doente ou deficitária por células normais, com o objetivo de reconstituir uma medula saudável. Conforme Thais, a função da medula óssea (popularmente conhecida como “tutano”) é produzir todos os elementos sanguíneos. “É a nossa fábrica de sangue, diferentemente da medula espinhal, que é parte do sistema nervoso central”, disse ela, esclarecendo um equívoco comum. “É comum as pessoas pensarem que a doação de medula óssea tem algo a ver com a espinhal”, acrescenta.

A medula óssea é um tecido hematopoiético — palavra que vem de “hemo” (sangue) e “poiese” (fábrica) —, que pode ser encontrado em todos os ossos do corpo humano; ao longo do crescimento, ela vai sendo substituída por gordura. Na vida adulta, é possível encontrá-la em maior quantidade nos ossos longos, como úmero e fêmur, e em ossos chatos, como bacia e crânio.

Como acontece

Atualmente, as doações de medula óssea são realizadas de duas maneiras: por aférese e por punção. No primeiro método, o procedimento é realizado pela coleta da medula através do próprio sangue, semelhante a uma hemodiálise. No segundo, o paciente precisa ser submetido a anestesia, mas tem uma rápida recuperação das atividades cotidianas.

Arinaldo já foi submetido

“

Eu não tenho como explicar a sensação de salvar uma vida, mas deve ser muito mais forte para quem renasce

Arinaldo Azevedo

do aos dois tipos de procedimentos. Em ambos, todo o acompanhamento e custeio é realizado pelo Ministério da Saúde, por meio do Redome. “Esse órgão dá toda a assistência, o doador não tem gastos com nada. Do momento em que recebemos a ligação da possível compatibilidade até o deslocamento para exames, tudo é custeado pelo Estado. Recebemos até uma verba para cobrirmos as despesas, tanto do doador quanto do acompanhante”, destacou.

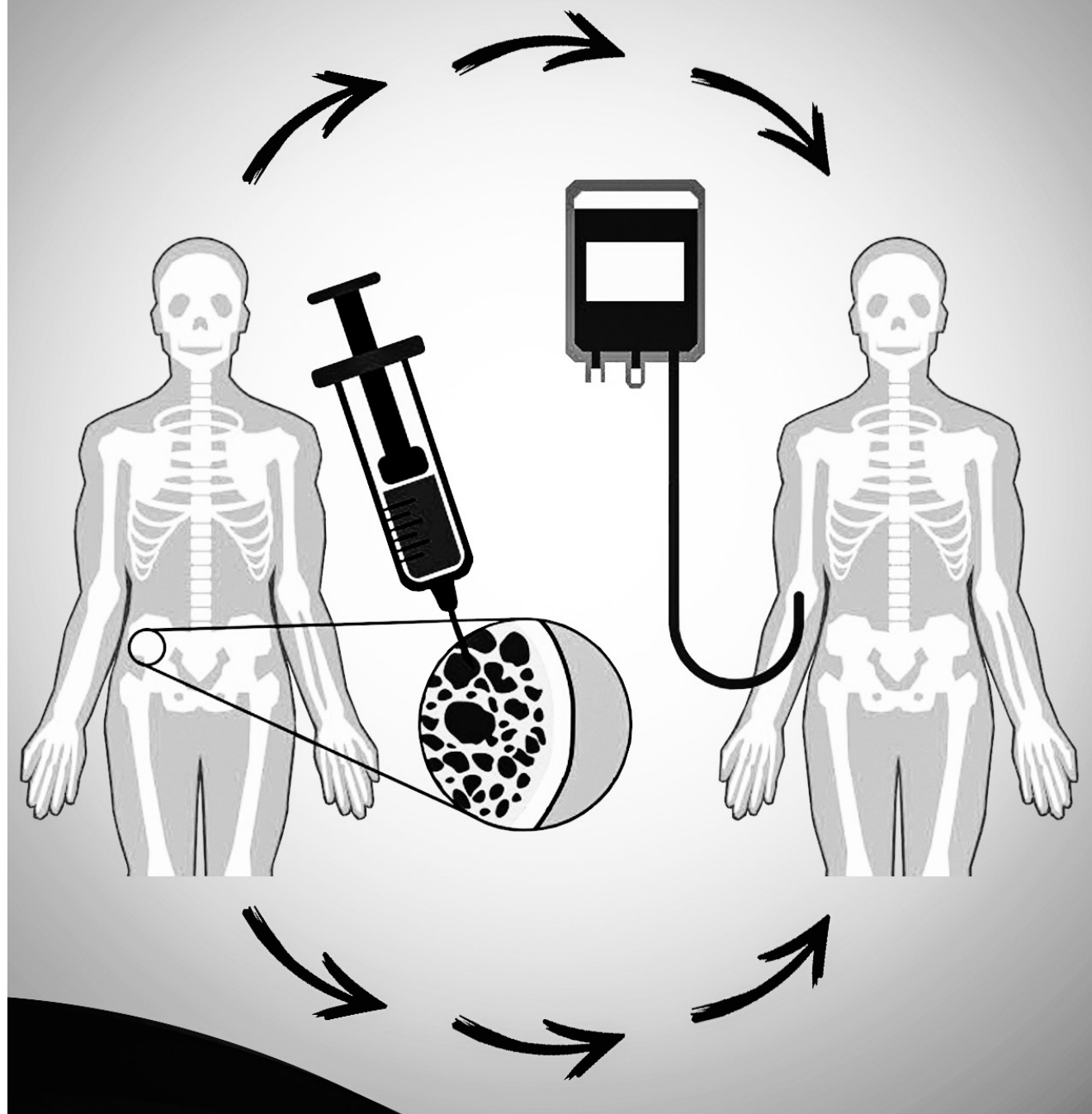
De acordo com a hematologista, o doador passa por uma bateria de exames, para comprovar se está em boas condições de saúde e pode doar. “A doação é um ato altruísta, voluntário, de bondade e amor. Então, a gente não pode fornecer riscos adicionais ao doador, seja de doença, seja de morte. Por isso, ele é cercado de diver-

sos cuidados”, assegura.

Dados e procedimentos

O Brasil possui o terceiro maior cadastro de voluntários de medula óssea do mundo, com 5.752.847 cadastros. Em 2023, foram realizados 4.262 transplantes de medula óssea no país. São

O QUE É TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA?



Procedimento é recomendado a pacientes com doenças que afetam as células do sangue, como leucemias e linfomas

112 hemocentros, atuando em conjunto em todos os estados.

O Redome foi criado em 1993. Atualmente, a probabilidade de compatibilidade de um doador nesse sistema beira os 90%. Vale destacar que as chances de encontrar um doador, no Brasil, são

compreendidas entre uma em 100 mil, enquanto que, no mundo, temos a probabilidade de uma em um milhão.

O banco de registros brasileiro fica atrás apenas do National Marrow Donation Program (Programa Nacional de Doação de Medula, em tradução livre), dos Estados Unidos, e do Deutsche Knochenmarkspenderdatei (Arquivo de Doador de Medula Óssea Alemão, também em tradução livre). O banco de registros alemão opera em diversos países, como Polônia, Reino Unido, Índia, África do Sul e, recentemente, Chile e Colômbia.

Idade limite para doar passou de 55 para 35 anos

Em 2021, a Portaria nº 685, de 16 de junho, alterou a idade limite para o cadastramento de doadores, passando de 55 para 35 anos — embora a idade limite de permanência no Redome seja de 60 anos. Ou seja, a data limite de idade diz respeito, especificamente, ao cadastro, e não à idade que a pessoa pode realizar a doação.

Segundo Betânia Souza, coordenadora de Biologia Molecular do Hemocentro da Paraíba, a resolução também alterou o limite de cadastros anuais, estabelecendo cotas por estado. “Depois dessa reestruturação, nós perdemos duas décadas [para novos cadastros]. Houve uma situação igual à da idade, de redução da cota [de cadastros anuais], em todo o Brasil. Antigamente, a gente podia coletar 13,2 mil cadastros por ano; hoje, nós podemos 4.251”, diz ela.

Banco de registros

A Paraíba possui o quarto maior banco de re-



Para se cadastrar como doador de medula óssea, basta ir a um hemocentro estadual

gistros do Nordeste, com 100.588 mil cadastros, atrás de Pernambuco, Ceará e Bahia. No estado, ainda não são realizados os transplantes de medula óssea, que ocorrem no Ceará, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco. Em 2023, foram realizados nove transplantes de medula óssea em pacientes paraibanos.

A diretora do Hemocentro da Paraíba, Shirlene Gadelha, destaca que, até o mês de junho, já foram realizados

2.858 cadastros no estado, sendo que 40 foram compatíveis com possíveis receptores — 24 em João Pessoa, 12 em Campina Grande, um em Sousa, um em Catolé do Rocha, um em Guarabira e um em Princesa Isabel.

O Hemocentro tem um projeto permanente de sensibilização e educação itinerante, que leva informação e realiza os cadastros por todo o estado, além de campanhas em hospitais. “A unidade móvel percor-

re todo o estado e se aproxima do doador. A gente busca sensibilizar as pessoas para fazerem esse cadastro. Também contamos com muitas parcerias na divulgação do nosso trabalho, para mostrar a importância de um transplante de medula óssea”, enfatiza a diretora.

Desde 2011, é realizada a campanha de conscientização Junho Laranja acerca de doenças do sangue — mais especificamente, a anemia

e a leucemia. A iniciativa foi criada pelo movimento Eu Sou Sangue.

Cadastramento

Para se cadastrar como doador voluntário de medula óssea, basta ir a um hemocentro estadual. Na Paraíba, são oito hemocentros: nos municípios de João Pessoa, Campina Grande, Guarabira, Catolé do Rocha, Piancó, Cajazeiras, Patos e Princesa Isabel.

De acordo com Betânia Souza, para realizar o cadastro, o doador autoriza tirar uma amostra do seu sangue, que é encaminhada ao laboratório conveniado, em Recife. Ele faz um cadastro e assina o termo de consentimento, no qual autoriza que o seu nome conste no Redome. “Uma vez que se cadastra, caso a pessoa seja compatível, quem entra em contato com ela é o Redome, perguntando se ela aceita dar continuidade ao processo. Se a pessoa disser ‘sim’, serão solicitados os exames complementares”, resume.

RECUPERAÇÃO SOCIAL

Nova chance a autores de violência

Por meio de rodas de conversa e reflexão, DPE-PB oferece oportunidade de mudança a agressores de mulheres

João Pedro Ramalho
 joapramalho@gmail.com

Entre os ditados populares que abordam a violência, está o que afirma: “Quem apanha, lembra, mas quem bate, esquece”. Contudo, especialmente quando se trata da violência contra a mulher, esse provérbio não pode se tornar uma regra. Quem comete uma agressão precisa não apenas lembrar, mas refletir sobre seus atos e aprender novas formas de encarar o mundo.

Nesse sentido, uma iniciativa que se destaca é o projeto Grupos Reflexivos de Homens Autores de Violência Doméstica e Familiar, conduzido pela Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB), por meio do Núcleo Especial de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (Nudem). O programa é composto por palestras, rodas de conversa e orientação jurídica, realizadas na sede da DPE-PB, em João Pessoa, e atende, atualmente, 80 homens, que cumprem medidas protetivas ou penas alternativas previstas pela Lei Maria da Penha.

A iniciativa foi criada em setembro de 2023, seguindo uma recomendação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), e já alcançou outros 75 autores de práticas violentas. Por meio de uma parceria com o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), os integrantes são encaminhados ao programa pelos magistrados que concedem medidas protetivas, com exceção de homens investigados por crimes sexuais, feminicídio ou tentativa de feminicídio, que não participam dos grupos na sede da Defensoria. A assessora jurídica da DPE-PB, Eliomara Abrantes, aponta que o comparecimento às reuniões também pode ser um requisito para responder a processos

Foto: Roberto Marcelo/DPE-PB



Criada em setembro de 2023, por recomendação do Conselho Nacional de Justiça, iniciativa atende, atualmente, 80 homens na capital

judiciais em liberdade.

Ela detalha como esses homens são abordados pelo projeto: “Primeiro, entramos em contato por telefone, mas sempre tem uma resistência. Aí, explicamos o projeto e marcamos um dia para eles virem à Defensoria e conversarem com o setor de Psicologia. Ainda assim, muitos chamam o setor jurídico, e eu explico a origem [do programa] e o que acontece se eles não aderirem. No caso, o juiz poderá

decretar a perda da liberdade, pela quebra de uma das medidas cautelares, ou, se [o homem] for atrelado a uma medida protetiva, pode decretar o descumprimento desta”.

Esclarecendo e orientando

O trabalho da assessora jurídica, porém, não se restringe ao primeiro contato com os participantes da iniciativa. Eliomara acompanha os encontros – 10, ao todo – e conduz uma parte deles, com

a explicação técnica das práticas criminosas. Se solicitado pelos participantes, ela também realiza um atendimento individualizado, com a orientação sobre como agir nos processos a que eles respondem.

Segundo Eliomara, geralmente são necessários alguns encontros até que os integrantes reconheçam a prática de uma conduta abusiva. A maioria deles associa violência apenas a agressão física ou ameaça de morte, e não enten-

de por que processos envolvendo pensão alimentícia ou disputa de guarda, por exemplo, também levam à participação nos grupos reflexivos. Além disso, a assessora jurídica se preocupa em destacar situações que, embora não configurem delitos, podem gerar ações violentas.

“Quando o homem não dá a devida atenção ao que sua companheira está apreciando; ou fica fazendo aquele ‘ouvido de mercador’, se ela quer falar

sobre alguma coisa da casa; ou se, com raiva, ele não atende o telefone; ou se proíbe a mulher de usar determinada roupa, por ser curta ou decotada, ou fala do corpo dela; ou, ainda, se diz que ela não pode ir à casa dos pais ou falar com uma amiga, ele não está cometendo um crime. Porém, a prática rotineira dessas condutas vai causar um dano psicológico à mulher, o que configura o crime de violência psicológica”, esclarece.



Foto: Daniel Carvalho/Dix

Se esses homens não aderirem ao programa, o juiz pode decretar perda da liberdade ou desobediência de medida protetiva

Eliomara Abrantes

Assistência psicológica é chave para trabalho de reeducação nos grupos

Dentre as reuniões que integram os grupos reflexivos, oito são conduzidas pela psicóloga Vanilda Luna. De acordo com ela, o objetivo do projeto é promover a reeducação dos autores de violência, apresentando uma forma de ver o mundo contrária à lógica machista a que estão acostumados. “Por exemplo: o homem afirma que briga com a mulher porque ela o agride. Mas ela o agride porque já veio de um caminhar para isso. Então, a gente faz com que eles reflitam sobre essa situação e apresenta a forma de evitá-la ou adiá-la”, relata a psicóloga.

As atividades promovidas por Vanilda incluem leitura e interpretação de textos e dinâmicas de grupo. Uma das técnicas utilizadas é a chamada “roda da vida”, na qual os participantes discutem as dimensões que formam a vivência humana, como os aspectos financeiros, sociais e afetivos. Outro serviço ofertado é a psicoterapia, que deve ser requisi-



Foto: Arquivo pessoal

Os autores de violência chegam aqui de uma forma e saem de outra, e nós nos sentimos bem realizadas com o nosso trabalho

Vanilda Luna

tada individualmente. São 12 sessões on-line, realizadas por uma psicóloga específica para esse fim, possibilitando, aos pacientes, novos modos de enxergarem a si mesmos e perceberem seus conflitos internos.

Multiplicadores

Para Vanilda, o caráter coletivo da iniciativa do DPE-PB permite que esses homens estejam mais abertos aos debates e se tornem multiplicadores, entre seus amigos e familiares, daquilo que aprenderam nos grupos reflexivos. Por isso mesmo, o projeto ganha um viés preventivo, evitando que novos episódios de violência aconteçam – algo celebrado pela psicóloga. “Ao fim dos nossos encontros, e nós temos testemunhas vivas que podem confirmar isso, há a mudança do pensamento. Os autores chegam aqui de uma forma e saem de outra, e nós nos sentimos bem realizadas com o nosso trabalho”, comemora.

Projeto também inclui palestras para detentos de penitenciária

O projeto dos grupos reflexivos ainda inclui palestras no Presídio Flósculo da Nóbrega, situado no bairro do Roger, na capital. Fruto de uma cooperação com a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap), as ações no sistema prisional atendem em torno de 25 homens por sessão. Os participantes, porém, costumam mudar a cada reunião, já que parte deles cumpre prisão preventiva. Consequentemente, a metodologia adotada nesses encontros é diferente, não sendo regida pela lógica sequencial das reuniões na sede da DPE-PB.

Independentemente do formato das sessões, os grupos são avaliados de forma positiva pela defensora pública e coordenadora do Nudem, Fátima Diniz. “O Judiciário tem um poder repressor, mas a Defensoria Pública tem o poder de ressocializar, mostrando ao homem que a violência doméstica não compensa. Esse



Foto: Arquivo pessoal

O Judiciário tem um poder repressor, mas a DPE-PB tem o poder de ressocializar, mostrando que a violência doméstica não compensa

Fátima Diniz

trabalho é muito importante e ainda está engatinhando, mas os resultados já estão fluídos, como a gente percebe pelas respostas que os homens dão ao término de cada curso”, defende.

Fátima salienta que o órgão também presta assistência às mulheres vítimas de violência, tanto jurídica como psicologicamente. A DPE-PB mantém parcerias com o Sistema Nacional de Empregos (Sine) e instituições privadas, ofertando às assistidas a possibilidade de se inserir no mercado de trabalho ou investir em sua formação profissional. Para a coordenadora do Nudem, a violência doméstica se tornou um caos social, devendo ser combatida com múltiplas estratégias. “Eu, como mulher, sempre digo que a gente não tem que trabalhar apenas a mulher ou o homem, mas a família como um todo. E o trabalho da Defensoria Pública é de excelência em relação a isso”, avalia Fátima.

CAMINHOS DO FRIO

Areia inaugura rota cultural amanhã

Com homenagem ao Movimento Armorial, roteiro turístico percorrerá, até setembro, outras oito cidades do Brejo

Sara Gomes
saragomesreporteruniaio@gmail.com

O município de Areia, localizado no Brejo paraibano, é a primeira cidade a receber a Rota Cultural Caminhos do Frio 2024, de amanhã ao dia 7 de julho. O tema da edição deste ano do evento é o Movimento Armorial, legado deixado pelo escritor Ariano Suassuna, que prega como missão a valorização da cultura popular nordestina. A identidade dessa tradição artística poderá ser observada nos casarões históricos, restaurantes, pousadas e pequenos detalhes encontrados pelos visitantes do Caminhos do Frio em Areia.

A abertura oficial do evento acontece às 19h de amanhã, na Praça Pedro Américo. A rota ainda passará por Pilões (8 a 14 de julho), Matinhas (15 a 21 de julho), Solânea (22 a 28 de julho), Serraria (29 de julho a 4 de agosto), Borborema (5 a 11 de agosto), Remígio (12 a 18 de agosto), Bananeiras (19 a 25 de agosto), Alagoa Grande (26 de agosto a 1º de setembro) e Alagoa Nova (2 a 8 de setembro).

Arte, lazer e desenvolvimento

De acordo com o secretário de Cultura e Turismo de Areia, Rinaldo Bandeira, a organização do Caminhos do Frio estima receber, nos sete dias de programação na cidade, mais de 40 mil pessoas. “É uma responsabilidade, mas também uma alegria ser a primeira cidade a

receber a rota mais charmosa do Brasil. Estamos lisonjeados em mostrar a riqueza cultural da ‘capital da cachaça’, por meio de seus pontos turísticos, como os engenhos, casarões históricos, o Teatro Minerva — o primeiro da Paraíba —, além de ser a cidade de filhos ilustres, como [o escritor, poeta e pintor] Pedro

Américo”, afirma Rinaldo.

Entre as novidades do evento para este ano, será lançado um novo equipamento turístico no distrito da Usina Santa Maria. “Foi preparada uma galeria a céu aberto, em que as fachadas das casas da comunidade foram pintadas, homenageando diferentes tipos de flores. Ou seja, Areia

tem atrativos naturais em sua essência cultural”, destaca o secretário, lembrando que outro destaque da programação local é a Rota das Flores, integrando a cidade a Pilões e Solânea. “Em Areia, o faturamento aumentou 70% após o lançamento dessa rota turística, tanto é que ganhamos reconhecimento como a ‘cidade

das flores”, ressalta.

Segundo Jaime Souza, presidente do Fórum de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano, o apoio da iniciativa privada, em parceria com a Associação de Turismo Rural e Cultural de Areia (Atura), tem sido fundamental para impulsionar o Caminhos do Frio. “O roteiro turístico mais integrado do planeta busca promover não só o turismo e a cultura local, mas também criar oportunidades de geração de emprego e renda”, frisa.

Jaime salienta, ainda, que outro forte apelo da iniciativa é a multi-identidade cultural das cidades do Brejo que fazem parte da rota — qualidade que se percebe, por exemplo, na variedade das apresentações musicais de sua programação. “Cada cidade tem suas particularidades. Remígio, por exemplo, tem uma cultura voltada à MPB; tanto é que já trouxe Oswaldo Montenegro e, neste ano, vai trazer Vanessa da Mata. Já Pilões, por exemplo, prefere o forró raiz, tendo como atração principal Flávio José”, pontua.



Foto: Divulgação/Prefeitura Municipal de Areia

Apresentando temperaturas amenas durante todo o ano, município também é conhecido como “a Suíça paraibana”

Programação reúne teatro, música, cinema e gastronomia

A programação do Caminhos do Frio 2024 está repleta de roteiros turísticos, variedades gastronômicas, oficinas de audiovisual, capoeira e dança regional, além de espetáculos teatrais e shows com artistas de dentro e fora do estado.

Entre os destaques das atrações culturais em Areia, até a próxima quinta-feira (4), estão: os roteiros turísticos Caminhos do Engenho e Rota das Flores; o Festival Gastronômico, com aula-show do chef Tadeu Rena; e a oficina de *sommelier* de cachaça e vinho, realizada pelo Serviço de Aprendizagem Rural (Senar). Ao longo da semana, haverá também capacitações para equipamentos turísticos e empreendimentos ligados à economia do município.

Para a sexta-feira (5), está programada uma palestra sobre empreendedorismo feminino em gestão de empreendi-

mentos rurais, ministrada pelo Senar, das 13h às 16h, na escola Júlia Verônica. “O empreendedorismo feminino no Brejo é muito forte. Inspirando-se no trabalho de Maria Júlia [Baracho] e Luciana Balbino, iremos criar um dia de capacitação”, explica Jaime Souza, presidente do Fórum de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano, referindo-se a duas premiadas empreendedoras de Areia — a primeira, responsável pelo Engenho Triunfo, que produz a cachaça homônima, e a segunda, proprietária do Restaurante Rural Vó Maria e da hospedaria Sítio Casa de Vó.

No mesmo dia, às 17h, o artista Alcides Prazeres realiza um show no Momento Canção, na Praça Pedro Américo. Conforme Rinaldo Bandeira, secretário de Cultura e Turismo da cidade, o espaço será reservado a performan-

ças de música e poesia. “No fim de cada tarde, acontecem apresentações, como chorinho, declamação de poesias e violeiros, valorizando a arte e a cultura local”, descreve. Já no palco do Calçadão João Cardoso, às 23h, é a vez de a banda de forró Os 3 do Nordeste animar o público do evento.

No sábado (6), ocorre a 3ª Expedição dos Engenhos, às 9h, a partir do Posto Monte Sinai. O Teatro Minerva, por sua vez, sediará, das 13h às 17h, a mostra de filmes Cinema com Rapadura. Entre as atrações musicais do dia, que se apresentam a partir das 21h, está a cantora Kátia Cilene. Por fim, no domingo (7), último dia da programação em Areia, será realizada a trilha ecológica Caminhos do Frio, às 8h, e, para mais tarde, às 10h, está prevista a primeira cavalgada Frio pelo Caminho.



Foto: Evandro Pereira

Público do evento ainda poderá apreciar os casarões coloniais nas praças da cidade



Postura revolucionária e abolicionista marca a história areiense



Foto: Divulgação/Prefeitura Municipal de Areia

O Teatro Minerva, o primeiro da Paraíba, sediará uma mostra de filmes como parte do festival

Antiga Vila Real do Brejo d’Areia, a cidade de Areia surgiu em meados do século 17 e teve origem a partir de um ponto de parada para tropeiros. O lugar era estratégico para o descanso desses trabalhadores e, por muito tempo, Vila Real do Brejo d’Areia esteve subordinada à Vila de Monte-Mor (Mamanguape). Em 1815, o território foi desmembrado e, em 1846, elevado à condição de cidade.

Ao longo do tempo, o povo areiense deixou marcas na história brasileira. Ainda no século 19, o município se envolveu em episódios nacionais importantes: em 1817, aflorou sua postura revolucio-

nária e aderiu ao movimento separatista de Pernambuco; em 1824, contribuiu com a Confederação do Equador, mobilização nordestina de combate à autoridade de Dom Pedro I, em favor do regime republicano; e, em 1873, a população da cidade ainda participou ativamente da Revolta do Quebra-Quilos, quando cidades e estados do Nordeste reagiram contra a padronização obrigatória do sistema de pesos e medidas no país.

Areia também se destacou no período das campanhas abolicionistas, tendo sido a segunda cidade brasileira — e a primeira da Paraíba — a libertar escravizados, 10 dias antes

da proclamação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.

Somando mais de 20 engenhos, a economia de Areia é baseada na agricultura, sobretudo nos derivados da cana-de-açúcar, como o mel, a rapadura e a cachaça — esta última, um dos produtos mais populares do município, nacionalmente consagrado por sua tradição na área.

No topo da Serra da Borborema, a mais de 600 m de altitude, Areia apresenta temperatura amena ao longo de todo o ano, mas, no inverno, os termômetros caem para menos de 15 °C, justificando outra famosa alcunha da cidade: “a Suíça paraibana”.

Resgate dos tempos coloniais

Grupo de Pesquisa em História do Brasil-Holandês do Iphaep republica os registros históricos da então capitania paraibana da primeira metade do século 17

Mapa do cartógrafo holandês Joan Blaeu mostra a Capitania da Paraíba em 1640

Foto: Reprodução/Wikipédia

Ademilson José
Especial para A União

O Grupo de Pesquisa em História do Brasil-holandês do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) lança, na próxima sexta-feira (5), o livro *Elias Herckmans – Descrição Geral da Capitania da Paraíba*. Organizado pelo antropólogo Carlos Azevedo e pelo historiador Edvaldo Lira, o livro traz o selo da Editora Ideia e será apresentado pela historiadora Ronilene Diniz.

Marcado para começar às 17h, na Livraria do Luiz, no MAG Shopping, em João Pessoa, o evento também terminará se constituindo numa oportunidade de debate sobre Elias Herckmans (1596-1644) que, além de poeta e escritor, também foi o terceiro governador da Paraíba no período do Brasil holandês (1630-1654).

Apesar de escrita em 1639, a primeira edição da descrição de Herckmans na Paraíba só aconteceu no fim de 1911 e, segundo o antropólogo Carlos Azevedo, a partir de uma tradicional publicação da época que se chamava *Almanaque da Paraíba*. A publicação trazia, na íntegra, um texto que o pesquisador e escritor José Higino havia compilado na Holanda e trazido para o Brasil.

Ele conta que a segunda edição foi feita pela *Revista de Faculdade de Filosofia* e aconteceu no turbulento ano de 1964, talvez, por isso mesmo, recebendo menos atenção e conseguindo menos visibilidade. A terceira foi a de 1982 e do historiador Wellington Aguiar com notas de Marcos Odilon Ribeiro Coutinho.

“Trata-se de uma edição importantíssima, essa de Wellington Aguiar”, resume Carlos Azevedo, ao lembrar o fato de que naquele mesmo ano de 1982, “o inquieto e saudosos Luiz Bronzeado também editou uma *Descrição da Capitania da Paraíba*, de Elias Herckmans. Esta, em termos de aparato crítico, também foi excelente e com participações interessantes, entre elas, a de Armando Souto Maior.

Carlos Azevedo estranha, no entanto, que, apesar de todas essas edições, duas delas num mesmo ano, a *Descrição de Elias Herckmans* seja coisa rara hoje na Paraíba, não sendo mais encontrada em nossas livrarias. “Hoje só se encontra em sebo e, por causa da raridade, com preço cada vez mais elevado”, diz ele, ao lembrar que já chegou a adquirir por R\$45 e, na última consulta, só encontrou com valor já acima de R\$200.

Além da importância do conteúdo em si, foi por causa desses fatores, do fato de os exemplares estarem esgotadíssimos, que o professor Carlos Azevedo diz ter partido para uma nova edição da *Descrição da Capitania da Paraíba*, de Elias Herckmans.

“Trata-se de uma nova edição que, modéstia à parte, chega com excelente qualidade, com uma boa apresentação assinada pelo historiador Edvaldo Lira e com um texto, um aparato crítico de ninguém menos que Antônio Gonsalves de Melo, sem sombra de dúvidas, a maior autoridade mundial na temática geral do Brasil holandês”.

Além de Edvaldo Lira e Gonsalves de Melo, o próprio Carlos Azevedo também participa da edição com um pós-texto que considera até meio insólito. É porque aproveita para lembrar alguns encontros que chegou a ter anos atrás com o historiador Guilherme D’Ávila Lins (recém-falecido) e com Valério Bronzeado (filho de Luiz Bronzeado) acertando uma viagem de estudo pelos municípios das regiões do interior da Paraíba, onde Elias Herckmans havia passado com sua expedição.

“Não chegamos a concretizar esse planejamento, mas é disso que trato no meu texto”, explica Carlos Azevedo, para quem a presença de pesquisadores, historiadores e estudantes no lançamento será de fundamental importância, tanto que também terão oportunidade de fala.

Carlos Azevedo justifica ainda que, além das edições anteriores estarem esgotadas, reeditar Elias Herckmans é de fundamental importância porque sua descrição sobre a Capitania da Paraíba é um dos principais documentos do nosso período colonial, o mesmo podendo se dizer do seu governo, marcado por uma forte produção de açúcar e por uma atenção especial ao aspecto administrativo.

Nesse sentido, apesar de reconhecer a eficiência de Maurício de Nassau à frente do Brasil holandês, Carlos Azevedo estranha o fato de ele (Nassau) ter tomado a iniciativa de indicar Elias Herckmans para duas expedições (uma para o interior da Paraíba e outra para o Chile) em busca de ouro.

“Ora, ao que se sabia na época e muito mais nos dias de hoje é que Elias era um poeta, um escritor, um governador e um grande humanista e não um aventureiro”, alfineta Carlos Azevedo, ao admitir que isso só serve para demonstrar que a forte produção de açúcar parece que não estava sendo suficiente para o apetite mercantilista da Companhia das Índias Ocidentais.

Cientista e amante de Frederica

“O humanista, militar e político Elias Herckmans já me encantava desde antes e confesso que, nesses dois últimos anos, quando criamos o Grupo de Pesquisa em História do Brasil-holandês no Iphaep, esse sentimento só aumentou”. A afirmação é do historiador, Edvaldo Brito, ao comentar a motivação que sentiu ao conhecer a descrição do governador holandês e ao abraçar a tarefa de apresentar o trabalho.

Ele lembrou que, quando Maurício

de Nassau deu a missão de adentrar pelo interior da Paraíba em busca de ouro, Elias Herckmans foi muito mais além. “Como deixo bem claro em minha apresentação, ele fez muito mais porque, com um olhar de cientista e de amante da Paraíba, mostrou para seus compatriotas e para os futuros paraibanos o que essa cidade já tinha de melhor”.

“Herckmans nos deu um presente e por dois motivos: primeiro por sua crônica, depois pelo seu olhar de humanista e também de um curioso cientista europeu”, resume Edvaldo, ao observar que isso é o que se pode verificar em seus relatos sobre os potenciais da terra e sobre as ordens religiosas cujas construções se tornariam imponentes”.

O historiador destaca que, demonstrando grande conhecimento de causa, depois de seus passeios pelo Rio Paraíba, Herckmans também documentou fauna e flora das proximidades e dos arredores de nossa cidade, inclusive já nos falando sobre o peixe-boi que nadava nas cercanias”.

Segundo Edvaldo, a descrição também tem o mérito de nos colocar frente a frente com os potyguara e com os tapuia ou tarairius, etnias com as quais ele mais conviveu e que foram aliadas de primeira hora dos neerlandeses. “Aliás, os relatos sobre a cultura dos tapuia e sobre o que ele entendia e não entendia nos povos originários são, sem dúvida nenhuma, um dos trechos mais interessantes da descrição de Elias Herckmans”, aponta Edvaldo.

E continua: “com relação à agricultura e os frutos que encontrou, o grande escritor holandês foi um verdadeiro visionário, citando inclusive a possibilidade de cultivo de vinhas nas áreas serranas, espaços da região que ele também explorou e que achava ter clima propício para esse tipo de cultura”.

O historiador do Iphaep faz questão de salientar que, “não satisfeito com tantas informações que nos deixou em sua descrição, Herckmans ainda nos relatou como eram organizados os poderes constituídos na capitania. O Executivo, o Legislativo, o Judiciário, o papel de almotacés, escabinos e do restante da administração pública na então capitania da Paraíba.

Para Edvaldo Lira, reler por várias vezes e trabalhar a reedição do texto de Elias Herckmans foi um exercício muito proveitoso não somente para ele mesmo, mas também para todo grupo. E finalizou: “diante de tudo isso e da própria ausência desse material nas livrarias, sua leitura ou releitura torna-se algo necessário não somente para estudiosos como também para pesquisadores e estudantes”.

Amigo dos tapuias

Para o Grupo de Pesquisa em História do Brasil-Holandês, reeditar e lançar a *Descrição da Capitania da Paraíba*, de Elias Herckmans, teve outra motivação. Afinal de contas, foi para discutir esse tema que, logo depois da pandemia, o antropólogo Carlos Azevedo e os historiadores Edvaldo Lira e Márcia Albuquerque se reuniram pela primeira vez no Iphaep.

A reunião acabou se repetindo, foi

ganhando novos participantes e ampliando suas pautas e, numa delas, surgiu a ideia de, além de Elias Herckmans e sua *Descrição da Capitania da Paraíba*, (re)ler e debater outros personagens e todo o período do Brasil holandês.

“Foi por isso, inclusive, que ele (Herckmans) terminou escolhido patrono do nosso grupo e, por isso também que, diante da sugestão de Carlos Azevedo, abraçamos a tarefa de reeditar o documento”, explica Edvaldo Lira que é historiador do Iphaep e coordenador do grupo, cujas reuniões continuam ocorrendo quinzenalmente e sempre às terças-feiras.

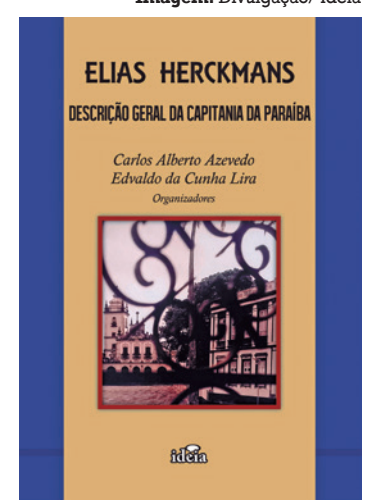
A publicação a ser lançada é a segunda de uma série que o grupo pretende manter e que teve como primeira uma plaquete também editada pela Editora Ideia. A plaquete, à venda nas Livrarias do Luiz, foi sobre a carta que Maurício de Nassau escreveu dois dias antes de deixar o Brasil.

Além de reuniões internas e publicações, o Grupo de Pesquisa em História do Brasil-Holandês do Iphaep também desenvolve outras atividades, todas elas naturalmente voltadas para o tema, destacadamente seminários e simpósios que priorizam presença de estudantes e que incluem autoridades e especialistas no assunto.

Os organizadores fazem questão de ressaltar que, além dos pesquisadores de um modo geral, a nova edição também é muito importante para pessoas que ainda não conhecem o documento ou que se dedicam ao estudo dos povos originários da Paraíba no período colonial.

É que, além da terra, da flora e da fauna, um dos trechos mais marcantes da *Descrição da Capitania da Paraíba* é justamente o que Elias Herckmans dedica à cultura e à forma de vida dos tapuia, indígenas que juntamente com os potyguara mais contribuíram para o domínio holandês.

Imagem: Divulgação/ Ideia



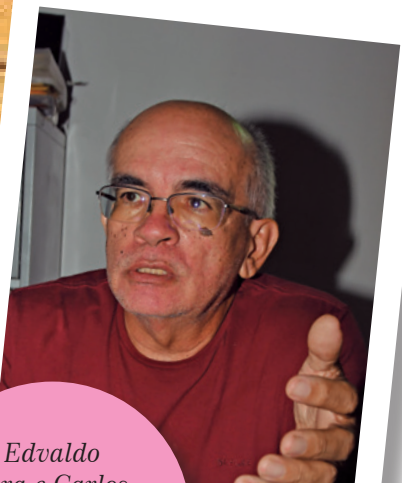
ELIAS HERCKMANS – DESCRIÇÃO GERAL DA CAPITANIA DA PARAÍBA

■ De Carlos Azevedo e Edvaldo Lira (org.). Editora: Ideia. R\$ 75.

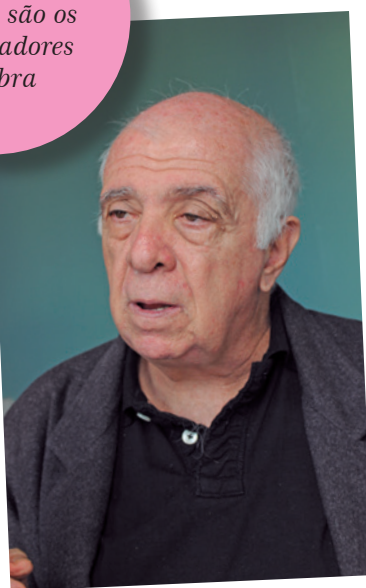
■ Lançamento sexta, às 17h.

■ Na Livraria do Luiz (MAG Shopping, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, 115, Manaira, João Pessoa).

■ Entrada franca.



Edvaldo Lira e Carlos Azevedo são os organizadores da obra



Fotos: Ortilo Antônio/Argentino A. União

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O problema do mal

Não é de hoje que vejo na ideia de um Deus onipotente e essencialmente bom uma incompatibilidade com a existência do mal. São inúmeros os obstáculos racionais, quando tentamos lidar com tais atributos e o mundo tal qual ele é. Consideremos, por exemplo, que Deus é essencialmente bom e que, sendo assim, nada que derive dele é mau. Notem que essa ideia o aprisiona numa espécie de lei universal, que o impede de fazer maldades. Ele não seria dessa forma onipotente, pois nesse caso um Deus que não pode ser mau não é todo poderoso. Por mais graves que sejam os efeitos morais dessa conclusão, temos que, por ora, admiti-la.

É possível argumentar, como fazem alguns teólogos, que Deus é capaz de agir com maldade, mas que seu senso de justiça e amor o faz largar mão dessa possibilidade. Esse argumento, todavia, só alcança uma pequena dimensão do problema. Mesmo admitindo que possa Deus agir de maneira boa ou má, o que explica o mal em si? Se tudo que existe é criação divina, o mal também não seria?

Outras dificuldades também devem ser consideradas, sobretudo, aquelas ligadas à estrutura do universo e à maneira como a vida na Terra está organizada. Uma crença bastante conhecida é que nosso mundo é o melhor dos mundos possíveis. O que de cara contraria a imaginação. Eu, assim como todas as pessoas, sem soberba, posso imaginar mundos bem melhores que esse. Leibniz ficou famoso por defender essa tese no século 18, o que viraria chacota na pena

mordaz e inigualável de Voltaire ao produzir a melhor, a mais bem-humorada e dilacerante crítica até hoje escrita contra as ideias do filósofo alemão: *Cândido ou o Otimismo*.

Não sei você, mas acho muito difícil defender que este é o melhor dos mundos possíveis. Na vida social, há muitas desigualdades e injustiças que até já foram piores em regimes escravistas ou de servidão do passado, com seus privilégios bem mais patentes e duros. A história humana é a história do sofrimento. Isso se repete a cada novo nascimento, a cada momento histórico. Matamos pessoas queousem discordar de nossas crenças religiosas e políticas. Matamos quem possui outro tipo de orientação sexual. Matamos aqueles que julgamos diferentes demais para pertencer à “nossa tribo”. Matamos por riquezas materiais. Praticamente todas as guerras contemporâneas foram movidas, sub-repticiamente, pela sofreguidão do lucro. Não conseguimos acabar com a fome, apesar do avanço técnico-científico dos últimos 200 anos. Apenas 1% da população mundial detém 99% de toda a riqueza produzida.

Essas são algumas causas do sofrimento, de caráter social. Mas o mundo natural não é menos cruel. A expectativa de vida no planeta só veio aumentar substancialmente na segunda metade do século 20, antes chegava a míseros 35 anos. A natureza também nos impõe uma série de barreiras. Somos seres para a morte e, pelo que sabemos, os únicos

que têm consciência disso. O que não deixa de ser em muitos casos uma fonte de dor e angústia. Temos fome, adoecemos e envelhecemos. As doenças são milhares, muitas delas aterrorizantes. Mesmo com acúmulo de conhecimentos, não há receita para adquirir imunidade. Algumas são genéticas, outras infecciosas, de etiologias variadas. Podem afetar crianças no útero das mães, jovens, adultos ou idosos. Estamos também sujeitos a sofrer acidentes que podem afetar o funcionamento normal do corpo ou tirar-nos a vida: como ser atropelado, baleado, fulminado por um raio ou vítima de grandes catástrofes naturais como terremotos, furacões ou tsunamis.

Se a vida é dura para humanos, não é menos para os animais que têm menos capacidade de adaptação que os que estão desprovidos de recursos técnicos e da racionalidade científica. A ordem natural das coisas os sujeitou a uma cadeia alimentar apavorante. Dos micro-organismos até as formas de vida mais complexas estão submetidos, estruturalmente, a uma luta cruel pela sobrevivência. Certos animais já são equipados biologicamente com armas, como venenos, garras, dentes afiados, estômagos apropriados para alimentação carnívora, capacidade de camuflagem... Qual o sentido da existência dos vírus, tênias, piolhos e outros parasitas no melhor dos mundos possíveis? Essas coisas não combinam com a ideia de um mundo perfeitamente projetado, mas com um processo evolutivo cujo único senhor é a adaptação.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Fins de uma ilusão

Se a vida humana fosse sem fim e livre da dor, possivelmente não ocorreria a ninguém perguntar por que o mundo existe. Considerando isso, filósofos buscam algum sentido nas aparências do mundo que justifique a existência humana. Alguns consideram a metafísica para encontrar uma lógica na ordem aparente, em que todas as coisas serão conectadas e reveladas. Por exemplo: a bondade; o verdadeiro; o belo e outras coisas. Descrito assim, Platão (428/427 a.C. - 348/347 a.C.), filósofo grego, apresenta a “alegoria da caverna” que está no livro VII de *A República* (400 a.C.). O pensador versa sobre o conhecimento da verdade.

No livro VII, Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) fala para Glauco (século IV a.C.) imaginar a existência de uma caverna onde prisioneiros vivessem desde a infância. Com as mãos amarradas em uma parede, onde eles podem avistar somente as sombras que são projetadas na parede situada à frente, que são criadas por uma fogueira, em cima de um tapume, situada na parte traseira da parede em que os homens estão presos. Eles passam ante a fogueira, fazem gestos e movem objetos, formando sombras que, de maneira distorcida, são todo o conhecimento que os prisioneiros tinham do mundo. Aquela parede da caverna, as sombras e os ecos dos sons que as pessoas de cima produziam era o mundo restrito dos prisioneiros. Repentinamente, um dos presos foi libertado. Andando pela caverna, ele percebe que havia pessoas e uma fogueira projetando as sombras que ele julgava ser a totalidade do mundo. Ao encontrar a saída da caverna, ele tem um susto ao deparar-se com o mundo exterior. A luz solar ofusca a sua visão e ele sente-se desamparado, desconfortável, deslocado. Aos poucos, sua visão acostuma-se com a luz e ele começa a perceber a infinidade do mundo e da natureza que existe fora da caverna. Ele percebe que aquelas sombras, que ele julgava ser a realidade, na verdade são cópias imperfeitas de uma pequena parcela da realidade. O prisioneiro libertado poderia fazer duas

coisas: retornar para a caverna e libertar os seus companheiros ou viver a sua liberdade. Uma possível consequência da primeira possibilidade seria os ataques que sofreria de seus companheiros, que o julgariam como louco, mas poderia ser uma atitude necessária, por ser a coisa mais justa a se fazer.

Platão, com essa metáfora, ensina que existe um modo de conhecer, de saber, que é o mais adequado para se pensar com sabedoria e justiça. A metáfora proposta pela “alegoria da caverna” pode ser interpretada da seguinte maneira:

- Os prisioneiros: os presos da caverna são as pessoas que vivem em um mundo limitado e presos em suas crenças inflexíveis;

- A caverna: é o corpo humano e os próprios sentidos, fonte de um conhecimento que, segundo Platão, é errôneo e enganoso;

- As sombras na parede e os ecos na caverna: as sombras são distorções das imagens e os ecos são distorções sonoras, simbolizando as incertezas e as opiniões erradas e o conhecimento preconceituoso do senso comum que se julga ser verdadeiro;

- A saída da caverna: significa buscar a sabedoria;

- A luz solar: a luz, que ofusca o prisioneiro libertado e o coloca em desconfor-

to, é o conhecimento verdadeiro, isto é, a razão e a filosofia.

Para Platão, libertar-se da preguiça intelectual dá-se pela busca da sabedoria, quando o conhecimento e a bondade coincidem para o bem-estar comum a todos. Concluo com este texto da escritora e tradutora brasileira Lya Luft (1938 - 2021): “Para viver de verdade, pensando e repensando a existência para que ela valha a pena, é preciso ser amado, e amar, e amar-se. Ter esperança, qualquer esperança. Questionar o que nos é imposto, sem rebeldias insensatas, mas sem demasiada sensatez. Saborear o bom, mas enfrentar o ruim aqui e ali. Suportar sem se submeter, aceitar sem se humilhar, entregar-se sem renunciar a si mesmo e à possível dignidade. Sonhar, porque se desistimos disso, apaga-se a última clareza e nada mais valerá a pena. Escapar, na liberdade do pensamento, desse espírito de manada que trabalha obstinadamente para nos enquadrar, seja lá no que for. E que o mínimo que a gente faça seja, a cada momento, o melhor que afinal se conseguiu fazer.”

Sinta-se convidado à audição do 475º. Domingo Sinfônico, deste dia 30, das 22h à 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br ou <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Comentarei sobre as contribuições da musicalidade popular e erudita da diversidade cultural do Movimento Armorial para a panbrasilidade e sua relação com o barroco alemão. Entrevistarei o flautista e professor da Universidade Federal da Paraíba (Campus I) e regente titular da Orquestra Sinfônica do Estado da Paraíba, o argentino Gustavo de Paco de Géa (1957).

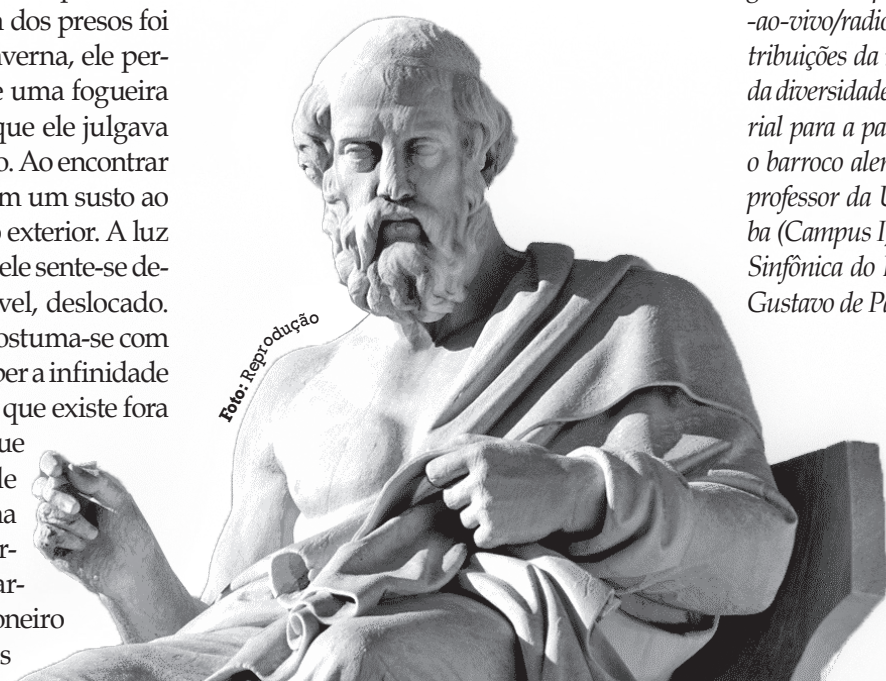


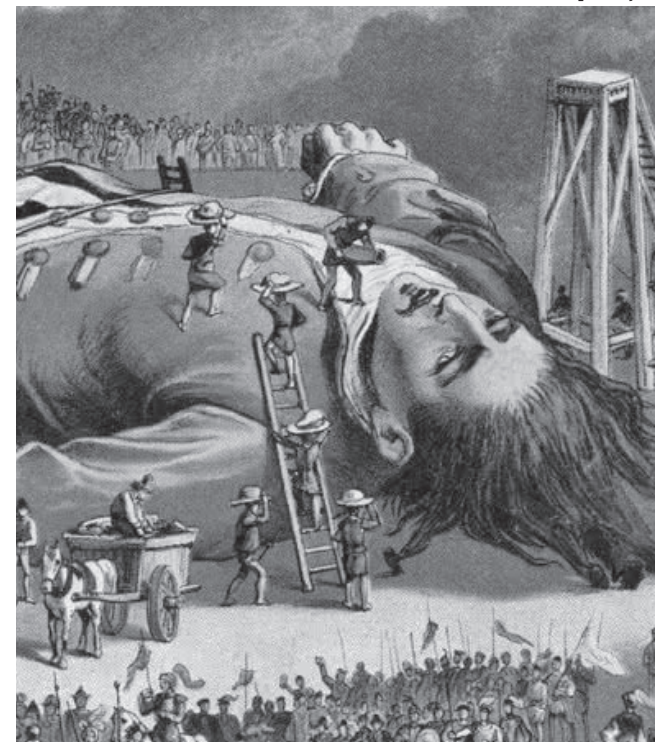
Foto: Reprodução

Platão apresentou a “alegoria da caverna” em “A República”

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Foto: Reprodução



Cena de “As Viagens de Gulliver”, livro de Jonathan Swift

Viagens sem Gulliver

Só tive dois textos censurados em toda minha vida de jornalista – um, sobre o tiro que o governador Ronaldo Cunha Lima deu em Tarcísio Burity, no Gulliver Tambaú, no século passado – esse, foi no jornal *Correio da Paraíba*. O outro foi no jornal *O Norte*, quando escrevi sobre o poema “Sexta-feira à noite” de Marina Colasanti, publicado em 1968, no seu livro de estreia *Eu Sozinha*, que anunciava que os homens penetram em suas mulheres como colocam o carro na garagem, o dedo no nariz.

No primeiro, um pequeno texto com restos da cena do Gulliver, que o *Correio da PB* censurou. Naquele tempo, o poder mandava nos meios de comunicação (?).

O outro texto, escrito em 1983, eu escavava o machismo com uma picareta – focado no poema que Marina Colasanti escreveu com superioridade. A cada verso, um punhado de terra na cara dos machistas, que ainda hoje trazem em si a herança paterna, enquanto as mulheres cresceram tanto, mas tanto, que de tanto tentarem se libertar do mundo masculino, chegaram lá. Algumas...

No primeiro verso, “Sexta-feira à noite, os homens acariciam o clitóris das esposas com dedos molhados de saliva. O mesmo gesto com que todos os dias contam dinheiros papéis documentos e folheiam nas revistas a vida dos seus ídolos”

Tem um conto genial de Dalton Trevisan, no livro *Cemitério de Elefantes* cuja obra foi relançada pela Editora Record, sobre o casamento de Bento com Santina. Na noite de núpcias, B descobre que S não era mais virgem, que havia sido abusada por um primo, mas o marido não aceita, e devolve Santina aos pais. Menos mal, Trevisan não matou a personagem.

Presos a uma cena remota, muitos homens não aceitam o tema, quando se trata da evolução da mulher. Vamos imaginar que o aumento do feminicídio abrange uma grande parte de homens que vivem à margem. Ledo engano.

O segundo verso do poema de Marina Colasanti vai mais dentro – “Sexta-feira à noite, os homens penetram suas esposas com tédio e pênis. O mesmo tédio com que todos os dias enfiam o carro na garagem o dedo no nariz e metem a mão no bolso, para coçar o saco”

No terceiro verso, a poetisa suaviza, mostrando as mulheres procurando o príncipe encantando. Vamos pensar que sim, que as mulheres ainda procuram seu príncipe, mas não existe essa figura. É outra vibe.

A vida calada não faz sentido. Como está na canção do ex-baterista d’O Rapa, Marcelo Yuka, “paz sem voz, não é paz, é medo”

Eu fixo meu texto na memória. Tudo flutua e nem tudo passa. Durante anos guardei essa história dos dois textos censurados, sem a menor vontade de escrever sobre esse assunto. Qual assunto? Ah, o poema de Marina Colasanti, para que outras pessoas possam conhecer sua arte.

Apesar de ainda estarmos na caverna, não somos os únicos sobreviventes do clássico naufrágio imaginário do autor de Jonathan Swift (*Viagens de Gulliver*), que tinha como objetivo criar um retrato da natureza humana e atacar sua mesquinhez. O ventania continua, mas as mulheres não estão mais à deriva.

Kapetadas

1 - Acredite se quiser: existem muito mais posições para praticar abstinência do que para fazer sexo.

2 - A maconha tem efeitos incríveis em diferentes pessoas. Nos usuários, pode provocar prazer e euforia. Nas autoridades caretas, medo e paranoia.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Tempos juninos de um garoto de cinema

Foto: Divulgação/Columbia

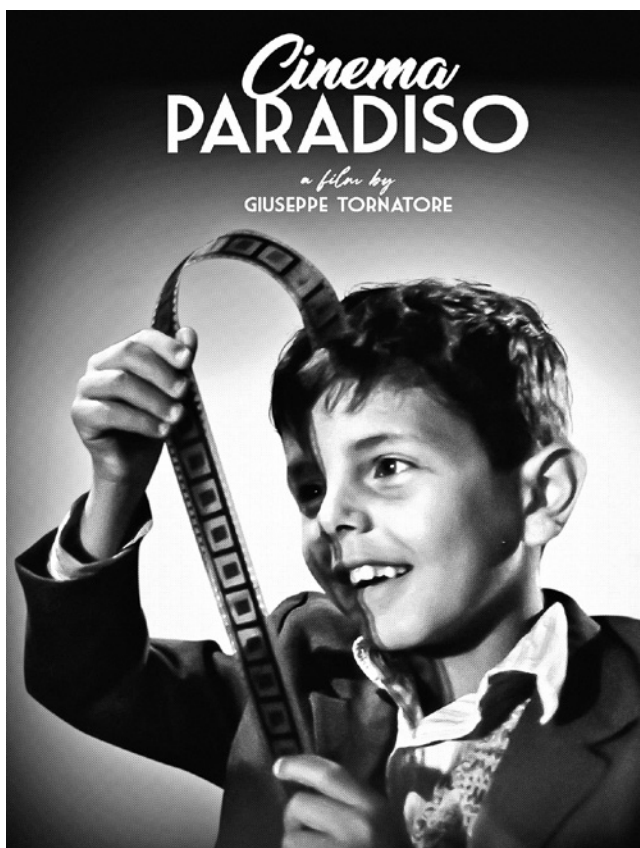
Como se fosse um verdadeiro *écran* de cinema, não tardava muito para que aquele garoto, de apenas 12 anos de idade, continuasse assistindo à sua e indelével cenografia junina.

Os tempos cíclicos mais bem lembrados, sempre muito mágicos para aquele “menino de cinema”, foram as noites juninas na sua cidade de Santa Rita, justamente nas épocas de São João e São Pedro. Ele costumava vê-las com tudo que tinha direito: a frente de casa enfeitada com galhos de bambu extraído do Rio Preto, logo ali perto, fogueira, bandeirolas de papel colorido, lanternas à luz de vela, fogos diversos e muita comida de milho verde. Iguaria que somente sua mãe, Dona Maria José, sabia fazer.

Mas tinha um problema. Nunca era fácil compatibilizar essas noites de brincadeiras com seus irmãos menores e colegas próximos, deixando de lado suas obrigações com os cinemas de Seu Severino. Logo após o jantar, seu pai ia logo dizendo:

– Olha, rapazinho, cuidado pra não se atrasar!

Esse chamado ao filho, mesmo com todo entusiasmo vivido pelo garoto naquela noite, cheirando a lenha queimada e alegre foguetório na frente de



Personagem Totó, no cartaz de “Cinema Paradiso”: entre o sonho e a realidade

casa, era uma ordem. Ele ia correndo para o cinema, cuja sessão tinha início sempre às 20 horas. Normalmente, com um dos clássicos de Hollywood.

Sempre foi assim. Enquanto seus irmãos mais novos continuavam na brincadeira com os traques, rojões e chuveiros de lágrimas incandescentes, acendidos com tochas da fogueira crepitante, o “menino de cinema” seguia

para o seu outro “Paradiso”. Não menos, carregando ainda consigo os acordes de uma “Açucena cheirosa”, de um “Buraco de tatu”, melodias de época executadas pelo inesquecível Luiz Gonzaga e sua sanfona prateada.

Invariavelmente, ano após ano, tudo se repetia. As noites juninas de sua infância, durante a adolescência, sempre deram lugar às responsabilidades com uma atividade cinematográfica, herança cultural que o tem influenciado tanto. Quicá, por isso, seu apego às coisas da imagem e do cinema. Firmando a conclusão de que, a vida normal nada mais é que o acumulado de fatos a se repetirem semelhantes aos de outras vidas.

Isso lembrando um filme realmente simbólico, em quaisquer épocas da *movie art*, título *Cinema Paradiso*, do diretor italiano Giuseppe Tornatore. A história de um garoto envolto nas fantasias de cinema, de nome Totó, que não apenas costumava espereitar as sessões de filmes através das cortinas, mas fazia das projeções não apenas simples lazer, mas um trabalho, uma obrigação, tanto quanto a história real do “garoto de cinema”, autor desta coluna de domingo. – Mais “Coisas de cinema” em: www.alex-santos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Mitos

Como sempre andei às voltas com a poesia, coube-me fabricar o meu país dos mitos. País que, hoje, rejeito de longe, certo de que o passado passa e não passa, cristalizado nessa estranha dialética de viver.

Até os meus oito ou dez anos, me vi no meio do mato, cercado de bichos, solidão e pedras. Tinha meus deuses e meus demônios, meus reinos e minhas cavernas, meus riachos e minhas cacimbas.

Posso dizer que criei toda uma mitografia que me alimentou a imaginação e deu alguma solidez a meu caráter, já que o temperamento incontrolável sempre se perdia nos relâmpagos do conflito interior e da emoção insustentável.

Animais e criaturas participavam da mesma simetria venturosa de compartilhar os alaridos das coisas cotidianas. Nenhuma hierarquia estipulava diferenças no comportamento dos fenômenos que me preenchiam o corpo e a fantasia. Nenhuma nódoa nefasta manchava o chão simples de minha alma que se descobria para os artefatos da vida.

Vou dar nomes aos bois, a fim de que se organizem os fios dos objetos e dos seres encantados que povocaram as minhas regiões da infância. A infância, tempo em que se forma os sinais da percepção, o tecido da sensibilidade, a argamassa móvel da memória. A infância que Rainer Maria Rilke seleciona como tema sagrado e como repositório lírico dos mais férteis.

O boi Labirinto me deu a textura da força, da paciência e do repouso. Seus olhos molhados cultivavam a beleza das novilhas, enquanto seu corpo, quase dourado e robusto, pontificava, solitário e sublime, nas cercanias do curral. Foi o meu primeiro Deus, o primeiro bafejo do elemento sagrado.

A novilha Neblina me ensinou a umidade carnal dos primeiros poemas praticados à sombra dos umbuzeiros, no exercício solar do mais inocente paganismo. Se descobri a astúcia da beleza, o organismo misterioso das fibras animais, o sabor irrefreável de um êxtase desmedido, foi quando me apeguei à doçura agreste e semovente desse bicho encantado.

E Soberano, meu cavalo de menino? Alto, espadado, musculoso, veloz como o uivo zangado dos ventos do Cariri. Foi meu mestre nas artes do equilíbrio e da disciplina, na pedagogia dos passeios rurais ou no brinquedo dominical da derubada do boi. Se todo animal é mágico, como diz Drummond, meu alazão se enquadra perfeitamente nesse perfil. Cavalo que amei como se ama um bem de raiz, uma reliquia de família.

Outros mitos tomaram conta de mim e fizeram morada na geografia dos meus poemas. Habitam, assim, as planícies e os desfiladeiros que um texto pode conter no seu afã de falar a linguagem dos predados secretos que constituem a viagem da recordação e do imaginário. Sem o mito, a poesia não vinga. A palavra fracassa.

Zé da Maleta, Nega Conga, Zé Padeiro, Tia Dona, Biu Marcolino, entre outros, conformam parte especial dessa humanidade, real e simbólica, que se estabelece no andamento de minha poesia. São criaturas de carne e osso, referências primordiais, presenças vivas na clareira lírica. Pedacos de minha instantânea eternidade.

No mais, resta a árida camada da terra, o fantástico complexo geodésico, as longas noites de inverno, o sol, soberbo e inclemente, calcinando fauna e flora, como um emblema secular que a tudo rege e vitaliza.

Não fora a junção desses personagens e o peso incontornável dessa topografia, com sua espessura mítica, a poesia secava nos toscos barreiros da prosa. O poema só se faz quando evoca os mitos.

Foto: Reprodução/Literaturarussa



Rainer Maria Rilke: infância é repositório lírico dos mais férteis

Colunista colaborador



APC promoverá homenagem em setembro

Acertos estão sendo mantidos entre a Academia Paraibana de Cinema e União Brasileira dos Escritores, para uma homenagem póstuma, no próximo dia 18 de setembro, ao fundador e ex-presidente da Academia Paraibana de Cinema, Wills Leal. A programação e o horário serão divulgados oportunamente.

O evento terá lugar no Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, nesta capital, com exibição de filmes e debate sobre Wills Leal na cultura paraibana, com ênfase no audiovisual. Além da UBE, do Nudoc/UFPB e da Fundação Casa de José Américo, devem fazer parte os pesquisadores do curso de cinema e audiovisual da UFPB, vinculados às disciplinas de história do cinema brasileiro e história do cinema paraibano.



Foto: Divulgação/Prime Video

Emily Bader é a protagonista dos episódios de “Minha Lady Jane”, como a mulher que, na vida real, foi rainha por nove dias

STREAMING

Minha Lady Jane, que estreia no Prime Video, imagina novos rumos para a dinastia Tudor

A série britânica de romance e fantasia *Minha Lady Jane* estreou na quinta passada no Prime Video, com todos os episódios. Ambientada em um mundo alternativo da dinastia Tudor na Inglaterra e inspirada no livro *best-seller* homônimo, a série é uma releitura radical da história real inglesa, na qual o filho do rei Henrique VIII, Eduardo, não morre de tuberculose, Lady Jane Gray não é decapitada e nem o seu marido, Guildford.

No centro desta nova série, está a brilhante e obstinada Jane, que fica chocada ao ser coroada rainha e se vê alvo de vilões que buscam a coroa (e sua cabeça). *Minha Lady Jane* tem um elenco liderado pela estreada Emily Bader no papel principal de Jane Grey.

Na história real, Jane Grey, é filha da sobrinha de Henrique VIII. Eduardo VI, filho e sucessor de Henrique VIII no trono, morreu em 1533, aos 15 anos. Dois meses antes de morrer, ele escre-

veu um testamento nomeando Jane Grey como sua sucessora - ele preferiu nomear uma protestante como ele, em vez de suas meio-irmãs católicas. Uma delas, Mary, destronou Jane com a nova rainha apenas nove dias no trono. Jane foi executada no ano seguinte, Mary ficou cinco anos no poder até morrer e o trono foi para sua irmã, Elizabeth. A série muda toda essa história, criando um rumo novo para os acontecimentos.

Elenco

Ao lado dela, está Edward Bluemel (*Killing Eve*) como Guildford Dudley. Jordan Peters (*Pirates*) interpreta o Rei Eduardo. Dominic Cooper (*Preacher*) interpreta Lord Seymour, Anna Chancellor (*Pennyworth*) interpreta a mãe de Jane, Lady Frances Gray, e Rob Brydon (*The Trip*) interpreta Lord Dudley, o pai de Guildford. Jim Broadbent (*The Duke*) interpreta o Duque de Leicester, tio de Jane.

Henry Ashton (*Outlander*) interpreta o irmão de Guildford, Stan, e Isabella Brownson (*Napoleão*) e Robyn Bettebridge (*A Roda do Tempo*) interpretam as irmãs de Jane. Kate O’Flynn (*Landscape*) e Abbie Hern (*Enola Holmes 2*) retratam as irmãs do rei, a princesa Mary e a princesa Bess, respectivamente. O elenco ainda inclui Máiréad Tyers (*Extraordinária*), Joe Klocek (*Segredos do Passado*) e Michael Workeye (*This Is Going to Hurt*).

A autora Gemma Burgess (*Brooklyn Girls*) é co-showrunner/produtora-executiva, Meredith Glynn (*The Boys*) é co-showrunner/produtora-executiva, Laurie MacDonald (*Homens de Preto, Gladiador*) e Sarah Bradshaw (*The Mummy* e *Um Cavaleiro dos Sete Reinos*) são produtoras-executivas. Jamie Babbit (*Only Murders in the Building*, *Nunca Fui Santa*) dirige cinco dos oito episódios e é diretora/produtora-executiva de produção.

GAMES

Bodycam busca o realismo extremo

Jogo de combate em primeira pessoa mistura filmagens em cenários reais com os gráficos digitais

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

As câmeras corporais usadas pela polícia e pelas forças de segurança de todo o Brasil, além de recentes, ainda movimentam o debate e as atenções da sociedade. Para além do mundo físico, a estética da câmera corporal também tem incitado discussões e conjecturas entre os jogadores de *videogame*, estas a respeito da legitimidade visual das ambiências virtuais presentes no jogo *Bodycam*, lançado no último dia 7 de junho na plataforma de *games* Steam. O produto está disponível com acesso antecipado apenas para computadores.

A desconfiança de inúmeros jogadores na internet e até mesmo de desenvolvedores de jogos parte justamente da qualidade visual apresentada nos primeiros vídeos de divulgação do título. *Bodycam* é um *game* de tiro em primeira pessoa multi-jogador, no qual o usuário transita pelos espaços do jogo a partir da perspectiva de visão à altura do olho do avatar, correlato à câmera subjetiva do cinema.

Ocorre que o gênero de jogabilidade de tiro em primeira pessoa é já estabelecido há décadas no mercado, com franquias de sucesso como *Call of Duty*, *Medal of Honor*, ou mesmo a famosa modificação do game

Half-Life, o consagrado *Counter Strike*. O que faz com que *Bodycam* se destaque como polêmico e até revolucionário para o gênero, na opinião da comunidade *gamer*, é o seu alto nível de realismo - ou ultrarrealismo, como é definido na plataforma - creditado ao motor gráfico Unreal Engine 5, utilizado para elevar o trabalho com luz e sombra, confundindo a representação do jogo com o fotorrealismo de uma filmagem "real". *Bodycam* se propõe justo a isso: emular a visão tubular de uma câmera corporal, que se aproxima de um voyeurismo próprio a um olho mágico.

O jogo foi desenvolvido por apenas dois franceses com ida-

des de 17 e 20 anos e conta com violência extrema e linguagem imprópria, sendo indicado apenas para maiores de 18 anos. As partidas podem ser disputadas em lugares como florestas, galpões e plataformas de petróleo nas quais, muitas vezes, o jogador se encontra imerso em espaços de escuridão total, quebrada apenas pelas lanternas das armas. O coice das armas e a possibilidade de movimentá-las diagonalmente, torna a experiência ainda mais realista e sensível.

Quem lembra do trágico ataque terrorista de março de 2019 a duas mesquitas em Christchurch, na Nova Zelândia, no qual o australiano Brenton Tarrant fez ques-

tão de filmar e transmitir a ação em tempo real com o uso de uma *bodycam*, vai se recordar também da nítida associação gerada pelo ataque com uma cena corriqueira de uma *gameplay*, ou sessão virtual, do gênero. Muito longe aqui do debate acerca da violência nos *games*, o que se deseja ressaltar é o fato de que, se um dia a violência física já foi confundida com um jogo, hoje os jogos estão a confundir-se com eventos da realidade social e histórica.

Toda a cadeia das artes visuais, desde a pintura até o cinema, já foram objetos de críticas e aprimoramentos estéticos em busca do tão sonhado realismo. Muito embora *Bodycam* se

utilize de imagens filmadas em ambientes reais, a mescla com gráficos computacionais bem como a lógica de programação envolvida na movimentação do jogador em tela acabam por produzir um efeito de realismo até então estranho e incomum aos *players*. Se a intenção era produzir mais imersão em sua jogabilidade, *Bodycam* quer cumprir a promessa, deixando seus jogadores fascinados entre a arma e a câmera.

Fotos: Divulgação/Steam



Os ambientes e a estética das câmeras corporais das polícias têm suscitado debates no jogo 'Bodycam'

Em Cartaz

Cinema

Programação de 27 de junho a 3 de julho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

ESTREIAS

A GRANDE FUGA (*The Great Escaper*). Reino Unido/França/Suécia, 2023. Dir.: Oliver Parker. Elenco: Michael Caine, Glenda Jackson. Drama. Homem foge de asilo na Inglaterra para comparecer à celebração dos 70 anos do Dia D, na França. 1h36. 12 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qui. a ter.: 16h.

UM LUGAR SILENCIOSO - DIA UM (*A Quiet Place - Day One*). EUA/Reino Unido, 2024. Dir.: Michael Sarnoski. Elenco: Joseph Quinn, Lupita Nyong'o, Djimon Hounsou. Ficção científica/horror/drama. Mulher tenta escapar durante invasão de alienígenas assassinos com superaudição. 1h40. 14 anos. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h30. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h15, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 15h45, 18h15, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h45, 19h45; leg.: 17h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 15h15, 17h45, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h45, 17h15, 19h45, 22h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h30, 18h30, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h30, 18h30, 20h30. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 20h40. MULTICINE PATOS 1: dub.: 19h10; leg.: 21h25.

TÔ DE GRAÇA - O FILME. Brasil, 2024. Dir.: César Rodrigues. Elenco: Rodrigo Sant'anna, Isabelle Marques, Roberta Rodrigues, Evelyn Castro. Comédia. Moradora do subúrbio leva sua imensa família a um feriado em Búzios. 1h36. 12 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h40, 16h10, 18h40, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 15h15, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 3: 16h45, 20h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: 16h45, 20h45.

PRÉ-ESTREIA

MEU MALVADO FAVORITO 4 (*Despicable Me 4*). EUA, 2024. Dir.: Chris Renaud.

Voices na dublagem brasileira: Leandro Hassum, Maria Clara Gueiros. Comédia/aventura/animação. A família do ex-vilão Gru é forçada a fugir quando é perseguida por um supervilão. 1h35. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qua.: 15h, 17h15, 19h30, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qua.: 14h, 16h15, 18h30, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: qua.: 14h40, 16h40, 18h40, 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qua.: 14h40, 16h40, 18h40, 20h40. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: qua.: 15h, 17h, 19h. MULTICINE PATOS 3: dub.: qua.: 3D: 14h40, 19h; 2D: 16h50, 21h05.

CONTINUAÇÃO

BAD BOYS - ATÉ O FIM (*Bad Boys - Ride or Die*). EUA, 2024. Dir.: Adil El Arbi e Bilal Fallah. Elenco: Will Smith, Martin Lawrence, Vanessa Hudgens, Alexander Ludwig. Policial/ação. Dois ex-policiais voltam à ativa para ajudar antigo chefe. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 17h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 21h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 21h. Patos: MULTICINE PATOS 1: dub.: dom. a ter.: 15h55; sab.: 16h45.

CLUBE DOS VÂNDALOS (*The Bikeriders*). EUA, 2024. Dir.: Jeff Nichols. Elenco: Austin Butler, Tom Hardy, Jodie Comer, Michael Shannon. Policial/drama. Membro de um clube de violentos motoqueiros precisa escolher entre a mulher que ama e a lealdade ao grupo. 1h56. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: dom. a ter.: 21h.

DIVERTIDA MENTE 2 (*Inside Out 2*). EUA/Japão, 2024. Dir.: Kelsey Mann. Voices na dublagem brasileira: Miá Mello, Tatá Werneck, Dani Calabresa, Katuscia Canoro, Otaviano Costa, Léo Jaime. Aventura/comédia/animação. As emoções na cabeça de menina de 13 anos têm problemas quando novos sentimentos surgem. 1h36. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 3D: 14h30, 17h, 19h15. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h15, 16h30, 18h45, 21h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 13h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h, 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.:

14h15, 16h45, 19h15, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: 13h15, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h30, 17h, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qui. a ter.: 13h30, 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom. a ter.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h, 17h, 19h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 14h15. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: qui. a ter.: 15h30, 17h30, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h, 16h, 18h, 20h15. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a ter.: 15h30, 17h30, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h, 16h, 18h, 20h15. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h15. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h, 17h, 19h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h45. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 14h25, 16h20, 18h20; seg. e ter.: 16h20, 18h20. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 15h, 19h; 2D: 17h, 21h. MULTICINE PATOS 1: dub.: qua.: 15h40. MULTICINE PATOS 3: dub.: dom. a ter.: 15h15, 17h35, 19h55. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: 14h20, 16h35, 18h45, 20h55.

DORIVAL CAYMMI, UM HOMEM DE AFETOS. Brasil, 2024. Dir.: Daniela Broitman. Documentário. A vida e obra do importante compositor baiano. 1h30. 10 anos. João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 19h.

O ESPAÇO INFINITO. Brasil, 2024. Dir.: Leo Bello. Elenco: Gabrielle Lopes, Luciana Domschke, Sergio Sartorio. Drama. Após ser internada em instituição psiquiátrica, mulher faz jornada subconsciente. 1h18. 14 anos. João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 19h.

REAPRESENTAÇÃO



Foto: Divulgação/Vitrine

A HORA DA ESTRELA. Brasil, 1986. Dir.: Suzana Amaral. Elenco: Marcélia Cartaxo, José Dumont, Tamara Taxman, Fernanda Montenegro. Drama. Migrante nordestina ingênua tenta viver em São Paulo e se apaixona por um operário bruto. 1h36. 12 anos. João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 17h.

CONTATO

CENTERPLEX: (MAG Shopping, JP - <https://www.centerplex.com.br/cinema/mag>). **CINE BANGUÊ**: (Espaço Cultural, JP - Instagram: @cinebanguê). **CINÉPOLIS**: (Manáira Shopping e Mangabeira Shopping, JP - <https://www.cinepolis.com.br/programacao/joao-pessoa.html>). **CINESERCLA**: (Tambia Shopping, JP e Partage Shopping, CG - <https://www.cinesercla.com.br>). **CINE GUEDES**: (Guedes Shopping, Patos - <https://www.guedeshopping.com.br/entretenimento/cinema>). **MULTICINE**: (Patos Shopping, Patos - <https://www.multicinecinemas.com.br/>).

Teatro

PRÓXIMAS SEMANAS

O SURTO - A COMÉDIA. Da Cara Dupla Coletivo de Teatro. Direção: Leticia Rodrigues. Comédia baseada em *O Rico Avarento*, de Ariano Suassuna. Classificação não informada. João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manáira - 3214.8021 - @ednaldodoegypto). Sábado, 6/7, às 19h e às 20h, e domingo, 7/7, às 20h. Ingressos: R\$ 20, antecipados pelo pix (leticiaatrizpb@gmail.com), comprovante enviado para o whatsapp 83-9.8625.5220.

JACKSONS DO PANDEIRO. Da Barca dos Corações Partidos. Texto: Braulio Tavares e Eduardo Rios. Direção: Duda Maia. Musical conta a trajetória de Jackson do Pandeiro. 10 anos.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Rod. PB-008, Km 5, s/nº). Domingo, 14 de julho, às 19h. Ingressos: de R\$ 19,50 (plateia popular/meia) a R\$ 120 (plateia especial/inteira), antecipados na plataforma Symppla.

Música

HOJE

SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE. Shows de ritmos variados. Domingo: *Manim Vaqueiro, Japaozin, Mari Fernandez, Simone Mendes*.

Campina Grande: PARQUE DO POVO (Centro). Entrada franca.

PRÓXIMAS SEMANAS

FIMUS. 15ª edição do Festival Internacional de Música de Campina Grande e 8ª edição do Fimus Jazz.

Campina Grande: TEATRO SEVERINO CABRAL (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/nº, Centro). De sexta, 12/7, a domingo, 21/7, às 20h. Entrada franca, reservados na plataforma Symppla.

MARINA ELALI E EDUARDO LAGES. Cantora e maestro apresentam o show *Sucessos do Rei*, com sucesso de Roberto Carlos.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Sábado, dia 6/7, às 20h. Ingressos: de R\$ 70 (frisa/meia) a R\$ 160 (plateia/inteira), antecipados na loja Bia Mia (Liv Mall) ou na plataforma Ingresso Digital.

Exposições

ÚLTIMOS DIAS

O FEMININO NA LUZ DE CARAVAGGIO. Fotografias de Gustavo Carneiro inspiradas no pintor italiano.

João Pessoa: HOTEL GLOBO (Largo de São Frei Pedro Gonçalves, 7, Varadouro). Visitação até 30 de junho. Entrada franca.

CONTINUAÇÃO

TRAÇOS DE MEMÓRIA E SONHO. Pinturas de Flávio Tavares. João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (Liv Mall, Av. Flávio Ribeiro Coutinho, 500, Jardim Oceania, João Pessoa). Entrada franca.

ELEIÇÕES 2024

Cinco deputados estaduais tentam se eleger prefeitos

Chico Mendes, Eduardo Brito, Inácio Falcão, Luciano Cartaxo e Wallber Virgolino são pré-candidatos

Tiago Bernardino
tiago.bernardino@gmail.com

O recesso legislativo é o período em que os deputados estaduais descansam do trabalho cotidiano na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), mas também é o período de retorno às bases eleitorais em que foram votados. Para alguns deputados paraibanos, o período será de muito trabalho para fortalecer suas pré-candidaturas a prefeito ou pré-candidaturas de familiares próximos (cônjuges, filhos e pais).

Na Grande João Pessoa, parlamentares vão disputar as prefeituras de João Pessoa e de Cabedelo. Na capital, o nome do deputado estadual Luciano Cartaxo foi definido pelo Grupo de Trabalho Eleitoral do PT na última quarta-feira (26). Luciano Cartaxo, que está em seu segundo mandato como deputado estadual, tenta retornar à Prefeitura de João Pessoa para um terceiro mandato. O parlamentar foi eleito em 2012 e reeleito em 2016 para a chefia do Poder Executivo da capital. A oficialização do nome de Cartaxo como pré-candidato a prefeito de João Pessoa deve ser homologada pela Comissão Executiva Nacional do PT na próxima terça-feira (2).

Wallber Virgolino (PL), que foi o segundo deputado estadual mais votado na Paraíba nas duas últimas eleições, concorreu pela primeira vez a um cargo no Poder Executivo em 2020, na capital. Agora, o parlamentar é pré-candidato a prefeito em Cabedelo, município em que ele foi o terceiro deputado estadual mais votado, recebendo 2.487 votos nas eleições gerais de 2022. A pré-candidatura de Wallber em Cabedelo foi formalizada ao lado do ex-presidente da República Jair Bolsonaro em abril. "Pré-candidatura a prefeito de Cabedelo devidamente lançada e em grande estilo, ou melhor, no estilo Bolsonaro", destacou Wallber Virgolino, durante carreata pelas ruas da cidade.

Em Mamanguape, Litoral Norte da Paraíba, o deputado estadual Eduardo Brito (Solidariedade) se apresenta como pré-candidato a prefeito. Eduardo Brito foi eleito vereador no município em 2004, e foi eleito prefeito em 2008 e reeleito em 2012.

O deputado Inácio Falcão (PCDoB) vai disputar mais uma vez a prefeitura de Campina Grande. Inácio foi vereador no município por três vezes antes de conquistar uma cadeira na Casa de Epitácio Pessoa. Após eleito deputado estadual, foi candidato a vice-

-prefeito da Rainha da Borborema em 2016, formando chapa com o atual presidente da ALPB, Adriano Galdino (Republicanos), e foi candidato a prefeito em 2020.

Finalizando a lista de parlamentares que são pré-candidatos a prefeito, está Chico Mendes (PSB) que busca o mandato de prefeito de Cajazeiras, no Sertão paraibano. Chico foi prefeito de São José de Piranhas, município vizinho a Cajazeiras, entre 2017 e 2022, quando renunciou ao cargo para se candidatar a deputado estadual.

Wallber Virgolino e Inácio Falcão são os únicos da lista que nunca exerceram o cargo de prefeito anteriormente



Candidaturas só serão oficializadas durante o período de convenções partidárias, que vai de 20 de julho a 5 de agosto

Deputados que Devem se Afastar do Cargo



Chico Mendes quer disputar a Prefeitura de Cajazeiras



Eduardo Brito é pré-candidato à gestão de Mamanguape



Inácio Falcão deve se lançar na campanha em Campina Grande



Luciano Cartaxo foi escolhido para concorrer na capital



Wallber Virgolino pretende disputar pleito em Cabedelo

Familiars também buscam vaga no Executivo

Na capital, o deputado Hervázio Bezerra (PSB) deve cair em campo em busca da reeleição do filho, Léo Bezerra (PSB), como vice-prefeito. Léo Bezerra exerceu mandato de vereador em João Pessoa, mas, em 2020, foi indicado para compor com Cícero Lucena (PP) a chapa majoritária que venceu a última eleição municipal em João Pessoa.

No município de Bayeux, na Grande João Pessoa, o deputado estadual

Felipe Leitão (PSD) apresenta a esposa, Tacyana Leitão (PSB), como pré-candidata a prefeita. No município, Felipe Leitão foi o deputado estadual mais votado, recebendo 8.688 votos da população, mais do que o dobro da segunda deputada estadual mais votada na cidade. Essa será a primeira disputa eleitoral de Tacyana Leitão, que diz que aceitou o desafio de ser candidata após ouvir a população. "Durante

a campanha de Felipe a deputado estadual, eu o apresentei em diversos momentos em Bayeux. Isso fez com que nosso nome fosse lembrado pela população para disputar o pleito. Aceitamos o desafio e estamos nos colocando à disposição para trabalhar por nossa gente", disse Tacyana Leitão.

O deputado Bosco Carneiro (Republicanos) já foi prefeito de Alagoa Grande em 2008 e, desde 2015, exer-

ce o mandato de deputado estadual. Nas últimas eleições, indicou o filho, Neto Carneiro, a vice-prefeito de Alagoa Grande, que saiu vitorioso na chapa encabeçada por Sobrinho (PP). Agora, Neto Carneiro concorre a prefeito da cidade.

Também no Brejo paraibano, a deputada Camila Toscano (PSDB) vai apoiar a candidatura da mãe, Léa Toscano (União Brasil), à Prefeitura de Guarabira. Léa e a família possuem uma longa trajetória na política de Guarabira. Léa, que foi prefeita da cidade entre 1997 e 2004, também foi deputada estadual, entre 2011 e 2015. O marido dela, Zenóbio Toscano, foi prefeito da cidade entre 2013 e 2020.

Em Esperança, o deputado estadual Anderson Monteiro (MDB) terá como candidato o pai, Arnaldo Monteiro (MDB). Arnaldo foi deputado estadual entre 2011 e 2019 e concorreu a prefeitura de Esperança em 2012 e 2020, porém não obteve êxito.

Em Pocinhos, o presidente da ALPB, Adriano Galdino (Republicanos), tem como candidata à reeleição a prefeita da cidade, sua esposa Eliane Gal-

Sete parlamentares estão empenhados em conduzir cônjuges, pais e filhos a chefias do Executivo municipal

dino. O próprio Adriano foi eleito prefeito da cidade em 2004.

No Cariri paraibano, o deputado Michel Henrique (Republicanos) confirmou a pré-candidatura da mãe a prefeita de Monteiro. A ex-deputada federal, Edna Henrique, foi prefeita da cidade entre 2009 e 2016. Na última eleição municipal, em 2020, Edna foi candidata a vice-prefeita compondo chapa com a filha Michele Henrique, porém foram derrotadas por Anna Lorena que buscava a reeleição a prefeita de Monteiro. Anna Lorena e a família Henrique já foram aliados no passado, porém romperam politicamente após a eleição de Anna a prefeita da cidade.



Felipe Leitão, que recebeu 8.688 votos em Bayeux, apresenta a esposa, Tacyana, como pré-candidata à Prefeitura. Essa será a estreia dela em disputas eleitorais

Foto: Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados



Aprovada no Plenário da Câmara dos Deputados, proposta do relator Airton Faleiro (PT-PA) segue para apreciação do Senado Federal

TRANSPARÊNCIA

Projeto de lei cria cadastro de servidores demitidos

Objetivo é permitir consulta sobre obstáculos legais ao exercício de cargo público

Agência Câmara

A Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei que cria o Cadastro Nacional de Servidores Demitidos (CNSD), no âmbito de todas as administrações públicas de todos os poderes. A intenção é reunir, em uma única ferramenta, a consulta sobre impedimentos legais para o exercício de cargo ou função pública. A proposta será enviada ao Senado Federal.

O texto foi aprovado em Plenário na última quarta-feira (26), na forma de um substitutivo do deputado Airton Faleiro (PT-PA) para o Projeto de Lei nº 3287/12, do

deputado Zeca Dirceu (PT-PR). Substitutivo é o nome que se dá ao texto que altera substancialmente o conteúdo original da proposta. Ele é apresentado pelo relator e tem preferência na votação sobre o projeto original.

Para efeitos do cadastro, serão considerados servidores públicos todas as pessoas físicas que exerçam, legalmente, funções ou cargos públicos ou sejam contratadas para empregos públicos, em órgãos e entidades da administração pública direta e indireta dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário da União, dos estados, do Distrito Federal e

dos municípios.

Dessa forma, o CNSD terá as seguintes informações sobre os servidores ou empregados públicos expulsos, após o trânsito em julgado da decisão administrativa ou judicial: identificação do ex-servidor, com CPF; dispositivos legais que justificaram a aplicação da penalidade ao ex-servidor, com cópia do processo administrativo e judicial, se houver; data da demissão, cassação da aposentadoria, destituição do cargo em comissão ou perda do cargo ou função pública; e outras informações que a autoridade pública julgar relevantes.

Dados

Nova ferramenta incluirá informações como a identificação do ex-servidor, com CPF, e os dispositivos legais que justifiquem a aplicação da penalidade

Atualização da lista caberá ao Poder Público

Os órgãos e entidades de todas as esferas de Poder (Executivo, Legislativo e Judiciário) e de todos os níveis de governo (federal, estadual, distrital e municipal) deverão abastecer e manter atualizado o cadastro nacional com esses dados. A responsabilidade do registro será da autoridade pública que aplicou a penalidade ao ex-servidor. Esse registro deve ser feito em até cinco dias corridos, após a imposi-

ção da medida.

Já a inserção dos dados de ex-servidores ou ex-empregados públicos que estejam submetidos a algum impedimento de retorno ao serviço público deverá ser feita no prazo máximo de 30 dias, contados da regulamentação da futura lei. É o caso, por exemplo, de impedimentos causados pela Lei de Ficha Limpa, que podem ser mais longos que a penalidade administrativa ou penal.

Consulta

O substitutivo do deputado Airton Faleiro determina que os responsáveis pela posse de servidores ou pela contratação de empregados públicos serão obrigados a consultar o cadastro antes de efetivar a posse ou contratação.

Depois de oito anos do início do cumprimento da penalidade pelo ex-servidor, seu registro no cadastro deverá ser excluído. “O cadastro deve ser harmonizado com

outros princípios constitucionais conformadores do devido processo legal, entre eles a presunção de inocência e a vedação de penas de caráter perpétuo”, explicou Faleiro.

Os servidores que não cumprirem as determinações da futura lei estarão sujeitos a processo administrativo disciplinar, respeitadas as competências de cada ente federativo. O Poder Executivo regulamentará a lei em 180 dias após sua publicação.

CONCURSOS

Deputados avaliam proposta que reserva vagas para pessoas em situação de rua

Agência Câmara

O Projeto de Lei nº 1230/24 reserva, para pessoas em situação de rua, 10% das vagas em concursos públicos, processos seletivos, contratações e licitações relacionados a provimento de cargo, emprego ou funções na administração pública federal. A condição é que elas estejam inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico).

Ainda segundo o texto, nas licitações e contratações de empresas prestadoras de serviços, a adoção da cota para a população em situação de rua contará como diferencial, valendo ponto na avaliação e na fiscalização.

A proposta, do deputado Reimont (PT-RJ), está em análise na Câmara dos Deputados. Citando dados do CadÚnico, Reimont lembra que, em 2023, havia mais de

260 mil pessoas em situação de rua no Brasil, sendo a maioria formada por homens negros. A situação delas, para o deputado, só seria revertida a partir de políticas estruturantes de moradia e geração de emprego.

“O projeto visa contribuir para enfrentar a questão com medidas efetivas de geração de emprego e renda, que venham a impactar positivamente na redução substancial

e na solução do problema”, defende o parlamentar.

Tramitação

O projeto tramita em caráter conclusivo e será analisado pelas comissões de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial; de Finanças e Tributação; e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

Para virar lei, a proposta também precisa ser aprovada pelos senadores.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Banda Nova Euterpe de Itabaiana

A Banda Nova Euterpe é a sucedânea de outras sociedades musicais que existiram em Itabaiana desde 1888, quando a vila pertencia ao município de Pilar. Nesse tempo todo, a banda desaparece e surge como a Fênix mitológica, no dizer do historiador Sabiniano Maia. Em 1901, o trem apitou pela primeira vez na terra de Zé da Luz, sendo saudado pela banda de música liderada por Alcebiades Araújo, um dos homens mais inteligentes de Itabaiana, em todas as épocas. Manoel Araújo, o prefeito da cidade, pegou Alcebiades e formou uma escola de música. Em pouco tempo, a filarmônica estava pronta, tocando seus dobrados e valsas no coreto da praça. O próprio prefeito tocava piston. Nessa banda, tocava saxofone um rapazinho de nome Severino Rangel, que depois ficou conhecido nacionalmente como Ratinho, da famosíssima dupla sertaneja Jararaca e Ratinho.

Portanto, a banda de música de Itabaiana sempre existiu, alegrando sua gente, produzindo gênios da qualidade do mestre Sivuca e tantos outros músicos de escola. Já foi chamada de Filarmônica Itabaianense, Filarmônica Santa Cecília, Sociedade Musical Itabaianense, Banda Musical 24 de Maio e Euterpe Itabaianense. Houve um tempo em que a banda se chamava Nova Euterpe, comandada pelo maestro Zezé e abrilhantada por músicos da qualidade de Marreta, Chico Sanfoneiro, Walmir, Paulão, Tota, Zé Maria, Zé Guerra e tantos outros seguidores dessa tradição de Itabaiana. Pena que, atualmente, já não exista a escola de música da banda, onde crianças recebiam orientação musical gratuita, imprescindível para a transferência de conhecimentos e na formação de novos instrumentistas. É uma pena mesmo que hoje os músicos não possam se apresentar como antigamente, quando a banda saía da sua sede, em formação militar, com os músicos de uniformes limpos, engomados, sapatos engraxados, queques na cabeça, desfilando pelas ruas ao som de dobrados, em direção ao coreto da Praça Álvaro Machado. Atualmente, a banda já não existe. Mas ainda resistem artistas na preservação dessa tradição itabaianense, lembrando grandes e abnegados músicos iguais a Ivanildo, Quirino e Henrique, homens que preservaram nosso passado romântico e artístico.

Hoje, as bandas de música são uma tradição que está morrendo no Brasil. Em Itabaiana, a banda depende dos chamados poderes públicos. Em 1986, o então prefeito Babá municipalizou a banda Nova Euterpe, doou novos instrumentos e uniformes, deu vida nova à entidade. Mas tudo no Brasil sofre solução de continuidade quando se trata da coisa pública. Entra outro administrador, e as coisas mudam. A banda de Itabaiana sempre foi dirigida ora pela paróquia, ora por particulares, ora pela prefeitura. Na década de 1910, a banda era da prefeitura, sendo proibida de tocar nas festas religiosas, porque o prefeito brigou com o padre. Depois foi o contrário: o padre José Trigueiro brigou com o chefe político Dr. Flávio Ribeiro Coutinho e a banda já não tocava nos eventos oficiais.

Independentemente das brigas paroquiais, a banda vem se mantendo, com um histórico de apresentações memoráveis, chegando a ganhar um concurso estadual promovido pela Rádio Caturité de Campina Grande, nos anos 50. Entre seus mestres e grandes músicos, contam-se Pedro Carneiro, Mestre Flor, Manoel Cavalcante, Jovelino Cândido e Manoel Fuá, que tocava todos os instrumentos. Mestre Fuá era cobrador de feira, muito amigo de Toinho, tocador de piston e cunhado do respeitável professor Mendonça, que hoje dá nome a uma escola primária da cidade. Entre os músicos do passado, contam-se José Tertuliano Ferreira de Melo, que cortava carne verde no mercado nos dias de feira, depois conhecido como Zuza Ferreira, um dos maiores poetas itabaianenses, o homem que ensinou Zé da Luz a fazer versos matutos e cortar paletós de linho branco na alfaiataria. Na fase áurea, despontavam o soprano Francisco Martins; no contrabaixo, Pedro Vieira; Manú, na clarineta; o alfaiate João Pitu, no piston; o guarda-livros Joaquim Abreu, no bombardino; Manoel Jurema, no trombone; o tipógrafo Pedro Ivo, na clarineta; Severino Fagundes, no trombone; Nezinho Ferreira, na bateria; e o porteiro da prefeitura, Laurentino Barbosa, se garantia na tuba. Entre eles, havia um tal Pingolenga, que era um homem muitíssimo inteligente. Pingolenga tocava trompa na banda, além de ser desenhista, mecânico, pedreiro, pintor e mestre em outros ofícios. Foi ele quem montou o relógio da igreja, doado por Odilon Maroja. Tudo isso eu conto no meu livro “História de Itabaiana em versos”.

Reza a lenda que o genial Sivuca, aos oito anos de idade, apontava os instrumentos, por acaso, desafinados que compunham a banda, quando a “furiosa” passava na porta de sua casa, no distrito de Campo Grande. Seu ouvido ultrasensível sabia distinguir o valor de uma moeda pelo tilintar dela ao cair no chão.

Mas, voltando à Nova Euterpe, é de se fazer um apelo aos prefeitos para ajudar nossa banda civil. Quando nada, porque a banda é mais do que um veículo de entretenimento coletivo, participando de movimentos políticos, acontecimentos religiosos, cívicos e sociais. No nosso caso, a banda é o próprio espírito de arte e da cultura desta terra, que deve ser preservado.

MATA ATLÂNTICA

País detém apenas 18% das patentes

Dos 118 títulos de propriedade usando espécies de flora endêmica concedidos, somente 21 foram registrados no Brasil

Vitor Abdala
Agência Brasil

A Mata Atlântica é um bioma sul-americano rico em biodiversidade e espécies únicas, que não existem naturalmente em nenhum outro lugar do mundo. Das cerca de 9,5 mil espécies de plantas nativas desse bioma, estima-se que cerca de 8,4 mil sejam endêmicas, ou seja, que só ocorrem ali, de forma natural.

Um estudo realizado por pesquisadores do Instituto Nacional da Mata Atlântica (Inma), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), mostrou que produtos e tecnologias criados a partir de 66 plantas endêmicas do bioma resultaram no registro de 118 patentes, ou seja, títulos de propriedade sobre uma invenção ou modelo de utilidade, outorgado pelo Estado, no período de 2000 a 2021.

Desse total, apenas 21 foram desenvolvidas e registradas no Brasil. A China é o principal detentor de patentes da flora endêmica da Mata Atlântica, com 54 registros. Também se destacam os Estados Unidos (15), países europeus (sete) e o Japão (três).

As duas espécies com maiores números de patentes, a sálvia flor-de-cardeal (*Salvia splendens*), com 34, e a gloxínia (*Sinningia speciosa*), com sete, não têm nenhum produto ou tecnologia patenteados no Brasil.

O estudo destaca a importância de mecanismos para controle, acesso e proteção dos recursos genéticos brasileiros. No entanto, não é possível confirmar se o acesso a essas espécies se deu por meio de plantas retiradas di-



Foto: Thiago Queiroz/Estadão Conteúdo

Produtos e tecnologias foram criados a partir de 66 espécies da Mata Atlântica, sendo duas principais: a sálvia flor-de-cardeal (34 patentes) e a gloxínia (sete)

■ **China é maior detentora de patentes do bioma (54 registros), seguida por EUA (15), países da Europa (sete) e Japão (três)**

retamente do Brasil ou de espécimes cultivados/naturalizados em outros países.

“É difícil reconhecer a origem do patrimônio genético em patentes, quando não declarado. Desde a colonização do Brasil [pelos portugueses], há grande mobilidade de espécies vegetais entre todos os continentes. Nesses 500 anos, espécies endêmicas do Brasil podem ter se tornado ‘nativas’ em outros países, passando a fazer parte do patrimônio genético desses países,

podendo inclusive estarem associadas a conhecimentos tradicionais em outras partes do mundo”, afirma Celise Villa dos Santos, pesquisadora do Inma e uma das autoras do estudo.

Segundo ela, os atuais mecanismos nacionais e internacionais de concessão de patentes e de controle de registro de acesso à biodiversidade e aos conhecimentos tradicionais associados são limitados para identificar e monitorar a origem do patri-

mônio genético. Por isso, Celise ressalta, não é possível reconhecer possíveis atividades de biopirataria nesses depósitos realizados fora do país por estrangeiros.

“As dificuldades em reconhecer a origem do patrimônio genético em patentes poderiam ser sanadas pela implementação do certificado internacional de origem e com a exigência desse certificado para depósito de patentes. Mas a implantação desse certificado permanece em ne-

gociação no Conselho de Direitos de Propriedade Intelectual da Organização Mundial do Comércio (OMC) desde 2011”.

Ação limitada

A pesquisadora destaca que o Sistema de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen), implantado em 2017 no Brasil, só controla o acesso à biodiversidade e às tecnologias desenvolvidas e protegidas dentro do país.

Propriedades químicas e medicinais

O levantamento também identificou 1.148 patentes de 72 espécies de plantas que são nativas mas não endêmicas à Mata Atlântica. A maioria delas é nativa também de outros países, como é o caso do musgo *Rhodobryum roseum*, líder em patentes (263), que ocorre em quase todo o mundo e que é estudada por suas propriedades químicas e medicinais.

Outras ocorrem naturalmente apenas no Brasil, mas não são exclusivas da Mata Atlântica, como é o caso do jaborandi (*Pilocarpus spicatus*). Dessas 1.148 patentes de plantas nativas não endêmicas, o país tem apenas 21, ou 2% do total.

De acordo com a pesquisadora do Inma, Celise Villa, inovações tecnológicas são um mecanismo potencial para aumento da eficiência econômica de um país e indutor do aumento do nível de competição no comércio internacional. E o Brasil tem condições de estar à frente nesse processo. “No Brasil, as inovações na área de biotecnologia ainda seriam favorecidas pela grande variedade de espécies distribuídas nos seis biomas brasileiros e

também pelos conhecimentos acumulados pelos povos e comunidades tradicionais sobre o uso dessas espécies”, destaca.

Ela afirma que as políticas públicas e mecanismos de incentivo ao desenvolvimento da bioeconomia federais e estaduais, a partir da década de 2000, passaram a impulsionar a estratégia de patentear a biotecnologia no país. No entanto, segundo ela, há dificuldades.

“As patentes brasileiras com espécies da Mata Atlântica têm sido depositadas predominantemente por universidades e institutos de pesquisa públicos brasileiros, o que envolve custos”, explica Celise.

Estratégias

A pesquisadora afirma ainda que a proteção de uma invenção depende de questões culturais, políticas públicas de incentivos governamentais e estratégias das empresas. E cita que, apesar de a Amazônia ter menos espécies vegetais que a Mata Atlântica, produtos e tecnologias baseados nas plantas amazônicas são

mais patenteados.

“Isso acontece por estratégias empresariais de indústrias de cosméticos e pelo apelo de *marketing* da floresta amazônica. Também pela existência de instituições como o Inpa [Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia], dedicado a desenvolver tecnologias e cuidar da proteção da propriedade intelectual”.

O estudo mostra que muitas das espécies de flora da Mata Atlântica com patente estão associadas a algum risco de extinção. “Considerando que a Mata Atlântica possui hoje somente 12% de vegetação nativa remanescente e que 82% das espécies de flora endêmica estão ameaçadas de extinção, temos alerta para potencial perda de recursos”.

Neste mês, o governo brasileiro lançou a Estratégia Nacional de Bioeconomia, que reúne diretrizes e objetivos estratégicos para o desenvolvimento de cadeias de produtos, processos e serviços que utilizam recursos biológicos e tecnologia avançada para elaboração de produtos mais sustentáveis.

Bioma precisa ser mais protegido

Camila Boehm
Agência Brasil

Um dos aspectos principais para que seja possível preservar as espécies é proteger a floresta. O estudo mais recente mostrou que o desmatamento da Mata Atlântica teve redução na parte contínua do bioma, mas registrou aumento em

“

A lei protege toda a vegetação nativa desse bioma, mas tem sido contestada, atacada e não aplicada de maneira rigorosa

Luis Fernando Guedes Pinto

fragmentos isolados e áreas de transição, na comparação entre 2022 e 2023. Os dados da Fundação SOS Mata Atlântica, com base no Atlas da Mata Atlântica e no Sistema de Alertas de Desmatamento (SAD) Mata Atlântica, alertam que houve mudança de comportamento em relação à destruição do bioma.

“O desmatamento caiu nessa região contínua da Mata Atlântica, que vai do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, onde há as florestas maduras. E aumentou nos encraves e nas transições com os outros biomas, onde há essas transições com o Cerrado e com a Caatinga, e também onde existem florestas jovens”, relatou o diretor-executivo da SOS Mata Atlântica, o engenheiro agrônomo Luís Fernando Guedes Pinto.

Ele ressalta que, embora os números pareçam conflitantes, ambos revelam a mesma tendência de redução de desmatamento na área contínua e aumento nos encraves. “Isso também tem a ver com a aplicação da Lei da Mata Atlântica, que pro-

tege toda a vegetação nativa desse bioma, mas que tem sido contestada, atacada e não aplicada de maneira rigorosa nas regiões de transição e de encraves”.

A fundação avalia que a redução no desmatamento na área contínua é sinal de que as políticas de conservação e o monitoramento intensivo estão produzindo resultados positivos. De acordo com o Atlas da Mata Atlântica, coordenado pela SOS Mata Atlântica e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o desmatamento no bioma caiu de 20.075 hectares em 2022 para 14.697 em 2023, uma queda de 27%. A entidade ressalta que esses dados, entretanto, oferecem visão parcial do cenário. Isso porque o Atlas monitora áreas superiores a três hectares de florestas maduras, o que corresponde a 12,4% da área original do bioma.

A SOS Mata Atlântica destaca ainda que a restauração do bioma tem papel importante para a adaptação às novas condições climáticas.

OPORTUNIDADES

Piancó e Queimadas abrem vagas

Concursos oferecem mais de 200 oportunidades em diferentes áreas e remunerações de até R\$ 4,5 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Duas prefeituras paraibanas estão com editais abertos para a contratação de profissionais de diferentes áreas e níveis de escolaridade. Em Piancó, são oferecidas 84 vagas em funções diversas, de níveis fundamental, médio/técnico e superior, com jornada semanal de 25 a 40 horas, ou em escala de 12/36 horas, e remuneração de até R\$ 3,3 mil. Entre as funções com mais vagas disponíveis, estão agente de limpeza pública (20), terapeuta ocupacional (4), fonoaudiólogo (4), farmacêutico (3), operador de máquina (3), urologista (3) e psicólogo (3). Já em Queimadas, há 121 oportunidades, com salários que variam de R\$ 1,4 mil a R\$ 4,5 mil e jornada de 30 a 40 horas semanais. A seleção abrange cargos diversos, com destaque para médicos, professores e técnicos — de Enfermagem, Informática e Farmácia.

Postos em Piancó

Os interessados em participar do concurso da Prefeitura de Piancó devem realizar a inscrição até 21 de julho no site da CPCon (cpcon.uepb.edu.br), responsável pelo processo seletivo. A taxa de inscrição varia entre R\$ 75 e R\$ 115, conforme o nível de escolaridade. Todos os candidatos passarão por uma prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, marcada para o dia 25 de agosto. Já para os cargos de motorista (categoria

D) e operador de máquinas, haverá também uma prova prática, agendada para 20 de outubro. Além disso, para a posição de professor, será realizada uma etapa complementar de análise de títulos.

Conforme o edital, a prova objetiva será composta por 40 questões de múltipla escolha, abrangendo conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática, Conhecimentos Gerais ou Específicos, Informática, Raciocínio Lógico e Pedagogia. A distribuição das questões variará conforme o nível de escolaridade exigido para cada cargo. Por exemplo, professores responderão a perguntas sobre Língua Portuguesa, Conhecimentos Pedagógicos e Específicos. O resultado da prova objetiva e a convocação para as provas prática e de títulos serão divulgados nos dias 27 e 30 de setembro, respectivamente. O resultado final do concurso, por sua vez, está previsto para o dia 31 de outubro.

Cargos em Queimadas

Já para participar do certame promovido pela Prefeitura de Queimadas é necessário realizar a inscrição até 19 de junho pelo site da Facet Concursos (facetconcursos.com.br). A taxa de inscrição varia de R\$ 85 a R\$ 115, de acordo com a escolaridade do cargo pretendido. Segundo o edital, o processo será dividido em três fases: prova objetiva de múltipla escolha (para todos os candidatos); prova prática (específica para os cargos de



Foto: João Pedrosa

Certame de Piancó é organizado pela CPCon, enquanto Queimadas contratou como organizadora a Facet Concursos

motorista e operador de máquinas) e prova de títulos (para professores). A avaliação obrigatória está marcada para 15 de setembro e abrangerá questões de Língua Portuguesa, Matemática e Conhecimentos Gerais. A previsão é que o gabarito definitivo seja publicado até 30 de setembro. Já a convocação para as provas

prática e de títulos deverá ocorrer até 14 de outubro. O resultado definitivo, por sua vez, será divulgado em 25 de outubro.

Para verificar o passo a

passo das inscrições e obter outras informações sobre os concursos, os candidatos devem acessar os editais na íntegra nos sites das bancas organizadoras.

O fonoaudiólogo e o cuidado com a comunicação humana

No mês de conscientização sobre a afasia, uma condição causada por lesões cerebrais que comprometem a capacidade de usar a linguagem e a fala, é especialmente relevante discutir o papel do fonoaudiólogo no cuidado com a comunicação humana — oral e escrita. Embora não faça parte da área médica, o profissional é altamente especializado e essencial para o diagnóstico, tratamento e a prevenção de distúrbios relacionados à linguagem, voz e audição, além de funções ligadas à respiração, mastigação e deglutição.

Em um mundo onde a comunicação nunca foi tão crucial, a Fonoaudiologia tem ganhado cada vez mais destaque ao ajudar as pessoas a se expressarem melhor, em todas as fases da vida. Seja apoiando crianças com atrasos na fala, adultos que sofreram acidentes vasculares cerebrais ou idosos com perda auditiva, o trabalho dos fonoaudiólogos é fundamental para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Não é à toa que a demanda por esse apoio continua crescendo e deve se manter elevada no futuro: com o aumento da expecta-



Foto: Danna Amute/Agência Acre

Profissional é essencial no diagnóstico e tratamento de distúrbios de linguagem, audição, mastigação e deglutição

tiva de vida da população, a preocupação com o bem-estar se torna imprescindível.

Segundo Victor Costa, professor de Fonoaudiologia do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), a profissão, embora seja relativamente nova, está em constante evolução. “Aqui no Brasil, ela

foi regulamentada em 1981. Então, tem um pouco mais de 40 anos que ela é reconhecida como profissão e, desde então, vem se expandindo cada vez mais”, ressalta. Devido à sua versatilidade, o fonoaudiólogo pode atuar em uma variedade de contextos, incluindo clínicas, escolas, hospitais,

maternidades, veículos de comunicação e empresas de *telemarketing*. Suas funções abrangem a habilitação, reabilitação e aprimoramento da comunicação; prevenção e avaliação da voz em profissionais como atores, professores e jornalistas; além da avaliação de distúrbios neurológicos, en-

tre outras.

O professor da Unipê explica que o campo de atuação é bastante amplo, não se limitando ao tratamento de doenças relacionadas à comunicação. “Podemos trabalhar com um profissional da voz que precisa refinar os seus parâmetros vocais, a estéti-

ca facial, que é uma forma de aperfeiçoamento, ou na prevenção de doenças para que não se agravem ou se instalem”. Outro exemplo é a fonoaudiologia educacional, em que o fonoaudiólogo atua nas escolas junto a crianças e professores. “Nesse contexto, ajudamos no processo de inclusão e adaptação do aluno, especialmente em casos envolvendo alterações no neurodesenvolvimento”, finaliza Victor Costa.

Vagas

Nos concursos das prefeituras de Piancó e Queimadas, há quatro vagas disponíveis para o cargo de fonoaudiólogo, com carga horária semanal de 40 horas e salários variando entre R\$ 1.600 e R\$ 1.725. Para se candidatar, é necessário ter formação superior em Fonoaudiologia e estar inscrito no Conselho Regional. Além disso, serão exigidos conhecimentos específicos sobre linguagem, morfofisiologia dos órgãos da fala, técnicas de comunicação, elementos linguísticos, distúrbios da fala e suas relações com outras patologias, como autismo e paralisia cerebral, entre outros temas.

Selic

Fixado em 19 de junho de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+1,46%

R\$ 5,588

Euro € Comercial

+1,52%

R\$ 5,985

Libra £ Esterlina

+1,66%

R\$ 7,068

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Mai/2024 0,46

Abril/2024 0,38

Março/2024 0,16

Fevereiro/2024 0,83

Janeiro/2024 0,42



Custos com equipamentos e manutenção são todos rateados entre sócios

Fotos: Evandro Pereira

LIMPA E RENOVÁVEL

Cooperativas são opção de energia solar para prédios

Consumidores fazem assinatura e têm direito a cota para uso em seu endereço

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Muito se fala nas vantagens da energia fotovoltaica, limpa e renovável, principalmente no Nordeste, onde temos sol praticamente o ano inteiro. O que pouca gente sabe, porém, é que mesmo pessoas que moram em apartamentos ou locais em que não há espaço para instalar as placas solares podem se beneficiar do sistema.

Com cada vez mais pessoas vivendo em apartamentos — só em João Pessoa há mais de 122 mil unidades desse tipo de moradia, conforme dados do IBGE — muita gente não tinha a oportunidade de usufruir da energia fotovoltaica, e foi para solucionar esse problema que surgiram as cooperativas. Foi o que explicou o diretor-presidente da Coopsolar, primeira cooperativa do ramo no nordeste, Eduardo Braz.

“Se eu não tenho espaço no meu apartamento, posso gerar essa energia em outro lugar”, disse. Ele contou que existem três formas de utilizar a energia gerada por radiação solar, sendo a primeira delas, e mais conhecida, a geração na própria unidade consumidora. Também há o autoconsumo remoto, que é quando se consome a energia gerada em outra propriedade da mesma pessoa, como um terreno ou fazenda. Por fim, existe a modalidade compartilhada, que é a utilizada na cooperativa.

Funciona assim: um grupo de cooperados se une para investir na construção de uma usina de energia solar e passa então a ter direito a uma parte da energia gerada por ela. “Vamos supor que eu precise de 10% da energia que a usina é capaz de gerar. Então eu vou assumir as despesas equivalentes a 10% da operação”, exemplificou Eduardo.

Atualmente, a Coopsolar, que é sediada em João Pessoa, possui quatro usinas em fun-



Eduardo Braz: se a pessoa não possui espaço na residência, a geração acontecerá em outro lugar

Um grupo se une para construir uma usina fotovoltaica e passa a ter direito a uma parte da energia gerada

cionamento, localizadas em Praia Bela, Lucena, Conde e Boqueirão.

Apesar disso, Eduardo Braz considera que a quantidade de sistemas fotovoltaicos instalados no estado ainda é muito baixa. “A Alemanha tem 10 vezes mais sistemas do que nós, sendo que as nossas condições são muito mais favoráveis do que as deles”, comentou, acrescentando que esteve no país europeu para estudar as tecnologias empregadas lá.

Assinatura

Eduardo Braz acredita que parte do desinteresse da população em relação a essa modalidade de geração de energia seja por falta de conscientização sobre sustentabilidade, mas boa

parte também pelo desconhecimento. “Muita gente não sabe como fazer, acha que é muito difícil. Entendo que tem termos técnicos, mas temos na cooperativa profissionais que podem fazer toda a orientação”, afirmou ele, que também é engenheiro eletricista. Muitas pessoas também não conhecem a possibilidade de aderir ao sistema mesmo morando em apartamento.

Para facilitar ainda mais a vida de quem se interessa pela modalidade de geração de energia, mas não quer ter trabalho, a cooperativa recentemente lançou uma modalidade de assinatura. Nesse modelo, o consumidor não precisa investir em nada, apenas assinar um contrato, que garante 10% de desconto em relação ao valor que seria cobrado pela Energisa.

“Esse cliente aqui, por exemplo, a conta deu R\$ 4.697, mas ele vai pagar R\$ 469 a menos”, relatou. Segundo ele, essa modalidade compensa financeiramente para clientes que consomem a partir de R\$ 400 de energia por mês. Quem tiver dúvidas sobre se o sistema compensa ou sobre quanto energia precisaria comprar, não precisa se preocupar, pois os profissionais da cooperativa avaliam caso a caso de acor-

do com o consumo relatado pela Energisa na conta de luz.

Importante lembrar que, mesmo com a geração própria de energia, o cliente ainda precisa pagar a companhia de energia elétrica pelo custo de disponibilidade, de forma que a conta da Energisa nunca chega a zerar.

Financiamento

Quem pensa em investir na própria geração de energia, mas não tem recursos financeiros para arcar com os custos, pode contar com diversas linhas de crédito específicas para este fim, disponibilizadas por diversos bancos e cooperativas.

A mais conhecida delas é o FNE Sol, programa do Banco do Nordeste que financia projetos de micro e minigeração distribuída de energia por fontes renováveis, inclusive de forma isolada, para consumo próprio ou destinados à locação.

A linha de crédito está disponível para empresas, pessoas físicas e produtores rurais e é possível financiar todos os componentes dos sistemas de micro e minigeração de energia elétrica fotovoltaica, eólica, de biomassa ou pequenas centrais hidroelétricas (PCH), bem como sua instalação.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

A importância da avaliação empresarial

Estimar o valor de uma empresa é uma arte complexa, mas crucial para qualquer empreendedor que deseje não apenas entender o potencial do seu negócio, mas também atrair investidores, pleitear crédito e planejar o futuro estratégico do empreendimento. Nessa coluna, gostaria de compartilhar algumas perspectivas e indicadores essenciais que podem fazer a diferença significativa nesse processo.

O valor de uma empresa não é apenas uma métrica estática, mas uma medida dinâmica que reflete sua capacidade de gerar retornos futuros. Entre os principais indicadores utilizados para determinar o valor de mercado, estão o EBITDA (Lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização), múltiplos de receita, análise do fluxo de caixa descontado (DCF) e comparação com empresas similares no setor. Cada um desses métodos oferece uma visão única sobre a saúde financeira e o potencial de crescimento de uma empresa.

O EBITDA, por exemplo, é um indicador muito usado no mercado que ajuda a normalizar os resultados operacionais, excluindo fatores não recorrentes que podem distorcer a avaliação. É especialmente útil para empresas em fase de crescimento ou com investimentos significativos em ativos. Já o DCF, ao considerar o valor presente dos fluxos de caixa futuros projetados, oferece uma abordagem mais detalhada e sensível ao risco, sendo amplamente utilizado em transações que exigem uma análise aprofundada da capacidade de geração de caixa da empresa ao longo do tempo.

Além desses métodos, a análise comparativa com empresas semelhantes no mercado também desempenha um papel crucial. Compreender como sua empresa se posiciona em relação aos concorrentes diretos não só ajuda a calibrar expectativas de valorização, mas também oferece insights valiosos sobre as vantagens competitivas e os pontos de diferenciação que podem influenciar positivamente as negociações.

O fluxo de caixa, por sua vez, é uma peça central nesse quebra-cabeça. Gerir eficazmente o fluxo de caixa não apenas melhora a liquidez e a saúde financeira geral da empresa, mas também aumenta sua capacidade de investir em novos projetos, pagar dividendos aos acionistas e amortizar dívidas. Investidores e instituições financeiras consideram frequentemente a robustez do fluxo de caixa ao avaliar o risco associado a um investimento, destacando a importância de uma gestão financeira diligente e estratégica.

Para empresários que buscam expandir suas operações, buscar financiamento ou até mesmo considerar uma saída estratégica, ter uma compreensão clara e precisa do valor da empresa é não apenas prudente, mas essencial. A transparência proporcionada por números sólidos e uma análise metódica não apenas fortalece sua posição nas negociações, mas também orienta decisões estratégicas que podem definir o futuro do negócio.

Portanto, investir tempo e recursos na avaliação precisa do valor da empresa não é apenas uma prática recomendável, mas uma estratégia inteligente para maximizar o potencial de crescimento e sustentabilidade a longo prazo. Empresas bem preparadas e informadas têm uma vantagem competitiva significativa em um mercado cada vez mais exigente e competitivo. Desejo a todos os empreendedores sucesso em suas jornadas, aproveitando o conhecimento e a análise cuidadosa para construir empresas resilientes e prósperas.

ALERTA

Trabalhador cada vez mais doente

Contato com materiais biológicos, LER e transtornos mentais são algumas das causas de afastamento na Paraíba

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Agentes nocivos, como substâncias tóxicas, fumaça ou ruídos, além de condições inadequadas de trabalho são os grandes responsáveis pelo adoecimento físico e mental dos profissionais. Só na Paraíba, 5.822 trabalhadores foram vítimas de acidentes laborais em 2023, cerca de 33% a mais em comparação ao ano anterior, quando 4.375 pessoas adoeceram. Mas os dados parciais de 2024, divulgados pelo Ministério da Saúde, por meio do painel de Vigilância Epidemiológica em Saúde do Trabalhador (Vesat), mostram que o problema persiste: foram 1.312 notificações até abril, o equivalente a 89 registros para cada 100 mil trabalhadores.

Por trás desses números, há diversas causas que levam ao adoecimento de homens e mulheres todos os anos, desde transtornos mentais, como estresse, ansiedade e Burnout, até cânceres e doenças de pele. Também fazem parte dessa lista perda auditiva, lesão por esforço repetitivo, exposição a



Foto: Julio Cesar Pires

Falta de equipamentos de proteção contribui para o desenvolvimento de problemas de saúde

materiais biológicos e problemas pulmonares. Segundo especialistas, fatores como falta de equipamentos de proteção e exposição contínua a ambientes de risco contribuem significativamente para o desenvolvimento desses problemas de saúde.

Na prática, são condições que resultam diretamente das atividades desempenhadas no dia a dia e agravadas pela ausência de bem-estar no traba-

lho. Profissionais que atuam em frigoríficos e hospitais, por exemplo, devem ter à disposição lavatórios e pias exclusivas para a higiene das mãos, para evitar a contaminação por agentes biológicos. A mesma lógica se aplica a profissionais de limpeza, saúde e da construção civil que, por lidarem com substâncias que irritam a pele e as mucosas, precisam utilizar equipamentos de proteção adequados, os famo-

sos EPIs, para se protegerem.

Acidentes graves

Entretanto, quando esses protocolos de segurança são ignorados pelas empresas, os trabalhadores enfrentam desafios que podem colocar suas vidas em perigo. Além do risco elevado de desenvolver doenças crônicas, eles também podem sofrer acidentes graves durante o exercício de suas atividades. É o que aponta Kleber José, diretor

do Centro Regional de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest) de João Pessoa, serviço ligado à Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e dedicada à prevenção, vigilância, educação e diagnóstico em saúde ocupacional. Segundo ele, esse é o principal motivo de afastamento laboral não só na Paraíba, mas em todo o Brasil. "São acidentes como quedas, choques, esmagamentos e amputações traumáticas", afirma.

Dependendo da gravidade, as sequelas desses acidentes podem ser irreversíveis e até fatais. De janeiro a abril deste ano, foram registrados cinco mortes na região de João Pessoa, envolvendo, majoritariamente, motoristas de caminhão. Kleber destaca que esse tipo de ocorrência é mais comum na indústria, o que exige uma maior articulação do poder público para garantir a implementação e o cumprimento rigoroso dos protocolos de segurança.

Mas, como Kleber explica, nem todas as doenças ocupacionais podem ser facilmente relacionadas ao trabalho, as exceções são acidentes envolvendo maquinários pesados ou

equipamentos. O Cerest entra em cena ao fazer o acolhimento do trabalhador e uma investigação, para estabelecer o nexo causal entre o adoecimento e o trabalho exercido por ele.

"Na anamnese ocupacional, nós levantamos informações acerca do processo de trabalho, da história dele no mundo do trabalho, das atividades desenvolvidas e dos riscos. Já, na clínica, olhamos laudos, pareceres e atestados médicos", pontua o diretor. O processo todo, segundo ele, leva quase duas horas para ser concluído. Após essa etapa, o órgão emite uma notificação de acidente de trabalho dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), comunicando o caso. Em seguida, o trabalhador recebe orientação sobre como ter acesso aos seus direitos previdenciários e trabalhistas.

O próximo passo é a fiscalização, que inclui a visita de uma equipe técnica de vigilância em saúde do trabalho, para identificar os riscos presentes na atividade laboral. Somente em 2024, o Cerest já realizou 50 fiscalizações e em torno de 400 atendimentos ao trabalhador.

Exposição a substância perigosa é segunda maior causa de acidentes

No topo dos acidentes laborais, está a exposição a materiais biológicos, que pode resultar na transmissão de diversas doenças ao trabalhador, incluindo mais de 60 patógenos, além do HIV e das hepatites B e C. Na Paraíba, os casos aumentaram significativamente de 2022 para 2023, passando de 772 para 1.457, e neste ano já são 224. Profissionais de saúde são os mais expostos a esses riscos, pois costumam entrar em contato acidentalmente com sangue, fluidos corporais, vírus, bactérias e parasitas por meio de picadas de agulhas, arranhaduras, objetos cortantes ou contato direto com a pele ou mucosa.

De acordo com o Ministério da Saúde, técnicos e auxiliares de enfermagem são

os profissionais mais vulneráveis, devido ao manuseio constante de materiais e equipamentos como parte de suas atividades diárias. Esses acidentes podem ocorrer durante a coleta de sangue, administração de medicação, realização de procedimentos cirúrgicos, odontológicos e laboratoriais, ou pelo descarte inadequado de materiais usados. Para se ter ideia, só em 2023, o descarte em lixo comum ou no chão gerou 353 acidentes no estado, segundo o DataSUS. Por isso, o recomendado é adotar cuidados com a biossegurança do profissional, o que inclui o uso de máscaras, luvas, avental e botas.

Na Paraíba, o Complexo de Doenças Infectocontagio-

sas Dr. Clementino Fraga, unidade hospitalar pertencente à rede estadual, é referência no atendimento a pacientes vítimas de acidentes com exposição a material biológico no trabalho. O socorro é oferecido 24 horas por dia, todos os dias da semana, em regime chamado de sentinela.

■ Apenas em 2023, o descarte em lixo comum ou no chão gerou 353 acidentes no estado, segundo o DataSUS

Lesão por Esforço Repetitivo acumula 551 acidentes desde 2023

Independentemente da profissão, se o trabalho exige esforço contínuo de determinada parte do corpo, como ao digitar ou trabalhar em linhas de produção, a chance de desenvolver uma lesão por esforço repetitivo é alta. Segundo o Ministério da Saúde, todas as doenças, lesões e síndromes que afetam o sistema musculoesquelético, causadas ou agravadas pelo trabalho, são chamadas de LER.

Essa condição é geralmente marcada por dores crônicas, parestesia e fadiga muscular. Os sintomas podem surgir gradualmente ou de forma intensa, afetando membros superiores e inferio-

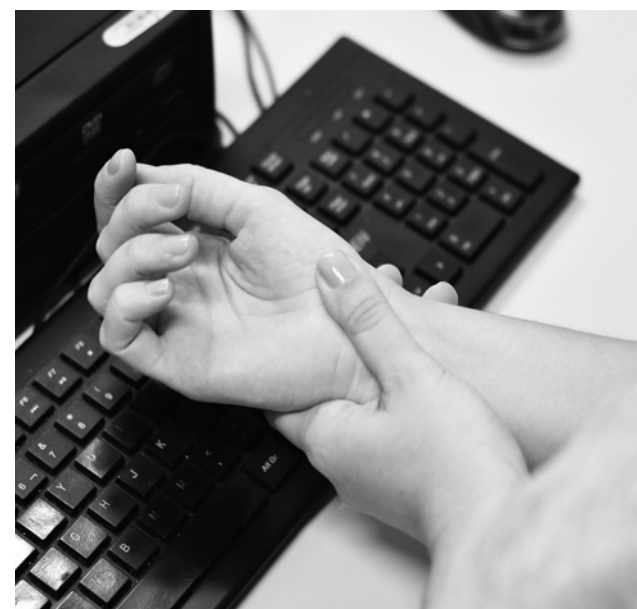


Foto: João Pedrosa

Número de diagnósticos cresceu 38,19% de 2022 para 2023

res, pescoço e coluna. No estado, o número de trabalhadores diagnosticados com LER aumentou de

322, em 2022, para 445, em 2023. Neste ano, a Paraíba já contabiliza 76 casos, de acordo com o Vesat.

Fatores invisíveis levam ao adoecimento

Embora sejam invisíveis aos olhos do trabalhador, fatores como pressão por resultados, políticas de gerenciamento que não priorizam o bem-estar e falta de organização no trabalho podem comprometer seriamente a sua qualidade de vida. No ano passado, essa toxidade levou ao adoecimento de 152 pessoas e neste ano, já são 13 notificações desse tipo em todo o estado.

Além disso, o levantamento mostra que doenças como estresse, Burnout e ansiedade, entre outras condições, afetam mais as mulheres do que os homens, especialmente na faixa etária de 30 ou mais. "Estamos falando de um processo de adoecimento que começou com um sofrimento psíquico e posteriormente se agravou ao ponto de se tornar, de fato, uma doença", reflete o especialista em saúde do trabalhador.

Mas o número, infelizmente, pode ser ainda maior por-

que muitos casos não são notificados, ou seja, ficam de fora das estatísticas oficiais em razão dos tabus relacionados aos transtornos mentais. Apesar de o estresse ser um tema amplamente discutido nos dias de hoje, ainda são poucas as pessoas que buscam ajuda especializada.

Por outro lado, Kleber José, do Cerest de João Pessoa, acredita que a rede de atenção à saúde do trabalhador também precisa ser fortalecida e mais bem capacitada para identificar o problema desde o primeiro contato. É o que acontece, também, com os cânceres relacionados ao trabalho, cujas notificações não chegaram a dez no ano passado. Esses casos só vêm à tona quando a relação é mais direta, como a exposição a raios ionizantes. Por isso, ele defende uma atuação mais preventiva em relação à saúde do trabalhador, já que, atualmente, a vigilância é fei-



Foto: Roberto Guedes

Profissionais de saúde são mais expostos a material perigoso

ta "pós-fato", quando a doença e o sofrimento psíquico já se instalaram.

Mas o desafio é significativo, considerando as particularidades das atividades exercidas pelos trabalhadores. "É fácil identificar uma cadeia

que não está ergonomicamente correta ou uma bancada com a altura errada. Mas, quando falamos de processos e organizações de trabalho, as questões não são tão visíveis. Essa é a grande dificuldade nas ações de vigilância", conclui.

HNSN EPITÁCIO LTDA.
CNPJ nº 41.226.432/0001-00
EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE REUNIÃO DE SÓCIOS: Prezados Senhores, Ficam os senhores sócios quotistas, convocados para reunirem-se em Reunião de Sócios, a realizar-se no dia 08 de julho de 2024, às 11 horas, na sede social da Sociedade, localizada na Cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba, na Avenida Presidente Epitácio Pessoa, nº 114, Torre, CEP 58.030-002, para tratar da seguinte ordem do dia: (i) Aprovação da primeira emissão pela Sociedade de notas comerciais escriturais, não conversíveis em quotas, sem garantia real ou fidejussória, em série única, para Colocação Privada, da HNSN EPITÁCIO LTDA. ("Termo de Emissão"), as quais serão objeto de colocação privada; e (ii) Autorização para os Diretores da Sociedade praticarem todos os atos, providências, contratar os prestadores de serviços necessários para a emissão das Notas Comerciais, bem como adotarem todas as medidas necessárias à formalização e efetivação das deliberações tomadas na reunião de sócios, assinar todos e quaisquer documentos relacionados ao objeto do Termo de Emissão e da emissão das Notas Comerciais, incluindo quaisquer aditamentos a tais instrumentos, se aplicável, e instrumentos de contratação de prestadores de serviços da emissão das Notas Comerciais, bem como ratificar quaisquer atos já realizados pelos administradores da Sociedade no âmbito da emissão das Notas Comerciais. João Pessoa, 28 de junho de 2024. HNSN EPITÁCIO LTDA.

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA/CADÁVER NÃO RECLAMADO
O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba, comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal de João Pessoa-PB, NUMOL/JP, um corpo não reclamado, perícia nº 030101052024, identificado com sendo JOSÉ CARLOS GONÇALVES DA SILVA, sexo masculino, falecido em 15/05/2024. Sem mais dados. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL/JP à rua Antônio Teotônio s/n, bairro do Cristo Redentor em João Pessoa-PB. João Pessoa-PB, 20 de junho de 2024.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA**
COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA
O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo que em via pertencera a IVANILSON ALVES DA SILVA, registrado sob o número, 03.01.01.042024.12863, NIC 2024-4100, sexo masculino, com idade estimada de 40 anos, cor parda, cabelos lisos, estatura 165 cm, constituição física boa, sem sinais particulares. Falecido em 31/03/2024 no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, nesta capital.
Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio, S/N, Bairro Cristo Redentor, na cidade de João Pessoa - PB.
Profª Drª Amira Rose C. Medeiros
Vice-Coordenadora dos Laboratórios de Anatomia
Presidente da Comissão de Captação de Corpos da UFPB
MATRICULA SIAPE 2115515

PARA A TERCEIRA IDADE

PB promove soluções inovadoras

Estado abriu oportunidades para startups no segmento da economia da longevidade. São R\$ 3 mi em investimentos

Saúde física e mental, assistência domiciliar e mobilidade, aprendizado contínuo são algumas áreas consideradas prioritárias para a qualidade e a expectativa de vida dos idosos. Visando a isso, o Governo da Paraíba abriu oportunidades para startups no segmento da economia da longevidade. Serão investidos cerca de R\$ 3 milhões de recursos por meio do edital Conectando Startups, da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), no âmbito do Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq).

Segundo dados do IBGE (2022), João Pessoa está entre as capitais do Nordeste que teve o maior crescimento na população. O número de pessoas com mais de 60 anos aumentou em 65% de 2010 até 2022. Atualmente, quase 15% de quem reside em João Pessoa é dessa faixa etária. Ao todo, são 123.614 idosos na capital e 615.328 na Paraíba.

Ainda de acordo com a pesquisa, a expectativa de vida aos 60 anos era de 21,9 anos para o total da população em 2022 (para os homens era de 20,0 anos e para

as mulheres, de 23,5 anos). Se em 1940 a expectativa de vida ao nascer era de 45,5 anos, em 2022 aumenta para 75,5 anos, um acréscimo de 30 anos.

“Este é um edital atento às necessidades que o estado, principalmente o entorno de João Pessoa, passa nesse momento. Um momento em que a nossa pirâmide etária

muda o seu formato e agrega o maior número de pessoas. O edital visa estimular que startups criem soluções que venham atender a esse público”, ressalta Claudio Furtado, secretário da Secties.

O aumento da expectativa de vida abre oportunidades dentro da chamada economia da longevidade, inclusive

as oportunidades de negócio. E a tecnologia tem um papel fundamental na concepção de soluções voltadas para esse recorte econômico.

As startups que se inscreverem terão que apresentar competência tecnológica para solucionar os desafios resultantes do processo de transição demográfica e envelheci-

mento da população: Saúde e Bem-Estar Sênior; Inclusão Ativa e Mobilidade; Assistência Domiciliar e Segurança; Educação e Capacitação Contínua; Tecnologia Acessível para a Terceira Idade.

“Com o orçamento desses editais, o Governo do Estado dá um passo importante não somente para demons-

trar, mas efetivamente fomentar as questões ligadas à Inovação na Paraíba. Sem dúvida alguma, eles trazem um alento a toda comunidade criativa e empreendedora que de fato quer buscar alternativas e, pra nós, é uma alegria poder acompanhar esse momento”, afirma Rangel Junior, presidente da Fapesq-PB.



Fotos: Mateus do Medeiros/Digitalização

IBGE revela que João Pessoa é uma das capitais do Nordeste com o maior ganho populacional. O número de pessoas com mais de 60 cresceu 65% de 2010 a 2022

Economia prateada atende aos acima de 50 anos com produtos e serviços

A economia da longevidade, ou economia prateada, é a “soma de toda atividade econômica para atender às necessidades daqueles com mais de 50 anos, o que inclui tanto os produtos e serviços que eles consomem diretamente quanto a atividade econômica”, definido pela Consultoria Inglesa Oxford Economics.

De acordo com a Fundação Bradesco (2022), a economia da longevidade movimenta em média, por ano, R\$ 1,6 trilhão no país e con-

ta com aproximadamente 54 milhões de consumidores ativos. Para estes, a tecnologia desempenha um papel crucial. Possibilita soluções como dispositivos de monitoramento de saúde, aquisição de conhecimento, atividade mental, assistentes virtuais, aplicativos de mobilidade e plataformas de comunicação, entre outros. É o momento Hype50+ para as startups.

Francilene Procópio Garcia, Coordenadora do Programa Fundação Parque Tecnológico da Paraíba, in-

formou que os editais estão alinhados às capacidades, tendências de mercado, redes de colaboração locais e com as políticas industriais. “Temos a expectativa de que as soluções que virão desses projetos possam ser testadas e validadas em ambientes do estado. E quero insistir que a relação do Conectando Startups é uma relação para movimentar a hélice tripla, o conjunto de instituições do ambiente do ecossistema de inovação do sistema local”, esclarece Francilene Garcia.

Startup oferece soluções inteligentes e gamificadas para o RH de empresas

A pesquisa realizada pela Universidade de Michigan, National Poll on Health Aging, publicada como artigo científico em 2022, voltado para a saúde, mostrou que “56% dos entrevistados de 50-80 anos nunca usaram aplicativo dessa área. Somente 28% disseram usar pelo menos um aplicativo móvel de saúde; 16% relataram que usaram, mas não faziam uso atual. “Entre os que não usavam os aplicativos, 51% afirmaram que era por falta de interesse; 32% nunca tinham pensado sobre o uso; 20% não sentiam segurança de que o uso pudesse ajudá-los e 14% não se sentiam confortáveis

com a tecnologia”.

Mas os negócios se desenvolvem com o amadurecimento dos consumidores. Como exemplo disso, está a startup Revigoradamente, uma empresa de soluções inteligentes e gamificadas criada, a princípio, para o RH das empresas. Teve seu início apoiada por programa do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação com o desenvolvimento de estratégias digitais para atingir os colaboradores das empresas. “Através de um jogo para mudança de hábito e comportamento é possível prevenir doenças crônicas, alívio do transtorno de ansiedade e depressão e Burnout”,

explica Joana Paula, a CEO & Founder.

A solução principal desse jogo serve para qualquer idade: “Nossas soluções são voltadas principalmente para prevenção de doenças crônicas, esse é nosso propósito, contribuir para que as pessoas tenham mais saúde e bem-estar, aumentando assim a expectativa de vida. Estamos trabalhando no desenvolvimento de um jogo, uma trilha para pessoas com demência ou pessoas que querem prevenir essa demência onde a gente vai trabalhar estímulos cognitivos para que as pessoas tenham mais autonomia no seu dia a dia”, explica Joana Paula.

Paraíba, por meio da Secties, faz painéis para apresentar editais

O Governo da Paraíba realizou, por meio da Secties e Fapesq, o Pannel Horizontes Sustentáveis, nos últimos dias 26 e 27 de junho, em Campina Grande e em João Pessoa. O objetivo do evento foi realizar uma apresentação sobre os três editais e tirar dúvidas dos empreendedores interessados em participar do processo.

Além da economia da longevidade, o Conectando Startups também envolve oportunidades para a área de transição energética, com as inscrições abertas até 25 de julho. Outro edital aberto é o de Incubação de empresas no Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. Ao todo, foram investidos R\$ 4,5 milhões, com a oferta de 50 vagas.

O coordenador de uma das unidades do Núcleo de

Tecnologias Estratégicas em Saúde (Nutes) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Eduardo Jorge, definiu o perfil da inovação que pode ser desenvolvida em termos de startups. “A oportunidade de ganhar mercado pode estar na modificação da forma como um serviço é prestado ou uma demanda identificada. Quando falamos em remodelamento urbano, uma gama de oportunidades estão inseridas nesse modelo. Nós vemos que a maior parte das tecnologias oferecidas não estão adequadas ao perfil populacional”, afirmou.

A professora doutora da área de gerontologia, Ismênia Mangueira, foi uma das panelistas que palestrou sobre o tema da economia da longevidade e ressaltou so-

bre a importância dos editais para a melhoria da qualidade de vida da população idosa da Paraíba. “Hoje a pirâmide mudou, temos muito mais idosos do que nós tínhamos há 20 anos e esse idoso não pode ser visto da mesma forma, então é preciso investir para que tenhamos uma base sólida de produtos e serviços que possam contribuir para a qualidade de vida da pessoa idosa”, disse Ismênia.

Para concorrer aos editais, não há necessidade de ter uma empresa estabelecida. Pelo contrário, as chances são voltadas para projetos que estão em fase inicial, ainda no papel, ou para aqueles que formaram a empresa e estão com o CNPJ ativo até no máximo dois anos em qualquer atividade econômica.



Longevidade movimenta, por ano, R\$ 1,6 trilhão no país para 54 milhões de consumidores

FRUTÍFERA

Árvore em casa propicia bem-estar

Cultivo permite o consumo de frutas livres de defensivos agrícolas e contribui com a manutenção dos ecossistemas locais

Samantha Pimentel
samanthainiao@gmail.com

Cultivar plantas no espaço doméstico é uma escolha que proporciona muitos benefícios. Muitos adpetos optam pelo plantio das suculentas, já que as plantas compõem a decoração de ambientes, são resistentes e exigem menos cuidados diários. No entanto, plantas frutíferas estão ganhando cada vez mais espaço em casas. Além de melhorarem o astral dos ambientes, elas se destacam pela produção de alimentos e por terem boa adaptação em espaços reduzidos.

Muitas espécies frutíferas podem ser plantadas em vasos, o que torna essa escolha atrativa, inclusive, para quem mora em apartamento. Variedades como magueiras, jabuticabeiras, pintagueiras são alguns exemplos de opções que se adaptam, a depender de fatores como clima, luminosidade e insolação.

A produtora cultural, Marcelina Moraes, mora no bairro Altiplano, na capital paraibana, em uma casa muito arborizada. Ela cultiva, entre outras espécies, cinco árvores frutíferas: pitanga, pinha, banana, amora e graviola. As frutas foram escolhidas de acordo com a preferência dela e da família.

Marcelina conta que morar num espaço com várias plantas lhe traz muitos benefícios, um deles é a sensação térmica no local. “É impressionante a questão climática dessa casa. Aqui nessa rua mora a mãe do meu companheiro, e lá só tem uma palmeirinha e umas plantinhas pequeninhas, e quando eu estou lá eu sinto muito calor. É muito quente, e aqui não. E estamos falando da mesma rua”, afirmou.

Ela também cita outros benefícios, como a qualidade



Fotos: Leonardo Ariele

Casa de Marcelina Moraes tem pés de pitanga, pinha, banana, amora e graviola

de vida, e a qualidade do ar. “É outro ar que a gente respira aqui. Muitas vezes, quando eu saio de casa, já fico querendo voltar”, afirmou.

Além disso, a produtora cultural comenta o fato de poder ter frutas frescas e de qualidade em casa. “Quando plantei não pensei nisso, mas hoje com a quantidade de agrotóxicos que foram liberados recentemente, isso é um benefício também. Quando

tirei minha primeira pinha, pensei: Tô comendo a pinha do quintal da minha casa. É incrível você ter frutas que você gosta na sua casa, e são poucas casas que tem pé de fruta”, destacou.

A bióloga Juliana Coutinho explica que as árvores frutíferas presentes em ruas, jardins e quintais, fazem parte da arborização urbana e que contribuem para os ecossistemas locais. “Esse

é um termo utilizado para se referir ao plantio de árvores na zona urbana dos municípios, então podem ser árvores plantadas em vias públicas, parques, praças, florestas urbanas, canteiros e a vegetação das casas das pessoas, que também fazem parte da arborização urbana. Essas árvores desempenham um papel na manutenção dos ecossistemas locais”, explicou.

Aumento do contato com a natureza motiva o plantio

A produtora cultural Marcelina Moraes conta que a visita de pássaros e outros animais é comum em sua casa, por causa da quantidade de plantas no local. “Outro dia estava assistindo a um filme com meu filho e entraram sete passarinhos de uma vez, e todo dia tem beija-flor, aparecem sapos também”, afirmou.

Ela também comenta que seu filho, que tem dois anos, vem criando essa relação com a natureza: “Ele não é aquela criança que tem medo das coisas, dos bichos, uma criança, como eu digo, que seja muito higienizada. Ele tem esse contato com a terra, de brincar, de falar com os bichos, é outra forma de existir. Ele tem esse contato e respeito com a vida para além do ser humano”, destacou.

As árvores no ambiente urbano também oferecem uma oferta de abrigo para os animais, o que auxilia na preservação das espécies, além de contribuírem com a polinização. Ter áreas arborizadas nas cidades também impacta na qualidade de vida das pessoas, favorecendo a prática de atividades físicas ao ar livre, por exemplo, além da valorização imobiliária, já que construções próximas a espaços verdes podem ser mais procuradas e ter preços mais elevados, segundo explica a bióloga Juliana Coutinho.

Relações afetivas

Marcelina Moraes ainda fala que as plantas que hoje ela possui em sua casa, a maior parte foram fruto de mudas doadas por alguém ou presentes de amigos, e que isso também cria laços e relações afetivas.

A produtora cultural ainda acrescenta que entende que a vida hoje está cada vez mais corrida, e por isso muitas pessoas não têm a disponibilidade de culti-

var as plantas, um problema que ela mesma enfrenta, já que trabalha em *home office* (em português, escritório em casa) e tem que se organizar com as atividades de casa, das plantas, o cuidado com o filho e o trabalho.

“É uma luta diária, ou eu escolho fazer a manutenção das plantas, ou escolho me sentar para trabalhar. Então eu fico também dividida”, destacou.

Porém, mesmo com as demandas do cultivo das plantas e árvores frutíferas, Marcelina diz que não se vê morando em apartamento ou outro espaço sem uma área verde.

“Eu não me vejo sem planta. Eu cheguei a morar em apartamento um ano, mas era sufocante. E tinha as vezes que eu acordava chorando. Porque em Manaira, em frente tinha um lava-jato, aí já acordava às sete horas da manhã com o barulho, eu disse não, isso não é vida não. Não aguento mais. Aí voltei, vim morar aqui”, afirmou.

Ela ainda acrescenta: “Eu penso às vezes em vender a casa, morar num lugar menor, porque a vida vai tendo outra dinâmica, você vai envelhecendo, mas, ao mesmo tempo, aqui é outra qualidade de vida, não tem como. Sair daqui e ir para um apartamento, eu não me vejo numa gaiola”, conclui.

Animais

Jardins são atrativos para pássaros, já que funcionam como abrigos em espaços urbanos, além de contribuírem com o processo de polinização

Arborização diminui impacto de gases poluentes e melhora sensação térmica

Plantio contribui com a regulação do fluxo de água no solo, o que reduz os riscos de enchentes e de erosão

A assessora virtual, Cristiane Siqueira Rodrigues, está em processo de mudança de um apartamento para uma casa ampla, com um terreno para plantar, e fez essa escolha em busca de mais qualidade de vida. “Eu e minha amiga, que moramos juntas, decidimos mudar e dessa vez buscar uma casa. A gente queria ter uma casa com grama com terra, e plantar árvores”, afirmou.

Cristiane também comenta que ela e a amiga são muito ligadas à natureza, e cresceram em espaços mais verdes, com plantas como acerola e maracujá. “A gente acha que para a saúde mental faz muito bem ter contato com terra, com sol, com árvores. Não achamos natural os seres humanos viverem em apartamentos, apesar da gente ter naturalizado isso, mas nós somos animais e precisamos ter conta-

to com a natureza”, destacou.

A bióloga Juliana Coutinho explica que o plantio de árvores em casa pode trazer diversos benefícios. “A melhoria do microclima, maior umidade, isolamento térmico e acústico também, as árvores também são capazes de absorver boa parte dos gases poluentes e vão atuar principalmente no estoque e no sequestro de carbono”, afirma.

A bióloga também explica que outra questão muito importante é a regulação do fluxo de água, que aumenta a infiltração de água no solo e diminui o risco de enchentes e de erosão. “As espécies frutíferas, também oferecem uma fonte de alimento, tanto para nós seres humanos, mas também para a fauna, para os animais silvestres”, afirmou.

Quanto às frutíferas, Juliana Coutinho também explica

quais as espécies nativas da região que seriam mais indicadas para plantar em calçadas ou jardins. “Algumas infelizmente as pessoas não conhecem, mas é importante a gente valorizar as nossas espécies nativas, a exemplo do Cajazeiro, uma espécie de grande porte, indicada para quintais. Tem o Araçá também, uma espécie de médio porte, Pitanga, uma espécie nativa, de pequeno porte. Tem Mangaba, Pitomba, Caju, Jabuticabeira, entre outros”, afirmou.

Antes de plantar alguma espécie é preciso conhecer as suas características, se a planta é de pequeno, médio ou grande porte, para escolher o melhor lugar para cultivá-las, e, no caso de plantar em calçadas, é importante observar questões como a altura de fiações elétricas, para evitar incidentes.

Foto: Branco Lucena/Arquivo A União



Foto: Evandro Pereira



Foto: Branco Lucena/Arquivo A União



Foto: Evandro Pereira



Foto: Marcos Russo/Arquivo A União



Antes de plantar, é preciso escolher o local adequado para a espécie

SÓCIO-TORCEDOR

Crescimento é a meta dos clubes

Programa na Paraíba encontra dificuldades para mobilização de torcedores, como acontece em todo o país

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com

Ser sócio-torcedor concede inúmeros benefícios e, mesmo com diversas campanhas dos clubes, os seus aficionados desconhecem algumas dessas vantagens. Além disso, os valores arrecadados geram impacto importante na receita das entidades esportivas. O Jornal **A União** conversou com os responsáveis pelos programas de sócios-torcedores de Botafogo-PB e Treze, que falaram um pouco do trabalho realizado no dia a dia para fazer crescer o número de adesões. Entramos em contato com a assessoria do Campinense, mas não houve resposta sobre o assunto.

No cenário nacional, também não é diferente: os clubes encontram dificuldades para mobilizar seus torcedores a aderirem aos planos de sócio-torcedor. O Palmeiras é o clube do país com o maior número de associados; os cerca de 180 mil adimplentes representam menos de 1% do total da sua torcida, que seria em torno de 10% da população brasileira, de acordo com pesquisa da CNN/Itatiaia/Quaest.

Flamengo e Corinthians têm situação ainda pior. O Rubro-Negro carioca tem pouco mais de 85 mil associados, enquanto o clube paulista possui 43 mil sócios-torcedores, conforme divulgado pelo ge.globo.com em abril.

Treze

O Galo tem aproximadamente 1.400 sócios e é, hoje, o clube da Paraíba com maior número de associados. De acordo com Felipe Felix, da equipe do departamento de marketing do clube e responsável pelo programa da equipe de Campina Grande, o membro tem acesso a todos os jogos sem pagar ingresso, com local no estádio baseado no plano adquirido no momento do cadastro.

“O principal benefício de ter uma quantidade significativa de sócios é a previsibilidade financeira. O clube consegue começar o ano, por exemplo, sabendo que já tem aquele valor em caixa, e isso nos ajuda nas decisões com relação ao futebol, com relação às ações estratégicas que o clube vai executar”, explica Felipe Félix.

Atualmente, o torcedor do Treze pode comprar os seguintes pacotes: plano de R\$ 199,50 ou 5x de R\$ 39,90, com entrada para toda a Série D do Brasileirão 2024 no setor Geral; plano de R\$ 332,50 ou 5x de R\$ 66,90, com entrada para toda a Série D do Brasileirão 2024 no setor Sombra; e plano de R\$ 665,00 ou 5x de R\$ 133,00, com entrada para toda a Série D do Brasileirão 2024 no setor Cadeiras. Os três pacotes concedem desconto de 13% na compra de material esportivo na loja oficial do clube, acesso aos conteúdos exclusivos da TV Treze e acesso à rede de parceiros.

“Nós também temos o Clube de Vantagens, que é um desconto em diversas em-

presas da cidade de Campina Grande, nas quais o sócio-torcedor pode ter descontos de 20%, 30% e até 40% em lojas de roupas, barbearias, faculdades e outros empreendimentos. Além de descontos nos eventos que promovemos”, destaca Félix.

Fidelizar a torcida e ressaltar a importância de ser sócio são motes das campanhas que promovem a venda dos pacotes de sócios-torcedores. Félix fala sobre a receptividade das ações que o Treze realiza com seu torcedor e como o clube trabalha para viabilizar uma nova cultura: “Não vejo dificuldade no que temos feito. Eu acho que é um processo cultural, em que nós temos trabalhado e estamos conseguindo avançar para ter uma quantidade ainda maior de sócios”, disse.

“A gente conseguiu ter um crescimento muito grande comparado ao ano passado. Hoje, somos o primeiro time da Paraíba em quantidade de sócios. Então, claro que tem desafios, mas temos feito um trabalho muito bom e estamos felizes com os resultados de 2023. O planejamento, agora, é aumentar significativamente esses números”, complementou o gestor.

Marcos Duarte, profissional autônomo, residente em Campina Grande, é torcedor do Galo e falou com o Jornal **A União** sobre os motivos que o fizeram aderir ao programa de sócios do Treze. Ter a possibilidade de contribuir diretamente para a manutenção do elenco alvinegro é o principal fator, diz ele. “Decidi ser sócio porque vejo que é a única saída para ajudar meu clube e ter facilidades pelo menos no que diz respeito aos jogos”, conta.

“Sou sócio do clube desde o início do ano, porém, sempre aderi aos planos feitos em anos anteriores pelo clube. Sendo sócio-torcedor do clube, você tem a sensação de ser realmente um torcedor de verdade. É quando pode de

fato estar ajudando o seu clube não só financeiramente, mas também pelo fato de saber que isso me liga ainda mais ao Treze. No momento, estou satisfeito com o que o clube me oferece, porque vivemos um momento de reconstrução”, relata Marcos.

Botafogo-PB

Com cerca de 1.100 sócios-torcedores, o Botafogo tem o segundo maior número de associados da Paraíba. A torcida que adere ao programa do clube não paga ingresso nos jogos realizados no Estádio Almeidão, nos quais o mando é do Belo. Além disso, possui desconto em produtos oficiais nas Lojas Belomania, participa de sorteios e ações promocionais exclusivas.

De acordo com Leonan Ramalho, gestor do programa de sócio do Belo, mais recentemente, foi lançado o Clube BFC de Vantagens, em que empresas oferecem descontos aos associados do Botafogo na compra de qualquer produto ou serviço. No momento, 17 empresas de João Pessoa participam da ação e há negociações para que outras também possam aderir. Esse é um benefício exclusivo do sócio-torcedor.

Independentemente do valor pago, os benefícios são similares em todos os planos; a diferença está no acesso ao local do estádio em que o ingresso concede gratuidade nos dias das partidas. O plano que dá acesso à Arquibancada Sol (Belo Maioral) custa 12x de R\$ 20; para a Arquibancada Sombra (Belo Xerife), custa 12x de R\$ 50; e para as Cadeiras (Belo Autoridade), 12x de R\$ 100. Também há um plano estatutário (Belo Contribuinte), que dá direito a duas



Flávio Camboin, do Botafogo, defende melhorias no programa

era uma demanda que nos era cobrada, então, nos organizamos para atendê-la. Outra foi a criação do Clube de Vantagens”, explica o profissional.

Para mobilizar a torcida, o clube executa campanhas nas suas redes sociais, onde tem mais de 165 mil seguidores (só no Instagram). Neste ano, passou a usar outdoors espalhados pela cidade de João Pessoa e realiza ações pontuais que reforçam a importância de ser sócio, seja nas entrevistas em rádios e tv ou em dias de jogos no estádio.

O professor Flávio Camboin, sócio-torcedor do Belo, falou ao Jornal **A União** sobre sua experiência enquanto membro do plano Arquibancada Sol, no qual paga R\$ 240. Ele diz que o maior problema dos planos é a desproporcionalidade entre os valores de cada um. Segundo ele, o valor da Arquibancada Sombra ser R\$ 600 não condiz com a realidade econômica apresentada pela torcida.

“Acho um valor complicado. Até porque deveria ser uma coisa proporcional. Se o Botafogo quer trazer o torcedor para mais perto do time nesse momento, poderia diminuir um pouco esse valor para R\$ 500 ou R\$ 400. Isso atrairia mais adeptos”, opina Flávio.

Apesar de não concordar com o preço de cada um dos planos do programa alvinegro, Flávio ressalta não só a importância e o impacto dessa renda para o clube, mas também convoca o torcedor a aderir ao plano que condiga com sua realidade.

“Ainda não é o ideal, mas a gente está ajudando. Peço aos outros torcedores que contribuam também, colaborem para o crescimento do Botafogo. A gente precisa de você, torcedor. Esse é o momento de o Botafogo subir, é o momento de buscar o tão sonhado acesso. Quanto mais sócios-torcedores tivermos, mais estaremos perto de tudo isso”, disse.



Marcos Duarte (E) é sócio do Galo e defende o programa que ajuda o clube

Foto: Daniel Vieira/Treze

Foto: Arquivo pessoal

Foto: Arquivo pessoal

REFERÊNCIAS

Brasil terá 56 medalhistas em Paris

Atletas se destacaram em Jogos Olímpicos e Mundiais, sendo esperança de novas conquistas a partir do próximo mês

Agência Estado

A menos de um mês dos Jogos Olímpicos de Paris 2024, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) faz os ajustes dos últimos detalhes da delegação que vai disputar a maior competição multiesportiva do planeta. Ainda há espaço na lista final de atletas para novos classificados, mas um ponto é certo: o Time Brasil terá a força de competidores que são referências em suas respectivas modalidades. São 56 medalhistas em Mundiais e/ou Jogos Olímpicos, seja na edição adulta ou na versão para jovens, que representarão o Brasil nas terras parisienses.

Até o momento, na classificação olímpica — a janela para os Jogos só se encerra na primeira semana de julho —, a delegação brasileira conta com 259 vagas e 237 atletas confirmados.

Destes, entre modalidades individuais ou em grupo (até seis atletas), aproximadamente 24% são de nomes que já conquistaram medalhas importantes em suas modalidades e se colocam em posição de destaque para a competição que começa no próximo dia 26 de julho.

“A nossa delegação vai se desenhando com uma mescla entre nomes consagrados, campeões olímpicos ou mundiais, e jovens atletas com grande potencial”, diz Rogério Sampaio, chefe de missão do Time Brasil nos Jogos de Paris.

“Ter referências nas modalidades traz uma força extra para o time, que se sente mais motivado a conquistar resultados expressivos e quebrar recordes. Tenho certeza de que nossos atletas vão fazer uma bela campanha em Paris 2024.

Ana Marcela Cunha, da maratona aquática; Isaquias Queiroz, da canoagem velocidade; Rebeca Andrade, da ginástica artística; a dupla Martine Grae e Kahena Kunze, da vela; e Rafaela Silva, do judô, são alguns dos campeões olímpicos de destaque.

Além deles, campeões mundiais, como Duda Lisboa e Ana Patrícia, do vôlei de praia; Alison dos Santos, do atletismo; Rayssa Leal, Pâmela Rosa e Giovanni Viana, trio do skate, Evandro

e André Stein, do vôlei de praia; Beatriz Ferreira, do boxe; Ana Sátila, da canoagem slalom; Darlan Romani, do atletismo (indoor); Nathalie Moellhausen, da esgrima; Gabriel Medina, do surfe; Filipe Toledo, do surfe; Mayra Aguiar, do judô; além dos próprios Isaquias Queiroz e Rebeca Andrade.

Entre os medalhistas em Jogos Olímpicos da Juventude, constam nomes que hoje estão entre os melhores do ranking mundial de

suas modalidades, como Hugo Calderano, do tênis de mesa; Marcus D’Almeida, do tiro com arco; além de Diogo Soares, da ginástica artística.

Provas em grupo, como o revezamento 4x100m do atletismo e a disputa por equipes no hipismo saltos, no judô e na ginástica artística também têm tradição de medalhas importantes para o Brasil, mas não entraram na conta por ainda não terem os atletas convocados.

Ainda não estão definidos os atletas representantes do Brasil nas modalidades que também já subiram ao pódio olímpico ou conquistaram medalhas em Mundiais ou competições equivalentes, como o handebol feminino, campeão mundial em 2013; o futebol feminino, com duas medalhas olímpicas; e o vôlei masculino e feminino, multi-medalhistas em Olimpíada.

A tendência é de que a lista de medalhistas olímpicos ou mundiais cresça até o fe-

chamento da classificação, até mesmo pela confirmação dos atletas convocados nessas modalidades.

“Estamos preparados para oferecer a melhor estrutura para esses atletas que já fizeram história e para os novos que buscam chegar a esse patamar. Todos chegarão com vontade de acrescentar mais um capítulo importante a essas trajetórias nestes Jogos de Paris”, afirma Sampaio, campeão olímpico em Barcelona 1992 e diretor-geral do COB.



Isaquias Queiroz é uma das esperanças de medalha do Brasil nos Jogos Olímpicos de Paris devido ao seu excelente retrospecto nas provas de canoagem também em mundiais

Foto: Fábio Canhoto/CBCa

MOBILIDADE

Atletas brasileiros poderão usar bicicletas na Vila Olímpica

Nas ruas de Paris, as bicicletas fazem parte do cenário. E, durante os Jogos Olímpicos, terão o reforço brasileiro para movimentar ainda mais a cidade. A 27 dias do maior evento esportivo do mundo, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) segue com foco na sustentabilidade e, por isso, além das ações que vem realizando nos últimos Jogos, como zerar o papel na montagem de malas e encerrar o uso de copos descartáveis de água, vai disponibilizar 70 bicicletas para o uso de atletas e oficiais do Time Brasil na França.

Os atletas, claro, só poderão usar as bicicletas dentro da Vila Olímpica. Os oficiais do Time Brasil, porém, poderão usá-las como meio de transporte entre hotel, a sede em St. Ouen e a Vila Olímpica, além das bases de apoio de Marseille (vela) e Seine et Marne (canoagem e remo). É uma forma de tornar o percurso mais sustentável.

“A proposta das bicicletas é ter um deslocamento mais sustentável. Como estamos bem próximos à Vila, e nas outras subse-

des o deslocamento até o local de competição também é bem próximo, a gente preferiu o plano de bicicletas. Isso diminui o número de veículos que estamos contratando”, disse Ney Wilson, diretor de Alto Rendimento e subchefe da Missão Paris 2024, lembrando que a maior parte do deslocamento também será feita por transporte público.

A sustentabilidade tem sido um dos focos do COB no ciclo olímpico. Nos Jo-

gos Pan-Americanos de Santiago, no ano passado, por exemplo, duas iniciativas da área de uniformes se destacaram. Ao trocar folhas de papel pelo uso de QR Codes no envio dos uniformes, o COB deixou de utilizar cerca de 50 kg de papel. Além disso, com a opção por ecobags em vez de sacos plásticos nos kits de envio de viagem e de desfile, foram poupados aproximadamente 120 kg de sacolas.

“É uma iniciativa de toda a área do COB, de sempre pensar e trabalhar em projetos que visem à questão da sustentabilidade. Sempre preocupados com o meio ambiente como um todo”, explicou Katherine Campos, da área de uniformes.

Em Paris, o COB distribuirá squeezes e disponibilizará bebedouros para que os atletas não tenham que usar copos descartáveis de água, diminuindo a quantidade de plástico na Missão.

“Em cada instalação, estamos colocando lixeiras muito grandes para lixos recicláveis. Vamos dar o destino correto

João Gabriel

Também haverá um programa de descarte sustentável, em parceria com a prefeitura de St. Ouen, uma das sedes do COB nos Jogos.

“Em cada instalação, estamos colocando lixeiras muito grandes para lixos recicláveis. Vamos dar o destino correto desse lixo. Temos parceria com a cidade de St. Ouen, também, com descarte eficiente do lixo”, afirmou João Gabriel Pinheiro, integrante da área de logística do COB.

Outras iniciativas

Em maio, o COB lançou o projeto Floresta Olímpica do Brasil nas cidades de Tefé e Alvarães, no estado do Amazonas, em ação que vai proporcionar o reflorestamento de cerca de 6,3 hectares de floresta em comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas. A iniciativa contou com o reforço da medalhista olímpica do skate Rayssa Leal, embaixadora de sustentabilidade do COB, que esteve presente na Amazônia para o lançamento do projeto, do qual é madrinha. A restauração vai incluir o plantio de aproximadamente 4.500 árvores de espécies nativas, incluindo algumas que fazem parte das atividades tradicionais de extrativismo dos moradores locais, como a castanha da Amazônia (*Bertholletia excelsa*) e o açaí (*Euterpe oleracea*).

O COB tem como parceiro no projeto o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, organização social vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. A iniciativa vai compensar a emissão de quatro mil toneladas de CO2 na atmosfera.



O Comitê Olímpico Brasileiro vai disponibilizar 70 bicicletas para uso de atletas e dirigentes

Foto: Rafael Bello/COB

GOALBALL

Seleção treina forte para buscar o título

Paraibano Jônatas Castro comanda os jogadores que vão em busca de mais uma conquista em Paralimpíadas

Foto: Divulgação/CBDV



De pé, ao lado da quadra de goalball do CT Paralímpico e com as mãos na cintura, Jônatas observa ação defensiva de Dantas, Romário e Parazinho durante treino da Seleção.

Camilla Barbosa
 acamillabarbosa@gmail.com

Restam duas fases de treinamentos para a Seleção Brasileira Masculina de goalball até o início dos Jogos Paralímpicos de Paris. O grupo que vai representar o país verde-amarelo teve seus integrantes definidos na lista de convocação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) divulgada na última terça-feira (25). O time masculino, atual campeão paraolímpico e tricampeão mundial, será comandado pelo técnico paraibano Jônatas Cunha.

“Só são oito equipes que vão participar das Paralimpíadas, então, a peneira para chegar até lá foi muito grande. A gente sabe que vai enfrentar as melhores equipes do mundo, então todos os jogos vão ser difíceis. A gente tem avaliado no

goalball internacional que China, Japão e Ucrânia vão ser as equipes mais difíceis, porém, todas muito niveladas e qualquer outra pode causar também muita dificuldade para a gente”, afirmou o treinador.

A preparação do grupo para a competição acontece no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo, com cada fase sendo realizada durante 10 dias. A próxima será entre os dias 9 e 19 de julho e a última será, excepcionalmente, mais curta: vai do dia 29 de julho a 4 de agosto, precedendo o embarque para o local da disputa, que acontecerá no dia 12.

As fases de preparação são cruciais para a escolha dos representantes brasileiros, de acordo com o treinador. “Ele já é um grupo formado há bastante tempo, porém, a gente

começa o ano fazendo uma convocação de 12 atletas, e, a partir das fases de treinamento, a gente vai fazendo a seleção. Começamos com 12, depois passamos para 10, ficamos com nove e, na última fase que finalizamos, seis. Os que vão para as Paralimpíadas passaram por todos os selecionamentos já, então, de fato, a gente escolheu o melhor sexteto que vai representar o goalball”, explicou Jônatas.

Para o técnico, um dos elementos mais importantes da equipe brasileira masculina é o entrosamento que transcende as quatro linhas. “Esse grupo é muito maduro, porém, muito unido. Acho que a união desse grupo que a gente formou ao longo desse tempo é a principal chave para que a gente busque esse título paralímpico”, disse.

Um grupo muito unido, muito pé no chão, que sabe da responsabilidade que tem, que entende a dimensão de representar o Brasil em Paralimpíadas e que tem um talento muito grande. A gente sabe que teve uma disputa interna para chegar nos seis nomes, mas todos são muito amigos, e essa união é o que vai nos conduzir, se Deus quiser, ao lugar mais alto do pódio”, complementou.

Um dos atletas que fazem parte do elenco é o paraibano Emerson Silva. Ele, que nasceu em Campina Grande, aos 25 anos já é destaque na modalidade em função dos desempenhos alcançados nas competições das quais participou, como quando obteve o ouro nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020.

“Eu tive a honra de traba-

lhar com o Emerson desde os 14 anos de idade. Juntos, fomos campeões brasileiros juvenis, representando a Paraíba, e tive a honra de encontrá-lo na Seleção. Ele foi destaque no último campeonato mundial, como pivô, que é uma função muito difícil. Então, a gente tem muita expectativa no desempenho dele e confia muito que, mesmo jovem, ele possa ser destaque também nas Paralimpíadas”, comentou o professor.

Natural de Paulista, no Sertão da Paraíba, e criado em Campina Grande, Jônatas sente realizado por representar, também, o estado em que nasceu por meio da posição em que ocupa. Para ele, isso representa o resultado da soma de esforços e persistência empenhados ao longo da sua trajetória no esporte.

“A gente sabe o tamanho do nosso esforço, o quanto é difícil a gente conseguir se destacar, conquistar os nossos espaços. Quando a gente conquista, é claro que a Paraíba estará sempre presente conosco, porque esse sentimento de estar em um lugar, saindo de onde a gente saiu, construindo tudo que construímos aqui, é indescritível, um sentimento muito bom”, expressou.

Sobre comandar a Seleção Brasileira rumo às Paralimpíadas, ele descreve: “É o ápice da carreira de um desportista. No meu caso, escolhi ser técnico de uma modalidade paralímpica, então, chegar às Paralimpíadas é muito importante. E, como técnico de um time com condições de ser campeão, é o ápice da carreira”, complementou.

O primeiro contato de Jônatas com a modalidade esportiva foi ainda em 2004, enquanto acadêmico em Educação Física

na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Como morava perto do Instituto dos Cegos da cidade, começou a frequentar, voluntariamente, a instituição, com o objetivo de conhecer outras modalidades além de implantar aquela em que atua até hoje. Em 2006, graduou-se e passou a atuar, profissionalmente, no goalball.

Nos Jogos Paralímpicos de Paris, ele atuará, pela primeira vez, como treinador, já que nas outras duas anteriores fora como auxiliar técnico. No currículo, já acumula experiências profissionais como em 2021, quando assumiu o comando da Seleção feminina, e em 2022, quando chegou à masculina. O treinador pontua as principais diferenças que encontrou entre as duas equipes.

“O time masculino, quando eu assumi, já era campeão, já tinha resultados; o feminino, a gente estava construindo ainda, buscando um lugar mais alto no pódio. Quando fui convidado a comandar o masculino, o desafio foi fazer com que esse grupo se mantivesse no pódio. Então, acho que a principal diferença, o principal desafio, foi esse, porque a estrutura foi semelhante entre as duas”, explicou.

Histórico do Brasil

O goalball integra o programa paraolímpico desde Montreal 1976, porém o Brasil só realizou sua estreia na edição de Pequim 2008. Em Londres 2012 subiu ao pódio pela primeira vez, quando conquistou a medalha de prata. Já no Rio de Janeiro 2016, a Seleção masculina conquistou a medalha de bronze. Em Tóquio 2021, por fim, conquistou o tão sonhado ouro.

Foto: Alessandra Cabral/CPB

JUDÔ EM PARIS

Paraibano é o atleta mais bem preparado

A Seleção Brasileira de judô paraolímpico está na sua quinta fase de treinamentos do ano, a penúltima antes da viagem da delegação para os Jogos Paralímpicos de Paris 2024.

A comissão técnica chamou 20 atletas para as atividades no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo. Destes, seis são mais jovens e estão sendo preparados já para o próximo ciclo – Los Angeles 2028. A etapa de treinos acontece até 4 de julho.

Entre os mais experientes, está o campeão do mundo Wilians Araújo, de 32 anos. O paraibano foi medalhista de ouro no Mundial de Baku, Azerbaijão, em 2022, e prata nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016. Eleito o melhor atleta masculino no Prêmio Paralímpicos 2022, o judoca elogiou a fase de treinamentos e a estrutura disponibilizada no CT.

“É reta final de preparação e é muito bom estar concentrado no CT Paralímpico. Aqui, a gente vive o tempo inteiro na rotina de alto rendimento. Treinamos, comemos e descansamos no complexo. Não

temos o desgaste com deslocamento. É uma estrutura sensacional. Costumo dizer que não troco o CT por nenhum hotel do mundo. Só pela minha casa [risos]”, disse Wilians, que completou: “Então, a gente consegue dar o máximo nos treinos. Vivemos um momento de retoque final. O volume das atividades está bem intenso e espero chegar bem aos Jogos de Paris. Pretendo colocar meu nome na história e trazer mais uma medalha para o Brasil”.

Os judocas brasileiros terão ainda uma última fase de treinamentos, em agosto, pouco antes da viagem à França. Vale lembrar que o judô paraolímpico é uma das modalidades que mais rendeu medalhas ao país na história dos Jogos. Foram 25 ao todo, sendo cinco ouros, nove pratas e 11 bronzes.

A convocação oficial dos atletas da modalidade para Paris 2024 será feita no dia 11 de julho, em live que será transmitida no canal do YouTube do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Os Jogos começam no dia 28 de agosto e vão até 8 de setembro na capital francesa.



Wilians aplica golpe durante luta no CT Paralímpico, local onde vem treinando para as disputas dos Jogos Paralímpicos



Na última quinta-feira, o Fluminense perdeu em casa para o Vitória e agora joga fora de seus domínios contra o Grêmio

BRASILEIRÃO

Grêmio e Flu duelam para fugir do Z4

Equipes estão na zona de rebaixamento e fazem o jogo dos desesperados na 13ª rodada do Campeonato Brasileiro

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Sete jogos da Série A do Campeonato Brasileiro acontecem hoje. Partidas que movimentam tanto a parte de cima quanto a parte de baixo da tabela de classificação. No Maracanã, o Flamengo enfrenta o Cruzeiro, duelo entre o líder e o quinto lugar. No Estádio Centenário, em Caxias do Sul-RS, Grêmio e Fluminense fazem o principal confronto de hoje, as equipes são o 19º e o 20º, respectivamente. A 13ª rodada encerra amanhã com o clássico paulista Palmeiras e Corinthians, no Allianz Parque.

Atlético-MG e Atlético-GO é o jogo que abre a rodada deste domingo. O confronto está marcado para às 11h, na Arena MRV. O Galo tenta emplacar uma sequência de duas vitórias no Brasileirão, na última rodada, venceu o Internacional, fora de casa. Agora, diante do seu torcedor, enfrenta um adversário que não vence há três partidas.

O último triunfo do Dragão foi contra o Fluminense na 9ª rodada.

Grêmio e Fluminense

Fluminense e Grêmio se enfrentam às 16h, com transmissão da TV Globo. O duelo será o primeiro que o Imortal fará no Rio Grande do Sul, após as fortes chuvas que assolaram o estado no início de maio. Os gaúchos jogam no Estádio Centenário, em Caxias. Além disso, Renato Gaúcho e seus comandados voltaram a treinar no CT Luiz Carvalho, em Porto Alegre. Já os cariocas tentam seguir a vida após a demissão de Fernando Diniz. Marcão busca seu primeiro triunfo como técnico do Tricolor do Rio, em casa, ele perdeu por 1 a 0 na sua estreia contra o Vitória.

Pela Série A, as duas equipes jogaram 62 vezes. Conforme o site o.ogol.com.br, houve 29 vitórias do Grêmio, 15 empates e 18 triunfos do Fluminense. O Tricolor Gaúcho tem bom retrospecto contra os cariocas, nos últimos 12 duelos em que se encontraram pelo

Brasileiro, perdeu apenas dois, venceu nove e empatou um. O time de Renato Gaúcho não perde para o Tricolor das Laranjeiras desde 2019, tendo uma sequência de seis triunfos consecutivos.

O duelo desta tarde coloca frente a frente duas equipes que vivem momentos delicados. O Flu só venceu uma das 12 partidas que realizou até aqui. Além disso, com apenas seis pontos, empatou três e perdeu oito. A campanha do Grêmio não é muito diferente, com sete pontos, a equipe venceu só dois dos 10 confrontos que disputou, perdeu sete e empatou um. Os gaúchos tiveram dois jogos adiados devido à tragédia no Sul. Quem vencer respira na competição, enquanto o perdedor pode se afundar ainda mais na crise.

Na tarde de hoje, às 16h, também jogam São Paulo e Bahia no Morumbis, duelo que marca mais um reencontro do ídolo Rogério Ceni com o torcedor do clube paulista. No Castelão, o Fortaleza recebe o Juven-

tude, os cearenses conseguiram emplacar uma sequência de três jogos sem perder após vencer o Palmeiras por 3 a 0, enquanto os gaúchos vêm de uma grande vitória diante do Flamengo por 2 a 1. Três jogos acontecem às 18h30, Vitória e Athletico-PR, no Barradão; Criciúma e Internacional, no Heriberto Hülse; e Flamengo e Cruzeiro, no Maracanã.

Flamengo e Cruzeiro

Após ter perdido para o Juventude em Caxias do Sul-RS, o Flamengo joga contra o Cruzeiro visando uma reabilitação na Série A. O Rubro-negro vinha de nove jogos sem derrotas, a melhor sequência que o técnico Tite teve à frente do time da Gávea, com oito vitórias e um empate. A última derrota havia acontecido, em sete de maio, para o Palestino na fase de grupos da Libertadores. O triunfo garante a permanência dos cariocas no topo na tabela por mais uma rodada.

O Cruzeiro tenta surpreender o Flamengo para

se aproximar da liderança do Brasileirão, os três pontos deixa o clube mineiro com um a menos que o Rubro-negro, que tem 24. Apesar de ainda não poder contar com seus novos reforços, o time aposta no bom momento de Matheus Pereira. O camisa 10 já marcou três gols e deu duas assistências na Série A, além disso, é fundamental para a construção ofensiva da equipe celeste. O meia acabou de renovar com a Raposa até 2026.

Pela Série A, o histórico de confrontos entre os times apresenta grande equilíbrio, em 60 jogos, cada clube venceu 23, tendo ocorrido 14 empates. No entanto, num recorte mais recente, o Flamengo leva a melhor, perdeu apenas uma das últimas 15 partidas que fez contra o Cruzeiro, empatou quatro e conquistou 10 vitórias.

Encerramento da rodada

Palmeiras e Corinthians fazem a partida de encerramento da 13ª rodada do Brasileirão ama-

nhã, às 20h, os dois clubes jogam na casa do Alververde. Dependendo de uma combinação de resultados dos jogos de hoje, o time de Abel Ferreira pode assumir a liderança da Série A, em caso de vitória no clássico. Já o Timão pode acabar a rodada na vice-lanterna se perder.

Futebol de Seleções

Dois jogos movimentam a Copa América hoje. Os duelos entre Jamaica e Venezuela e México e Equador marcam o fim da primeira fase da competição para essas equipes. As partidas do Grupo B acontecem às 21h. Os venezuelanos já estão classificados para o mata-mata, mexicanos e equatorianos lutam pela outra vaga. Os confrontos serão transmitidos pelo Sportv.

A Eurocopa também movimentou o futebol de seleções no dia de hoje. Dando continuidade às oitavas de final da competição europeia, ocorrem dois jogos: Inglaterra e Eslováquia, às 13h; e Espanha e Geórgia, às 16h.

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO

11h
Atlético-MG x Atlético-GO
Premiere
16h
Grêmio x Fluminense
Globo e Premiere
São Paulo x Bahia
Globo e Premiere
Fortaleza x Juventude
Globo e Premiere

18h30

Vitória x Athletico-PR - Premiere
Flamengo x Cruzeiro - Premiere
Criciúma x Internacional
SporTV e Premiere

SÉRIE B

11h
Avai x Amazonas
SporTV e Premiere
16h
Paysandu x Operário-PR
Band e GOAT
18h30
Guarani x Ponte Preta
GOAT e Premiere

SÉRIE C

16h30
Floresta x Caxias - DAZN
Ferroviária x São José-RS - DAZN

COPA AMÉRICA

21h
Jamaica x Venezuela - SporTV
México x Equador - SporTV

EUROCOPA

13h
Inglaterra x Eslováquia
Cazé TV e Prime
16h
Espanha x Geórgia
Cazé TV e Prime

Jogadores da Venezuela comemoram gol na vitória sobre o México por 1 a 0 e hoje vão enfrentar a Jamaica

TURISMO CULTURAL

Fazenda Tanques de portas abertas

Local no Brejo paraibano é apontado como maternidade para negras escravizadas durante o século 19

Rosa Aguiar
Especial para A União

A Fazenda Tanques, propriedade privada que é patrimônio cultural e arquitetônico de 1823, localizada às margens da BR-104, distante apenas 6 km da cidade de Remígio, no Brejo paraibano, se abre para o turismo recebendo grupos para visitas guiadas de estudantes de escolas, universidades e grupos diversos, para a realização de eventos e cafés.

No passado, o local era um grande complexo rural formado por casa-grande, senzala, curtume, área de tanques para armazenar água, pasto para pecuária e plantação de agave. Entretanto, é reconhecida por todos da região por ter sido também uma maternidade para negras escravizadas.

A tradição oral conta que as ruínas da Fazenda Tanques são um registro da história do passado escravocrata de Areia, já que Remígio era distrito do município. A área pertencia ao rico comerciante português de escravizados chamado Francisco Jorge Torres — o Jorge Marinheiro, proprietário também do Casarão José Rufino, localizado no Centro de Areia, onde existia uma senzala urbana.

O casarão foi recentemente recuperado e está aberto a visitação. Gerações de moradores da região contam que era na Fazenda Tanques que as mulheres escravizadas de propriedade de Jorge Marinheiro vinham de Areia para ter seus filhos, que, em pouco tempo, seriam separados para a venda.



Fotos: Arquivo pessoal/Rosa Aguiar

■ Espaço rural está localizado às margens da BR-104, distante apenas 6 km da cidade de Remígio

Há 200 anos, o grande complexo rural era formado por casa-grande, senzala, curtume, tanques para armazenar água, pasto para pecuária e plantação de agave

Memória

Pela tradição oral, as ruínas do lugar são um registro da história do passado escravocrata de Areia, já que Remígio era distrito do município

Na época, a reprodução de pessoas escravizadas significava novos ganhos comerciais. O Marinheiro Jorge comercializou mais de uma centena de negros escravizados e dizem que as negras vinham para Tanques porque era menos frio — já que é localizada na divisa com a região do Agreste.



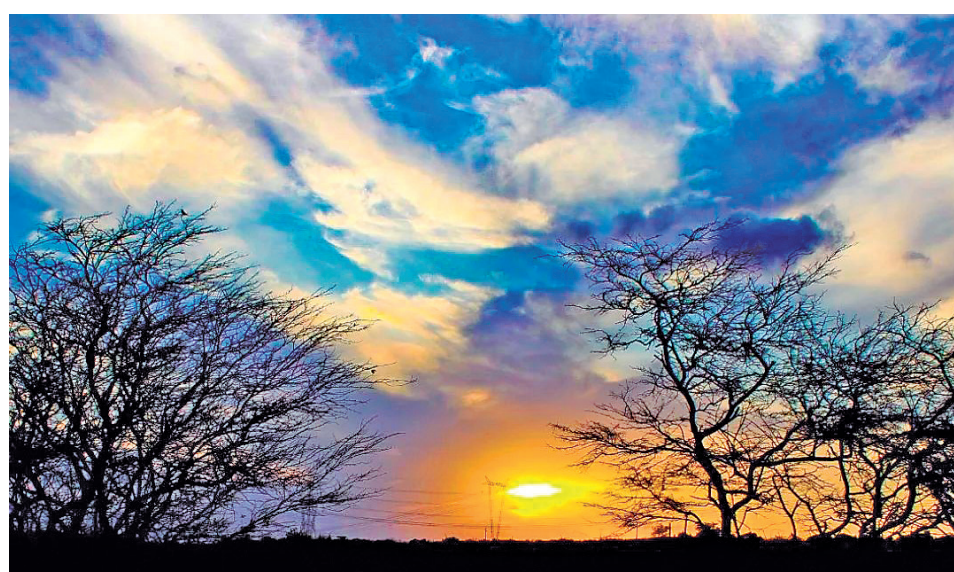
Use o QR Code acima para acessar o perfil oficial da Fazenda Tanques no Instagram



Patrimônio promove eventos de pesquisa e de lazer na região

Para chegar ao exato local apontado como a maternidade na Fazenda Tanques, é preciso seguir o que os guias chamam de “trilha cultural”, enquanto se observa a natureza e sua flora típica. É um caminho curto para chegar a algumas ruínas, uma delas formada por uma casa feita de pedras e paredes grossas, apenas uma porta de entrada e saída, e com apenas uma janela, que teria uma grade. Lá seriam realizados os partos e onde ficavam mães e filhos até eles serem comercializados.

De acordo com o pesquisador e professor Raimundo Segundo, a Fazenda Tanques “era uma fazenda de gado e também de gente”. Ele é um dos guias da equipe que recebe os visitantes e mostra todo o local, que tem ainda as ruínas de uma possível senzala, o curtume onde eram tratados o couro dos animais e uma grande área cercada por murais antigas. Esse também pode



É possível agendar grupos para fazer um passeio e também piqueniques durante o pôr do sol



No local, atividade artística feita pela Escola Estadual Irineu Joffily, da cidade de Esperança

ter sido um dos primeiros lugares no Nordeste onde foi feito o represamento de água para a fazenda, e daí o nome de Tanques.

O lugar recebeu, em 2020, a visita do escritor e pesquisador Laurentino Gomes, autor da trilogia *Escravidão*. Ele gravou um vídeo impressionado com as informações da tradição oral sobre o lugar. “A reprodução sistemática era uma das formas do sistema escravista pouco documentada, como se fosse a pecuária hoje”. O escritor ressalta que informações importantes para as pesquisas sobre a dinâmica da escravidão e seus processos não eram registradas em papel e lápis, mas na tradição das histórias passadas pelas gerações, que podem esclarecer diversos fatos.

A Fazenda Tanques sempre esteve fechada para visitação e, depois de mais de 200 anos, ela se abre para o turismo cultural, de experiência e para a promoção de eventos

de pesquisa, como o que aconteceu recentemente, intitulado *Reflexões sobre a memória da escravidão no interior da Paraíba*, que recebeu estudantes, professores, pesquisadores e profissionais de diversas áreas do conhecimento.

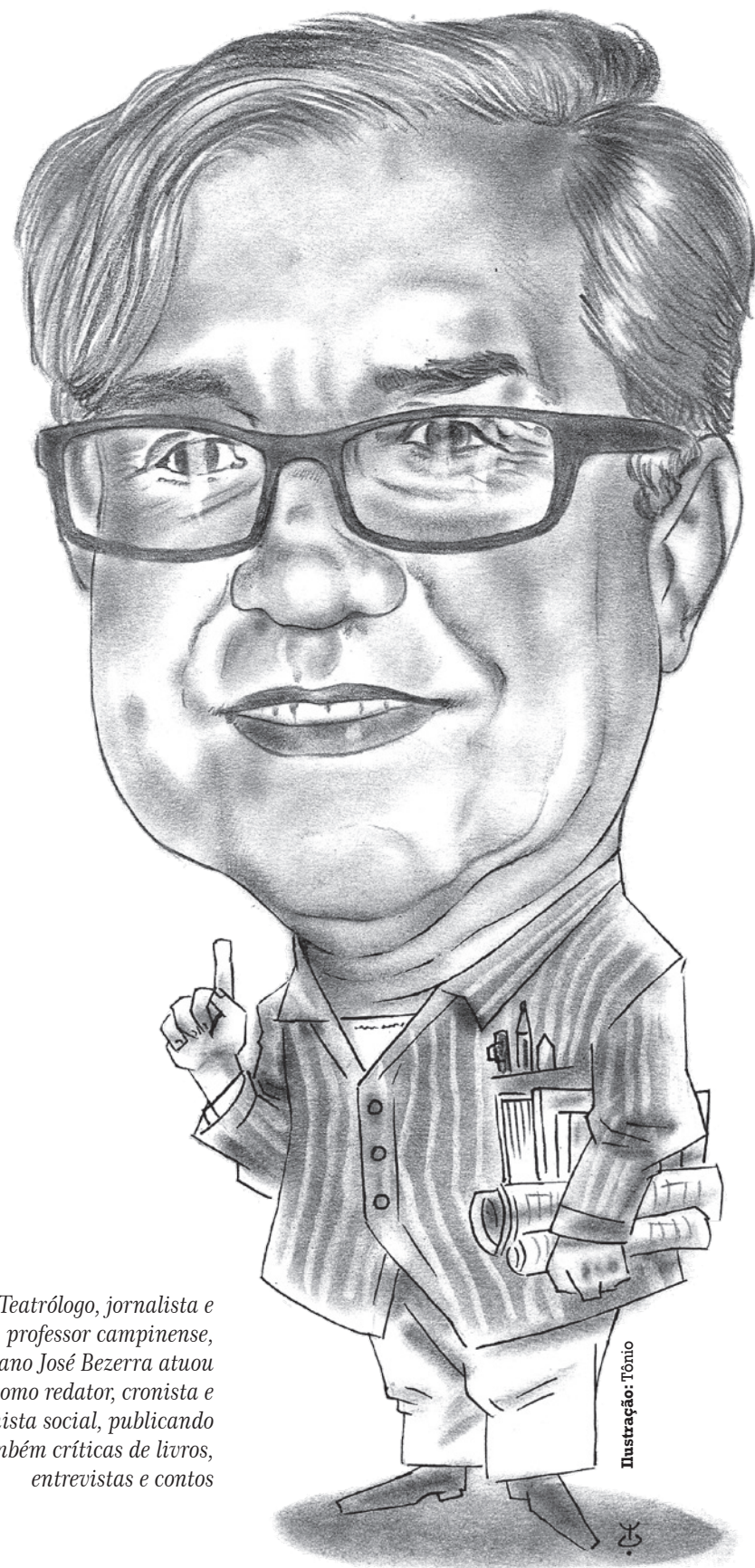
Sem dúvida, um lugar que poderá revelar ainda muitas informações sobre esse nefasto período da história do Brasil, que é preciso conhecer para aprender as lições. A Fazenda Tanques possui uma área de apoio para os visitantes formada por um café para lanches rápidos com mesas, redes para descanso e banheiros.

É possível agendar grupos grandes para cafés e piquenique durante o pôr do sol. Está aberta para visitação nos sábados, das 14h30 às 16h30, e nos domingos, das 9h até as 11h. Agendamentos devem ser feitos pelo telefone (83) 99184-5711 ou pelo perfil oficial do local no Instagram (@fazendatanquesrmg).

Fotos: Reprodução/Instagram

Hermano José Bezerra

Trajatória cultural marcada pelo colonismo social de estilo sofisticado



Teatrólogo, jornalista e professor campinense, Hermano José Bezerra atuou como redator, cronista e colunista social, publicando também críticas de livros, entrevistas e contos

Ilustração: Tônio

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A interseção entre arte e mídia esteve tanto na vida quanto nas aulas do teatrólogo, jornalista e professor campinense Hermano José Bezerra de Lima. Sua trajetória nas letras e nos palcos procurou driblar desafios para fortalecer e promover a cultura de sua terra natal, fazendo uso, especialmente, dos meios com os quais colaborou como colunista social.

Primo do casal Maria José Costa Bezerra e José Bezerra de Lima — mais conhecido como Zé Bezerra, radialista que despertava os campinenses com o programa *Bom dia Nordeste* — nasceu em 14 de outubro de 1943, em Campina Grande, e já aos quatro anos foi iniciado nas letras. Entre idas e vindas a Pernambuco, para realizar parte dos estudos, concluiu o curso ginásial em 1962, em Campina Grande e, anos depois, também o chamado curso clássico, que correspondia hoje ao Ensino Médio.

Nessa época, aventura-se na escrita de um romance-novela, *Os diabos moram conosco*, e, em 1967, assume a direção do espetáculo *O Santo e a Porca*, comédia de Ariano Suassuna, que foi montada pelo Grupo Experimental Várias Artes, do qual também foi fundador. Cultivou uma relação profunda com o teatro, seja participando de mais de 30 espetáculos, alternando-se entre as funções de ator e diretor, seja escrevendo peças, como *O Glorioso retorno de Lili Chaves*, *A justiça cega* ou *Martírio de João Vermelho e Cadeia dos Ventos*, dentre outras.

A sobrinha de Hermano José, Mônica Bezerra, destaca que a arte do tio

sempre teve um pé nas questões sociais. É também nesse ponto que ele se encontrava com a atividade jornalística, formação que buscou quando da criação do Curso de Comunicação Social, na Universidade Regional do Nordeste (1973), atual Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), onde se formou no ano de 1978.

Paralelamente aos estudos, já assumia funções nos veículos de jornalismo do estado: foi cronista social e estagiário no *Jornal da Paraíba*, no qual depois também atuou como redator, assim como no *Diário da Borborema*. Nesse último, publicou crítica de livros, entrevistas, contos e crônicas, como *A guerra depilatória*, *Longa espera*, *Aplausos de pé*, *Uma forte senhora frágil*, *Um Tipo Marcante* e *É proibido chover*, entre outros textos. Também assinou, no mesmo periódico, um espaço chamado *Coluna Teatrinho*.

No *Jornal da Paraíba*, Hermano José Bezerra discutia tanto questões sociais — a exemplo da educação e desnutrição —, quanto fazia críticas de espetáculos de teatro, sem também deixar de escrever os contos e crônicas. Numa dessas últimas, publicada em 1991, o jornalista discutia uma questão que volta e meia vem à tona ainda hoje, acerca do “Maior São João do mundo”: a introdução de outros ritmos na festa campinense. “A verdade é que os vilipendiadores da modernização esquecem que a tradição junina, se não agonizava, estava próxima disto, e as injeções de marketing vieram reavivar o espírito telúrico nordestino, que neste ano reapareceu com todo o seu vigor, expulsando ritmos estrangeiros, entronizando o forró e energizando a festa”, argumentava ele.

A trajetória de Hermano no jornalismo, no entanto, foi marcada pelo colonismo social, cujos textos se diferenciavam pelo estilo sofisticado. Mônica Bezerra, sobrinha do jornalista, destaca algumas das características dessas colunas: “Ele projetava as pessoas, mas também criticava e se posicionava. Tratava de determinados assuntos e aprofundava com grande poder de síntese”.

Além de dar as notícias de casamentos, prêmios e outros eventos, Mônica ressalta que Hermano José sempre procurava, como bom jornalista, contar histórias. “Ele colocava sempre uma pequena crônica, que continha alguma informação. Eram textos pequenos, mas informativos e, se tinha algum assunto em baila, ele se posicionava. Não era uma crônica de flocos”, resume.

Ainda nessa área, publicou anualmente, entre 1988 a 2006, os guias sociais “Sociedade da Borborema” e “Sociedade Campinense”, além de promover eventos beneficentes como o tradicional “Chá de Agosto”.

Preservação

Hermano José Bezerra de Lima atuou como professor do curso de Jornalismo na então Universidade Regional do Nordeste e depois no curso de Arte e Mídia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atual Universidade Federal de Campina Grande

(UFCC), onde permaneceu até 1992. Transitou ainda por outros órgãos ligados à cultura: foi diretor do Museu do Algodão e do Museu Histórico de Campina Grande, e diretor do Teatro Municipal Severino Cabral por duas ocasiões (1981 a 1985 e 1996 a 2002), na mesma cidade.

Apreciador de sua terra natal, envolveu-se em projetos para preservação de prédios de estilo arquitetônico *art déco*, empenhando-se com outros profissionais para o tombamento da área central da cidade. Considerava um verdadeiro crime algumas reformas nos prédios que retiravam as linhas geométricas, caracterizadoras do estilo. “O que o Pelourinho representa para Salvador, o *art déco* representa para Campina Grande. Então seria um atrativo turístico muito forte se se preservasse e se divulgasse, incluindo num *city tour*”, defendeu Hermano José em uma entrevista concedida para o *Programa Diversidade*, da TV Itararé, afiliada local da TV Cultura.

Hermano José Bezerra de Lima ocupou, a partir de 7 de maio de 1994, a cadeira número 29 da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Morreu em 24 de novembro de 2014, sem deixar esposa nem filhos, mas com um livro ainda inédito de poesia chamado *Flor Selvagem*, que a sobrinha Mônica Bezerra pretende publicar.



Foto: Reprodução/Arquivo A União

No jornal, Hermano discutia tanto questões sociais quanto fazia críticas de espetáculos teatrais

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os conjuntos vocais – XXIII

Quarteto em Cy — No início, quando se mudaram para Salvador, as quatro irmãs, nascidas no interior da Bahia (cidade de Ibirataia), cantavam em duas duplas. Convidadas pela TV Itapoá, Cyva, Cynara, Cybele e Cylyne de Sá Leite Chakur decidiram formar um quarteto a que se autodenominaram de *Girls from Bahia*.

Em 1959, Cyva, a mais velha delas, então com 20 anos, resolveu ir tentar a carreira artística no Rio, para onde, pouco depois, seguiram as outras irmãs. Lá, desembarcadas como eram, aproximaram-se de Vinicius de Moraes que, galanteador que já era, decidiu apoiá-las em suas pretensões e, “de cara”, já foi dando-lhes um nome que, como era seu hábito de verbalizar, tinha que ser no diminutivo: As Baianinhas. O amigo Carlos Lyra “torceu o nariz” e propôs algo mais “palatável”: Quarteto em Cy foi a sugestão, aceita de imediato. Com o aval dos dois, elas já eram apresentadas pelo primeiro como “o melhor conjunto do Brasil”, o que serviu para lhes ir “abrindo as portas”...

Assim, em 1963, o quarteto gravou, com a participação de Catulo de Paula, a trilha sonora para o filme “*Sol sobre a lama*”, de Alex Viary. O primeiro show veio no ano seguinte, na boate carioca Bottle’s, o que as levou à famosa casa noturna Zum-Zum, onde se apresentaram ao lado do “padrinho” Vinicius de Moraes e do contêrneo Dorival Caymmi, com produção de Aloysio de Oliveira, que as levou a gravar o primeiro álbum (LP): *Quarteto em Cy* (selo Forma), com destaque para a interpretação de dois sucessos — “Reza” (Edu Lobo/Rui Guerra) e “Berimbau” (Baden Powell/Vinicius de Moraes). Melhor “cartão de visitas” não haveria...

Logo em 1965, vem o segundo LP, *Som Definitivo* (também pela Forma), que trazia “Arrastão” (Edu Lobo/Vinicius de Moraes) e “Das rosas” (Dorival Caymmi). Em seguida, em 1966, gravam o terceiro LP também com o nome *Quarteto em Cy*, lançado pelo incipiente e vitorioso selo da nova gravadora, Elenco, criação do

Quarteto em Cy foi criado no interior da Bahia, no começo dos anos 1960



Foto: Reprodução/CID

produtor Aloysio de Oliveira, “carro-chefe” do então novo gênero conhecido como bossa nova, cujas faixas de destaque foram “Pedro Pedreiro” (Chico Buarque) e “Canto de Ossanha” (Baden Powell/Vinicius de Moraes).

Influenciadas por aquele momento musical e inspiradas pelos arranjos sofisticados que já vinham sendo postos em prática, a partir da segunda fase de Os Cariocas, elas foram sedimentando seu espaço, que também seria seguido pelos rapazes do MPB-4, todos esses fazendo parte do que se convencionou chamar de moderna música popular brasileira. Naquele mesmo ano, Cylyne, para assumir o matrimônio, deixou o grupo, sendo substituída pela cantora carioca Regina Werneck, que, por motivos óbvios, optou pelo nome artístico de Cyregina. Ela permaneceu no grupo por apenas dois anos (1966-67). A este propósito, o Quarteto em Cy sofreu algumas modificações: em 1968, saem Cynara e Cybele, sendo substituídas por Cynthia e Cymiramis (nomes artísticos).

O Quarteto esteve nos EUA por duas vezes, em 1966, quando ali gravaram o LP *Pardon my English*, lançado em 1967, com um misto de músicas nossas e deles, e voltaram a adotar o antigo nome (The Girls from Bahia; após o retorno rápido ao Brasil, onde participaram do *Show do Crioulo Doido*, de Sérgio Porto, aconteceu uma segunda ida, com Cyva já casada com Aloysio de Oliveira, após o que o grupo entrou numa espécie de recesso, só voltando a se reunir em 1972.

Em 1972, restavam do grupo original Cyva e Cynara, que voltara, formando quarteto com Soninha (Sônia Maria Ferreira de Medeiros Albuquerque) e Dorinha (Dora Tapajós Gomes); em 1979-80, Cybele volta a ocupar seu lugar, saindo do grupo a substituta Dorinha. Ao que se sabe, esta foi a última formação do Quarteto em Cy: Cyva, Cynara, Cybele e Soninha.

Muitos álbuns (LPs) foram gravados pelo grupo, dentre os quais citamos: *Quarteto em Cy*, com destaque para “Quando o Carnaval chegar” (Chico Buarque) pela

Odeon, 1972; *Antologia do Samba-Canção*, com um *pot-pourri* de Ary Barroso, Lupicínio Rodrigues, Herivelto Martins, entre outros, pela Philips, 1975; com o MPB-4, gravou “Cobra de Vidro”, em 1978; alguns dos álbuns gravados na década de 1980: *Quarteto em Cy* interpreta Caetano, Milton, Gonzaguinha e Ivan, pela Philips; *Pontos de Luz*, pela Som Livre; *Para fazer feliz a quem se ama*, pela CBS; na década de 1990, *Bate-boca*, com músicas de Chico Buarque e Tom Jobim, contando novamente com a participação do MPB-4; “Chico em Cy” e “Vinicius em Cy”, ambos pela CID; *Trinta anos depois*, pela Polygram; e *Brasil em Cy*, pela CID. Ai, apenas um resumo da profícua atuação no que se refere às gravações.

Dentre outras apresentações no exterior, algumas merecem destaque: em 1989, participaram, em Tóquio, de um Festival de Bossa Nova, com apresentações em canais de TV; ainda retornaram ao país em 1997, ano em que receberam o Prêmio Sharp de Música, como o melhor conjunto vocal em atuação, quando do lançamento do CD *Bate-boca*, com participação do MPB-4 e com repertório dedicado às parcerias de Chico Buarque e Tom Jobim; antes, em 1992, haviam ido à Espanha, a convite do governo espanhol, por ocasião das comemorações dos 500 anos do Descobrimento das Américas, onde se apresentaram com Gilson Peranzetta e Maria Creuza.

Os 30 anos de carreira do quarteto foram comemorados, em 1994, com o lançamento de dois CDs: *Tempo e Artista* e *Trinta Anos*.

Ao que consta, o Quarteto em Cy apresentou-se pela última vez em 2005, quando das comemorações dos 40 anos de carreira do grupo, quando aconteceu o espetáculo em comemoração à data, no Teatro Rival (RJ).

Os dois grupos, Quarteto em Cy e MPB-4, com Os Cariocas, marcaram época no significativo momento de criação e evolução de renovação da música popular brasileira, a Bossa Nova.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Viva o rádio! Viva padre Landell!

Em 1899, o padre brasileiro Roberto Landell de Moura (1861-1928) fez a primeira transmissão de voz e música por ondas de rádio da história da humanidade. O calendário marcava o dia 16 de julho e a primeira coisa que Landell falou foi: “Toquem o Hino Nacional!”. Essa pioneira transmissão foi feita em São Paulo, entre o Colégio Santana, na Zona Norte da cidade, e a Ponte das Bandeiras (numa distância de quatro quilômetros aproximadamente).

Tal evento, de acordo com pesquisas do jornalista Hamilton Almeida, ocorreu 23 anos antes da primeira transmissão oficial de rádio no Brasil, realizada em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro, para que a população pudesse ouvir o discurso do então presidente da República, Epitácio Pessoa, paraibano de Umbuzeiro.

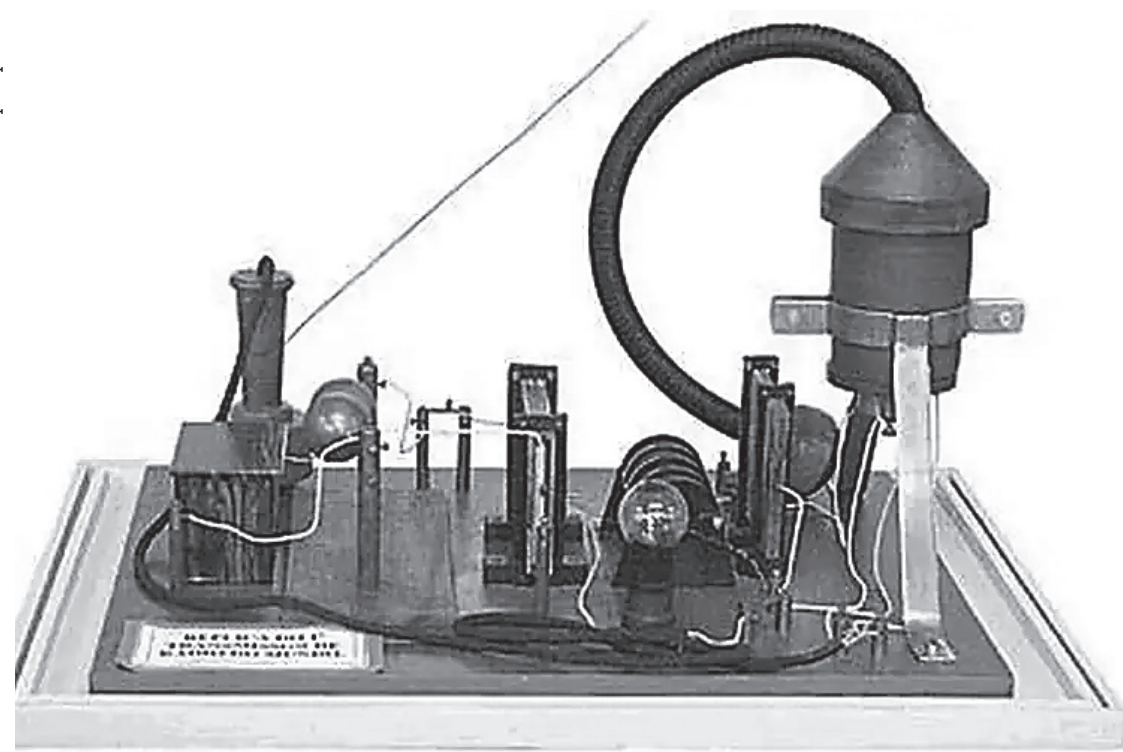
Biógrafo do padre Landell, Hamilton lançou, em 2022, o livro *Padre Landell: o brasileiro que inventou o wireless* (Editora Insular), fruto de 45 anos de pesquisas. De 1899 para cá, o rádio evoluiu muito e, a despeito das novas invenções de mídia, continua sendo um dos mais importantes meios de comunicação do país.

Atualmente, 80% da população brasileira ouve rádio, sendo que o tempo médio de escuta é de 3h55 por dia. Os dados se referem a 13 regiões metropolitanas do país, pesquisadas pela Kantar Ibope Média e que integram o Inside Audio 2023, divulgado em setembro passado. O estudo também mostra que 76% dos entrevistados acreditam que o rádio está



Foto: Hamilton Almeida/Arquivo pessoal

Padre Roberto Landell de Moura (1861-1928) conviveu com a fé e as ciências, promovendo a primeira transmissão de voz e música por ondas de rádio da história



se modernizando em relação a conteúdo e formato. E a credibilidade do veículo também é alta: 64% dos ouvintes confiam nas notícias veiculadas.

Mais: se alguém achava que a internet iria sepultar o rádio, errou feio! Na verdade, a internet mudou a rotina dos ouvintes, mas isso contribuiu muito para a renovação desse meio. Ainda conforme o Inside Audio 2023, temos que: o tempo médio dedicado ao rádio na web é de 2h45 por pessoa, a maioria das pessoas escuta rádio pelo celular (67%), seguido

de computador (29%) e outros equipamentos (11%).

O conteúdo das rádios também é consumido por meio do YouTube (segundo 39% dos entrevistados), redes sociais (25%), *podcasts* (22%) e *streaming* de áudio (12%). Quem diria que a primeira transmissão de Landell chegaria a tanto!

Em 2024, o grande feito do padre-inventor brasileiro completa 125 anos. Infelizmente, o gaúcho Roberto Landell de Moura ainda é ignorado por boa parte da população. E seu feito histórico, de caráter

mundial, ainda é muito pouco reconhecido. Sim, um padre brasileiro é o verdadeiro inventor do rádio (e não o físico italiano Guglielmo Marconi). Viva padre Landell e sua dedicação à ciência!

(...)

Em tempo: para a construção deste texto, utilizei, como fonte de pesquisa, reportagens da Agência Brasil, da CNN Brasil, da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Ábert) e do site *Jornalistas & Cia*.



Foto: Reprodução

Eita!!!!

Dia Internacional do Reggae

Amanhã, 1º de julho, é comemorado o Dia Internacional do Reggae, data criada pela produtora cultural Andrea Davis, cujo objetivo é celebrar a criatividade musical da Jamaica, unindo a comunidade reggae ao redor do mundo.

Começo de tudo

O ritmo do reggae tem origem na Jamaica. Em 1967, foram lançadas algumas músicas que datam o início do ritmo que se conhece hoje, misturando, pela primeira vez, o rocksteady e o ska — ritmo bastante explorado pela banda mineira Skank, incluindo no batismo da banda. Alguns artistas de destaque dessa época foram o Jimmy Cliff, Johnny Nash e a banda The Wailers — com Peter Tosh, Bunny Wailer e Bob Marley. Já, no Brasil, a música se iniciou no Maranhão, sendo protagonista dos bailes nos anos de 1970.

Além do som

A base do reggae tem origem no ativismo negro, na expressão artística e na religião rastafári. Muitos músicos do movimento utilizaram o estilo musical para difundir sua mensagem religiosa de paz, amor, igualdade, liberdade, resistência e respeito à natureza.

Estereótipo da erva

A cannabis é muito associada ao ritmo do reggae, mas por quê? Ainda aplicando os conhecimentos do rastafári, a ganja (mais conhecida como maconha) é considerada sagrada e só deve ser fumada em rituais específicos, para aliviar sintomas de doenças, buscar sabedoria e reflexão, alcançar paz de espírito e iluminação. Então, enquanto os adeptos e artistas estavam usando a ganja por seus motivos religiosos, o resto do mundo achava que era apenas a "curtição" de uma música mais lenta e ritmada, nascendo o estereótipo ligado à erva. Outra curiosidade: no rastafári não é obrigado a fumar a ganja, necessariamente.

Além do Bob Marley

Bob Marley (foto acima) foi o principal difusor do ritmo de reggae no mundo, vendendo mais de 75 milhões de discos. Mas existem vários artistas nesse gênero que vieram antes e depois do cantor e compositor: "Hold Me Tight", de Johnny Nash, foi o primeiro sucesso do reggae, em 1968; Johnny Nash também teve outros sucessos, como "I Can See Clearly Now", famosa na voz de Jimmy Cliff, em uma versão de 1993; e Ziggy Marley (um dos filhos de Bob Marley) mistura rap e reggae em suas músicas. Já, no Brasil, um dos maiores artistas do estilo é Gilberto Gil, que mistura com a MPB. O reggae ganhou força nos anos de 1980 e 90, por conta de bandas como Natiruts, Planta e Raiz, Tribo de Jah, Chimarruts, dentre outras.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Google quer criar chatbots que imitam as celebridades

Ideia central é que recurso interaja com usuários para incorporar estilo do artista

Bruna Arimathea
 Agência Estado

O Google está construindo uma inteligência artificial (IA) para conversar com usuários como se fosse uma celebridade. O projeto, que deve usar o modelo de linguagem do Gemini, foi divulgado pelo site *The Information* na última segunda-feira (24), e pode ser mais uma das IAs que querem aproximar fãs de artistas por meio da tecnologia.

Segundo o *The Information*, o Google ainda não teria definido quais celebridades poderiam participar do projeto, mas a ideia central é que o recurso funcione como um chatbot para interagir com usuários. Um grupo de 10 pessoas, liderado por Ryan Germick, da equipe do Google Doodles, estaria desenvolvendo a ferramenta, de acordo com o site.

Empresas como a Character AI e a própria Meta, de Mark Zuckerberg, já oferecem serviços em que os usuários podem fingir estar conversando com celebridades do mundo real.

Na Character AI, empresa cofundada pelo brasileiro Daniel de Freitas, personalidades como Winston Churchill, Billie Eilish, Elon Musk, Tony Stark ou Sócrates podem responder perguntas do público, em uma brincadeira que faz o chatbot incorporar o estilo de cada artista nos textos e nas informações.

Já, na Meta, a interação é um pouco mais sutil. A empresa fez parcerias com



Foto: Divulgação/Ebontics Live

Meta fez parcerias com artistas como Snoop Dogg para dar vida a um personagem fictício

personalidades como Snoop Dogg, Charli D'Amelio, Naomi Osaka, Tom Brady e Paris Hilton para que eles dessem vida a um personagem fictício.

Esses personagens, baseados em características dos artistas — e com uma ajudinha dos próprios para desenvolver um tipo de comunicação — é que conversam com os usuários pelo WhatsApp. A ferramenta, porém, ainda não está disponível no Brasil.

Agora, o Google quer entrar na mesma onda para ajudar a popularizar sua inteligência artificial que já tem usos semelhantes ao ChatGPT, da OpenAI. O Gemini é integrado, atualmente, às buscas e a serviços da gigan-

te das pesquisas, como Google Docs, Planilhas e Gmail, além de ter uma plataforma própria para o chatbot.

Ainda, de acordo com o *The Information*, o recur-

so é, por enquanto, um experimento da divisão de Labs da empresa, o que significa que a ferramenta pode ou não vir a público, já que está em caráter experimental.



Imagem: Pixabay

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Em favor (1) = pro + divisão (2) = cissão/cisão. **Solução:** corte (3) = procição. **Charada de hoje:** A nota musical (1) sempre aparecia no documento papal (2), dando origem àquela curta narrativa (3).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde

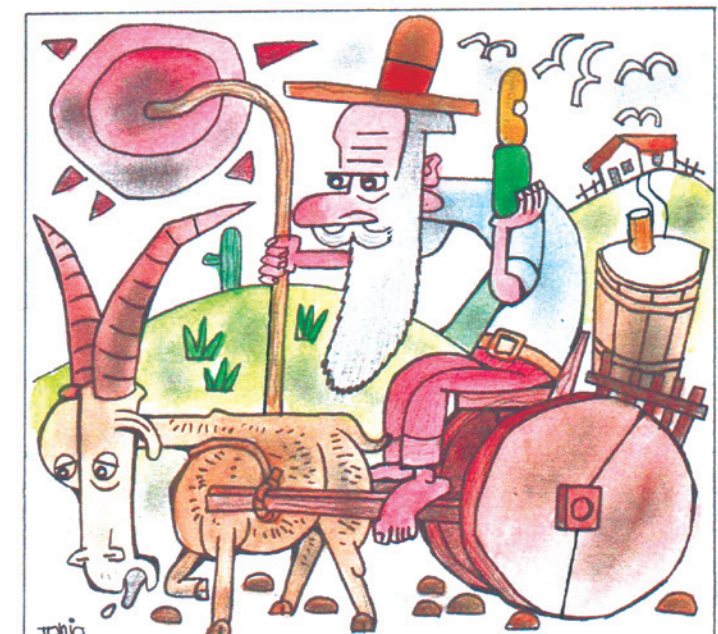
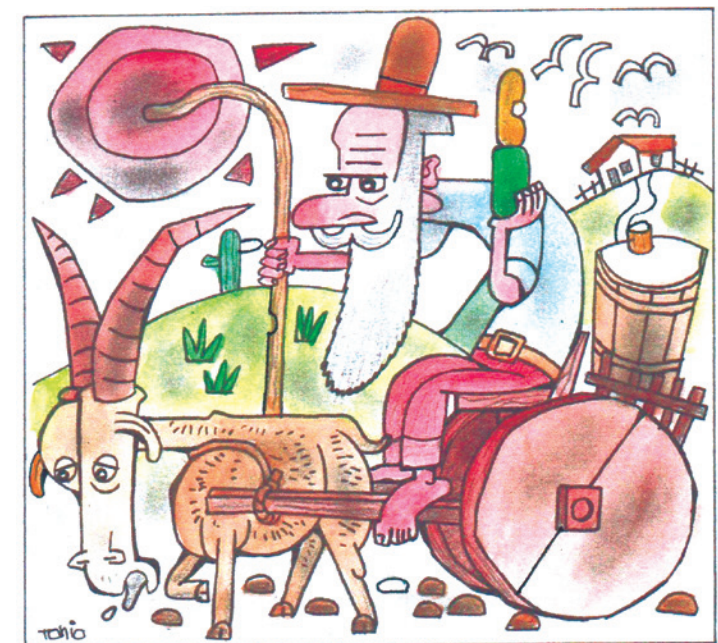


Zé Meiota



9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - roda; 2 - bigode; 3 - rolha do barril; 4 - caminhar; 5 - pedras; 6 - cajado; 7 - orelha do bode; 8 - cacto; 9 - chdpen.